J. P. PORTO-CARRERO

ENSAIOS DE PSICANALISE

2ª EDIÇÃO

LOPES & MORAES

ENSAIOS DE PSICANÁLISE

IRMÃOS PONGETTI imprimiram

J. P. PORTO-CARRERÓ
Professor catedrático da Universidade do Rio de Janeiro
Membro honorario da Academia Nacional de Medicina

ENSAIOS DE PSICANÁLISE

2.ª Edição, revista

FLORES & MANO — editores
Ouvidor, 145 — Rio de Janeiro, 1934

OUTROS TRABALHOS DO AUTOR

Do Diagnostico Precoce da Tuberculose pelos Raios Roentgen — Tese de doutoramento — 1910.

Seleção Fisiologica nas Escolas de Apr. Marinheiros — Revista Maritima — 1914.

Antropometria Escolar — Rev. Educação e Pediatria — 1914.

A Anquilostomose na Marinha Nacional — Brasil-Medico — 1918.

Profilaxia Anti-venerea na Armada — 1.° Congresso de Dermatologia — 1918.

Consequencias Juridicas da Sifilis — Tese de Concurso — 1918.

Da Agonia, Morte e Cadaverização — Revista Faculdade de Direito — 1919.

Alcoolismo e Tuberculose, em face da Higiene Publica — Ibidem — 1920.

Higiene dos Submersiveis — Arquivo de Higiene e Medicina Militar — 1919-1920.

Um serviço de Neuropsiquiatria e Medicina Legal — Folha Medica — 1922.

As Doenças do Mundo — Rio — 1922.

Da Liberdade Profissional Medica e Paramedica — Congresso dos Praticos — 1922.

Os Venenos Sociais (Col. com o Prof. Candido de Oliveira) — Rio — 1923.

Caso de Sinistrose tratado pela Psicanálise — Com. Soc. de Neurologia — 1924.

Os nervosos e Mentais na Marinha — Arquiv. Hospital da Marinha — 1927.

Os Novos Horizontes da Medicina Legal — Public. do Centenario dos C. Juridicos — 1927.

O Ensino Tecnico do Direito — Circulo do Magisterio Superior — 1928.

Psicanálise e Aplicações Medico-Legais — Rio — 1929.

Criminologia e Psicanálise — Rio — 1932.

A Psicologia Profunda ou Psicanálise (2.ª edição) — Rio — 1933.

Sexo e Cultura — Rio — 1933.

Psicanálise de uma Civilização — Rio — 1933.

Grandezas e Miserias do Sexo (em preparo).

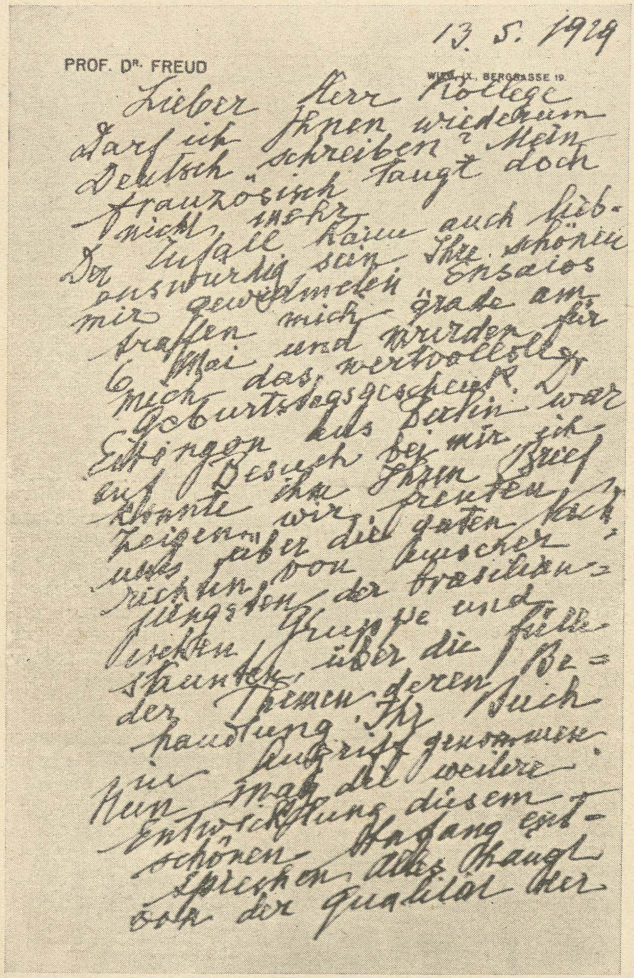
Outros trabalhos menores deixam de ser citados, assim como os incluidos no presente volume.

A S.Ex. o Snr.

Professor SIGMUND FREUD

— veneração pelo seu vulto de sabio
— gratidão pelo acolhimento dado ao meu esforço

Fac-simile de uma carta do prof. Sigmund Freud, acusando o recebimento da 1.ª edição deste livro

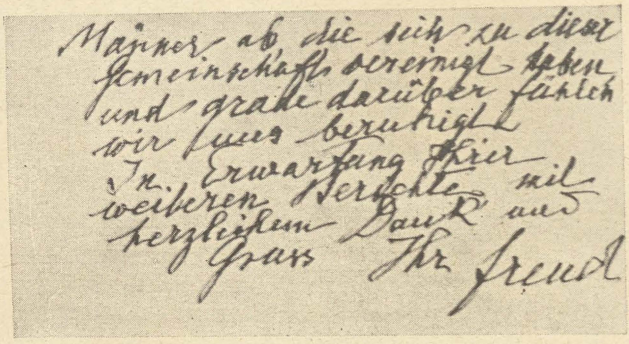


13. 5. 1929

PROF. Dr. FREUD

WIEN IX. BERGGASSE 19

Lieber Herr Kollege
darf ich Ihnen wiederum
Deutsch schreiben? Mein
Französisch taugt doch
nicht mehr.
Der Einfall kann auch sich
unsinnig sein. Ihre schönen
mir gewidmeten Essays
trafen mich grade am
6. Mai und wurden für
mich das wertvollste
Geburtsdagsgeschenk. Der
Eröffnungs Bahn war
auf Besuch bei mir, ich
konnte ihn Ihnen zeigen
und wir freuten
uns aber die guten Nach-
richten von Ausscher
fliegsten der brasilian-
ischen Gruppe und
der Frauen über die Fälle
handlung. Ihr Buch
ist hier genommen.
Nun mag die weitere
Entwicklung diesem
schönen Anfang ent-
sprechen. Alles hängt
von der Qualität der


Männer ab, die sich zu dieser
Gemeinschaft vereinigt haben
und grade darüber fänden
wir Ihnen beruhigt
Im Erwartung Ihrer
weiteren Berichte mit
herzlichem Dank und
Gruss Ihr Freud

Dessa carta se destaca o trecho seguinte:

"Der Zufall kann auch liebenswürdig sein. Ihre schönen mir gewidmet *Ensaios* traften mich grade am 6 mai und wurden für mich das wertvollste Geburtstagsgeschenk, Dr. Eitingon aus Berlin war auf Besuch bei mir, ich konnte ihm Ihren Brief zeigen; wir freuten uns über die guten Nachrichten von unserer jüngsten der brasilianischen Gruppe und staunten über die Fülle der Themen deren Behandlung Irh Buch zur Angriff genommen." — *o que pode traduzir-se*:

"O acaso tambem pode ser digno de estima. Os seus belos *Ensaios*, a mim dedicados, chegaram-me exatamente a 6 de maio e foram para mim o mais valioso presente de aniversario. O dr. Eitingon, de Berlim, estava de visita em minha casa e pude mostrar-lhe a sua carta; alegrámo-nos com as boas noticias dos nossos jovens do grupo brasileiro e admirámo-nos da quantidade de temas que o seu livro tomou em consideração."

A primeira edição deste livro, impressa em 1929, desde cedo ficou esgotada; esta nova, ha muito planejada, só agora, porém, podia vir a lume.

O autor, que tem pelo seu primeiro livro de psicanálise especial carinho, não queria deixá-lo voltar a publico sem completa revisão, pois, aspirando faze-lo perfeito, sentia-lhe lacunas que a critica não percebeu mas que podiam não escapar á agudeza dos técnicos.

Remodelado o livro, revisto, aperfeiçoado, com apresentação material mais cuidada, é de crer que o publico lhe dê ainda melhor acolhimento agora, do que nos poucos meses em que fez rapidamente esgotar-se a primeira edição.

Os Editores.

CONCEITO E HISTORIA DA PSICANÁLISE

Aula inaugural do Curso de Psicanálise da A.B.E.

"Reconhece toda a gente que o amor é um desejo; mas, por outro lado, sabemos que o desejo do belo se encontra tambem naqueles que não amam. Por onde, então, distinguir os que amam, dos que não amam? Ha em cada um de nós dous principios que nos governam e dirigem; e nós seguimos aonde nos levam eles: um é o desejo do prazer, que é inato; o outro é o gosto do bem, que é refletido."

"Quando as almas avistam uma imagem das cousas celestes, deixam-se arrebatar e não são mais senhoras de si; arrebatam-se, mas não chegam a reconhecer o que experimentam, pois que não têm percepções bastante claras..."

"Em geral, o desejo do bem e da ventura, sob todas as formas, — eis, para toda a gente, o grande e industrioso Eros (Amor). Mas ha maneiras varias de entregar-se ao Amor; daqueles que bus-

cam o dinheiro, os exercicios fisicos, a filosofia, não se costuma dizer que amem, que sejam amantes; mas ha uma especie particular de amor, cujos adeptos e sectarios recebem os nomes do genero todo: amor, amar, amante... O amor é pois, em suma, o desejo da posse perpetua do bem; de onde se conclue que o amor é tambem o amor da imortalidade... Tudo quanto é mortal conserva-se, não por ficar exatamente tal qual era, — o que só é dado aos deuses — mas deixando sempre no lugar do individuo que envelhece e se vae, um individuo jovem, que o representa."

"O verdadeiro caminho do amor... parte da beleza sensivel e sobe incessantemente para essa beleza sobrenatural, passando por gradações, de um belo corpo a dous corpos formosos, de dous a todos; depois, dos belos corpos ás belas ações e ás belas ciencias, para terminar nessa ciencia da beleza absoluta e para chegar ao conhecimento da beleza, em si mesma."

Para aqueles a quem deleita a companhia do divino PLATÃO, nos seus passeios socraticos, ha de agradar talvez a relação, embora vaga, desses admiraveis conceitos do Fedro e do Banquete, com a filosofia moderna de SIGMUND FREUD.

O conceito da libido a transbordar do amor genetico, o recalcamento dos desejos e a inconciencia dos impulsos, os instintos de vida assimilados aos instintos sexuais, o caminho da virtude pela sublimação — tudo

aí está em germe. Restaria talvez a teoria do sonho, mas é do discipulo de SOCRATES aquela afirmação: bom é o homem que se contenta com realizar em sonhos o que praticam os maus, na vigilia.

Não se conclua daí ser FREUD um neoplatonico, como SANTO AGOSTINHO, nem mesmo um eclético, a VICTOR COUSIN. Medico e neurologo, versado na tecnica da anatomia fina e por isso mesmo insatisfeito com ela, buscou na fisiologia do sistema nervoso a explicação dos fatos psíquicos; e da psicologia classica, encerrada obstinadamente no circulo fechado do estudo do conciente, extrai ele essa nova ciencia — a psicanálise, por um processo de dedução experimental; e por meio dessa intuição divina que só possuem os genios constroe uma teoria que se acomoda perfeitamente aos resultados da experiencia.

Ele proprio confessa não ter o orgulho das suas idéas e admitir que outros as tenham melhores ou anteriormente as hajam apresentado semelhantes. Ele proprio consagra o principio da repetição (Wiederholung), que nos rege a vida, porque nos proporciona prazer. E se o progresso humano nada mais é do que a recapitulação dos mesmos fatos em planos superiores do desenvolvimento cultural, não é de assombrar seja FREUD a reprodução metempsicotica do grande peripatetico, refletida através das éras, engrandecida na grande lente dos séculos, original, não obstante, pois que é sempre original *vetera novis augere et perficere*.

Mergulhar no inconciente, que até hoje era região

defesa e inexplorada, sorprender-lhe a trama associativa das idéas recalcadas, rebuscar-lhe no intimo a carga dos afetos e dissocia-la; remover os tropeços da censura, decifrar o hieroglifo complicado dos símbolos que transvestem as imagens reais, desmascarar o aspecto das representações disfarçadas, retificar a corrente dos impulsos que se haviam desviado por meandros inextricaveis e, não podendo conseguir que o anelo encontre o alvo desejado, encaminhar a energia para aplicações uteis — tal a tarefa gigantesca da psicanálise.

Pelos seus processos se curam as neuroses e se subverte a arquitetura artificial da moderna psiquiatria; pela sua tecnica, se explica a historia das sociedades, cuja infancia mal difere da pre-historia individual; pelos seus metodos, se estuda a evolução da lingua, das religiões, da arte, da ciencia; se orienta a vocação; se norteia a moral; se encaminha a justiça; se guia os passos desse mister divino — a educação.

De simples metodo terapeutico, evolvendo até a categoria de ciencia, a psicanálise é tão psicologia quanto é mineralogia a ciencia dos geólogos; quanto a histologia é anatomia. Perlustrando o dominio do inconciente, mal esboçado pela psicologia, ela não se ocupa da percepção, da memoria, da atenção, da vontade, a não ser para estudar, indiretamente, a maneira por que sobre elas agem os impulsos de morte e os do sexo.

No dominio da ideação, o seu ponto de vista é bem diverso do psicologico, pois enquanto os classicos partiam da sensação para a razão, os psicanalistas par-

tem do inconciente, laboratorio íntimo onde se associa a maior parte das idéas, para o campo da conciencia, onde a associação é deformada pelo contacto com o mundo ambiente.

E' a psicanálise, assim, uma ciencia de pesquizas no mais profundo da psique, uma ciencia cujos metodos se guiam pelas manifestações afetivas, espreitando a fisiologia miuda dos processos mentais que escapam á vista desarmada da psicologia classica.

Que valeria a anatomia, sem o microscopio do histologista?

Que póde o geólogo saber sobre a formação das rochas, se lhe não mostrar o mineralogista a cristalização, o peso específico, a composição quimica do minerio? Que valem todas as leis empiricas sobre a afetividade, memoria, raciocinio e vontade, sem o estudo psicanalitico dos complexos recalcados, a interpretação dos símbolos, a decifração da linguagem onirica, o exame da associação livre das idéas?

No entanto, essa ciencia, no nascedouro, foi apenas metodo terapeutico; mas, lançada a semente, em breve se viu o semeador mergulhado entre a folhagem densa da seára prolifica. O metodo se desenvolveu como sistema filosofico e invadiu a esfera inteira das ciencias do espirito.

SIGMUND FREUD, que na proxima quinzena completará 72 anos de idade, é professor da Universidade de Viena e desde cedo se dedicara á neurologia, contando-se entre a sua obra trabalhos sobre a afasia e sobre as cerebropatias infantis. Pouco depois de di-

plomado, aperfeiçoou-se na França, na Salpêtrière, ouvindo as lições do grande CHARCOT e frequentou a escola de Nancy, onde colheu novos ensinamentos sobre a sugestão.

Em Viena, poz-se em contacto com outro medico, o dr. JOSEF BREUER, que observara, numa doente histerica, a melhora dos sintomas, após a revelação de recordações, durante a hipnose. FREUD já descrente da electroterapia, de que tanto se gloriava ERB, anima BREUER a prosseguir nas observações e, trabalhando juntos, praticam o chamado metodo catartico e publicam, juntos, o ensaio "Sobre o mecanismo psiquico do fenomeno histerico", verdadeiro marco miliario do esboço da psicanálise (1893). E' nesse trabalho que sustentam ambos: o histerico sofre, principalmente, de reminiscencias.

Ainda hoje, o que o vulgo sabe da psicanálise, afora a teoria sexual, nada mais é do que isto: um metodo que serve para se descobrir um trauma afetivo; e ha muito quem creia que, descoberto esse trauma, está conseguida a cura.

Bom seria tivesse o metodo essa simplicidade; mas não na tem, infelizmente; e é por isso que fracassam aqueles a quem FREUD chamou "psicanalistas selvagens", que desacreditam a nova ciencia e aumentam o numero dos cépticos.

Não podia FREUD parar aí. Logo diverge de BREUER na interpretação dos fenomenos e, discordando dos "estados hipnoides" com que o seu colaborador queria explicar a dissociação psiquica dos

histericos, concebe o grande mestre a teoria do recalcamento da idéa emotiva.

Coube, porém, á teoria sexual ser a causa da separação definitiva de BREUER e FREUD. Não compreendia aquele que os sintomas de certa doente pudessem ter qualquer relação com os impulsos sexuais. Mas no espirito de FREUD, a centelha do genio lhe dera a intuição do que mais tarde se provou pelo simbolismo, pela transferencia, pelo deslocamento, pela fixação, por todas essas transformações que sofre a libido (impulso sexual), sob a ação da censura.

Com a lealdade que lhe é apanagio e que é necessaria a todo psicanalista sincero, conta-nos, no entanto, FREUD o como concebeu a teoria sexual, através de reminiscencias de conversas com CHARCOT, com BREUER, com o ginecologista CHROBAK. Mas, nenhum destes reduzira a escrito nem desenvolvera o tema. Aquelas referencias que ouvira FREUD, ditas displicentemente, sobre um fator sexual em casos d neuroses, fizeram-lhe germinar no espirito a generalização do conceito e a criação da teoria.

Daí e da pesquiza das emoções da infancia, havia de nascer a descoberta da sexualidade infantil, idéa cujo nascimento nos conta o grande sabio, referindo a resistencia que em si mesmo tivera de vencer.

A lealdade do grande filosofo se desenha ainda na historia da teoria do sonho, quando cita as fontes de onde colheu os elementos para a onirologia, desde ARISTOTELES e ARTEMIDORO de Daldis; e confessa de-

ver a STEKEL, a seu proprio ex-discipulo e inimigo, grande contribuição para a simbolica dos sonhos.

E' impressionante acompanhar, na resenha historica que fez o mestre, ha 14 anos, a descrição da repulsa causada pela teoria sexual, que lhe valeu formar-se-lhe em torno o vacuo e a solidão. "Então, diz ele, decidi-me a crer que havia descoberto conexões particularmente significativas e prontifiquei-me a submeter-me ao destino que está ligado a tais achados". E figurava: "Verossimilmente, me seria dado manter-me com os resultados terapeuticos do novo metodo, mas, em vida minha, não tomaria a ciencia conhecimento de mim. Decenios mais tarde, alguem viria, infalivelmente, tocar nas mesmas idéas, hoje ainda temporãs, conseguiria que o meio as aceitasse e então, necessariamente me honraria como desventurado precursor".

Mas esse homem de infrangivel coragem não se rendeu, não se deixou abater. Aproveitou o isolamento para trabalhar, pesquizar, escrever. Data daí a *Traumdeutung* (Interpretação dos sonhos), concluida ao começar do ano de 1896, mas só publicada tres anos após.

Em 1902, consegue FREUD reunir em casa pequeno nucleo de amigos da psicanálise. E' o vencer da resistencia. Por singularidade, a evolução da nova ciencia tem extrema semelhança com o decurso de um tratamento psicanalitico; primeiro, a exposição sucinta do metodo, a associação das idéas, paulatina, trabalhosa; depois, a elaboração lenta, isolada, que o doente faz sosinho, entre sessão e sessão; a resistencia, após,

tenaz, agressiva mesmo, até que, por fim, a transferencia sobre o analista se faz, progressiva, definitiva.

E' nessas reuniões familiares que vamos encontrar OTTO RANK, "den treuesten Helfer und Mitarbeiter", a quem FREUD estimulara para que concluisse os estudos ginasiais e se dedicasse á aplicação extra-medica da psicanálise, esse mesmo OTTO RANK, que, cioso da sua nova teoria exclusiva e unilateral do "trauma do nascimento", acaba de atacar desabridamente o sabio e venerando mestre, desligando-se dele.

Do circulo estreito dessas reuniões começa o verdadeiro desenvolvimento da psicanálise, que já não fica restrita ao espirito isolado de FREUD, mas se estende pela Suissa, pela Hungria, pela Alemanha, pelos Estados Unidos, pelo Perú, pela Russia, pela Inglaterra.

Da Suissa, sorprende BLEULER a FREUD com a noticia da grande aceitação da sua teoria e da aplicação da psicanálise em Burghölzli. Logo se iniciam os congressos psicanaliticos, em um dos quais assinala FREUD a pouca serenidade dos membros, que se hostilizam, na disputa da prioridade de idéas.

No entanto, BLEULER e seu discipulo JUNG tornavam a Escola de Zurich centro cada vez mais forte do movimento psicanalitico. E FREUD, em 1910, por ocasião do 2° Congresso, concebe a organização desse movimento, dando-lhe por centro a Suissa e fazendo-lhe chefe — oh grande simplicidade dos sabios! — a JUNG, o mesmo JUNG que havia de mostrar-se-lhe ingrato e egoista, formando uma dissidencia que conserva

o mesmo nome de "psicanálise", mas que diverge desta pelas idéas fundamentais.

Destarte, o genial criador da nova ciencia, bastante grande para despir-se da vaidade, abdicava de si a direção da sua propria obra, para confiar o bastão a alguem mais jovem. Ele compreendera que o meio austro-alemão lhe era pessoalmente infenso; e sacrificava a sua pessoa, pela sua ciencia.

Dos Congressos seguintes, surgiram a publicação do *Jahrbuch fuer psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* e da *Zentralblatt fuer Psychoanalyse*, assim como dos *Schriften fuer angewandte Seelenkunde* e tambem a fundação da União Internacional Psicanalitica.

Deles derivam tambem as retiradas de BLEULER e de JUNG, que dirigiam o *Jahrbuch*; de ADLER e de STEKEL, a quem coubera a redação da *Zentralblatt*. Tudo se resume na dissenção entre os austro-alemães e os suissos, para a qual concorreram o ciume de BLEULER, o orgulho de JUNG, a autolatria de ADLER e, quanto a STEKEL, um motivo particular, que FREUD cobre com o silencio.

BLEULER, contemporaneo de FREUD, sabio entre os mais sabios, adotara na sua obra prima, sobre a esquizofrenia, a doutrina da psicanálise; defendera-a denodadamente, contra a critica, em outro trabalho de valor. Mas não se resignou á posição secundaria; a sua estatura cientifica não se diminuiria com isso: ele é dos que mais contribuiram para minar a psiquatria de KRAEPELIN, monumento que parecia, até pou-

co, estar destinado a atravessar o seculo. Mas o ciume, que roe o coração dos humildes, não poupa o dos sabios.

A sexualidade é o grande tabú. BLEULER discorda da Sexualtheorie e lança sobre a doutrina de FREUD o apodo de *pansexualismo*. O nome é comodo; e muita gente confunde a doutrina das duas classes de instintos: os do Eu e os sexuais ou os de vida e os de morte, com o conceito erroneo que lhe atribue BLEULER.

O tabú da sexualidade venceria tambem a JUNG. A escola de Zurich nascera fóra das vistas do mestre, desenvolvera-se mais do que a de Viena, onde FREUD encontrava os maiores tropeços: ninguem é profeta em sua terra. Depois de elevado pelo proprio FREUD a chefe do movimento psicanalitico, JUNG sente a vertigem das alturas. O carater independente, que lhe atribuia o Mestre, demonstra-se-lhe num dos congressos, por um autoritarismo mal tolerado pelos austro-alemães.

E' quanto basta para que do fundo do inconciente lhe surja o tabú sexual. Para a psicanálise de JUNG, a libido não devera ser sexual; mas os escritos de grande valor que publicara, as demonstrações admiraveis que fizera, as observações clarissimas que comunicara — não lhe permitiam voltar tanto atraz, recalcando de todo aquele complexo. Estabelece-se-lhe na conciencia o compromisso: entre ser sexual e não ser sexual, ha o meio termo: a libido de JUNG é semi-sexual; é sexual em parte. No entanto, deve a psicanálise á escola suissa e notadamente a JUNG contribuições de

tal valor, que FREUD só terá para contrapor-lhe a sua propria personalidade, a de FERENCZI, a de REIK e pouco mais.

A dissenção de STEKEL carece de importancia. Não teve por base pontos de doutrina, senão um caso privado. Uma vez desligado, cumpria fazer algo novo: criou nomenclatura nova para as neuroses e inventou uma psicanálise ativa, de metodo não só infiel, mas, ainda, perigoso para o doente.

STEKEL, que tem um livro de valor — *Die Sprache des Traumes,* onde se encontra farto repositorio de símbolos, para analise dos sonhos, quer chegar ao fim do tratamento mais depressa do que aconselha FREUD.

Para este, é necessario deixar ao doente a descoberta dos traumas emotivos, a sua relação com os sonhos, os lapsos, as associações, limitando-se o analista a guiar o cliente na *selva oscura* dos fenomenos inconcientes.

Para STEKEL, o analista corta o caminho: diz de chofre ao doente a causa dos seus males; explica-lhe ativamente aquelas relações; de onde resulta que substitue um trauma remoto por um trauma atual. Esse processo não é isento de perigos; o suicidio tem, por vezes, interrompido o tratamento; além do que, não se furta o analista ao engano possivel de penetrar por estrada errada; não está isento de agir por sugestão, isto é, de recalcar ainda mais a idéa emotiva, em vez de destrui-la ou sublima-la para aplicações uteis ou inocuas; e não pode tampouco estar certo de haver

convencido o paciente; quem faz a verdadeira psicanálise sabe bem que, ainda mesmo levado pelo seu proprio raciocinio, sem sugestão, sem interferencia do analista, muito custa o doente a acreditar na verdade.

A divergencia de ADLER teve por motivo, afinal, o desejo de desligar-se da tutela do mestre. Dotado de egolatria consideravel, sucedeu-lhe o que a todos nos sucede: uma vez desenvolvidos, adultos, eguaes ao pai proclamamos a nossa independencia. ADLER fez assim o seu rancho á parte.

Mas difere ele dos outros dissidentes, por isso que não só repeliu o proprio nome de psicanálise, senão que tambem criou uma teoria, cuja aparencia externa é diversa da de FREUD, mas que no fundo conserva o ar de familia. Um pouco de NIETZSCHE, um pouco de SCHOPENHAUER, sobre o arcabouço da psicanálise — eis os traços fisionomicos da *Individualpsychologie*.

O mais recente dos que abandonaram a casa paterna (porque outros menores não merecem mencionados) foi OTTO RANK, um dos mais fecundos colaboradores de FREUD e cujo espirito se formara desde a juventude, na escola do grande Mestre. A sua teoria do trauma do nascimento, que deu logar á deserção, é a generalização erronea de idéas que FREUD expuzera anteriormente. RANK não quiz reconhecer o erro.

Não se enfraqueceu, no entanto, a psicanálise, com estas perdas consideraveis. Todas essas sub-escolas formadas trabalham, mau grado seu, sob o impulso primitivo da teoria de FREUD; e o material elaborado

por elas não é de todo inutil para a legitima psicanálise. Só esta, contudo, se tem verdadeiramente universalizado; só a figura de FREUD pode ser considerada primaria, sobresaindo a todas as outras. FREUD não terá que esperar aqueles decenios *post mortem* para sua glorificação. Esse decenio primeiro em que lhe sobreviverá a sua obra, será talvez assinalado pelo congraçamento das dissidencias, se a todas elas for dado — do que duvido — viver além da vida dos seus chefes.

O estudo dos sonhos, filho dos conceitos expostos na *Traumdeutung,* levou, naturalmente FREUD e seus discipulos á pesquiza dos simbolos, aspectos enigmaticos em que se metamorfoseiam as representações, durante o sono. Logo, o simbolismo teve de ser buscado em outras manifestações do espirito; ás criações oniricas logo foram assemelhadas as formas simbolicas dos mitos e das lendas. K. ABRAHAM estuda o sonho e o mito (1909); FERENCZI comenta a lenda de Edipo (1912); FREUD escreve do simbolismo dos escrinios (1913), do paralelo mitologico de uma obsessão; JUNG publica memoravel obra sobre o simbolo (1911); RANK explica o nascimento dos heroes (1908), o Lohengrin, Griselda, a Matrona de Éfeso, além de seus escritos sobre o incesto, sobre as lendas de conquista, sobre a nudez. RIKLIN psicanalisa tambem Edipo (1912). SILBERER escreve sobre mito e fantasia (1910), sobre o simbolismo dos contos de fadas (1912); o americano PUTNAM estuda ainda a fabula de Griselda; LEVI disserta sobre o Paraiso biblico; LORENZ, sobre o mito da terra; REIK desenvolve a sua

obra já consideravel sobre varios temas da psicologia das religiões e os estudos de aplicação juridica; JONES e STORFER estudam o folk-lore; SPERBER, a origem da linguagem.

Com o estudo de FREUD sobre uma novela de W. JENSENS, se inicia a psicanálise da arte. Ele proprio analisa DA VINCI e MIGUEL ANGELO. RANK publica a sua obra sobre o artista; JONES, inglês, pesquiza sobre ANDREA DEL SARTO; WINTERSTEIN aprofunda a origem da tragedia grega; o americano BRILL submete á analise a dança moderna; o pastor suisso OSKAR PFISTER explica a origem da inspiração artistica; VON SYDOW escreve da arquitetura primitiva.

A psicanálise dos povos tem o sinal de avançar com o *Totem e Tabú,* uma das obras mais originais de FREUD, o que permitiu a seus discipulos a elaboração de grande parte dos estudos acima citados e guiou a psicanálise na sua interferencia em outros dominios mais, como a educação e a moral.

Depois dos *Tres ensaios sobre a teoria sexual,* volve-se a atenção sobre a sexualidade infantil. HUGHELLMUTH indica o caminho aberto da pedagogia; e PFISTER realiza, com a pedanálise, essa maravilhosa aplicação da nova ciencia. Ao lado de AICH-HORN, GRABER, BERNFELD, faz a sua entrada na arena psicanalitica uma filha do Mestre — ANNA FREUD, uma das pesquizadoras mais pacientes e originais da grande escola.

Nos ultimos anos, volta-se FREUD novamente para

a teoria da sua ciencia. O conceito topico do inconciente, forma provisoria esboçada na *Traumdeutung*, muda-se e completa-se. Encarado o fenomeno psiquico sob tres aspectos — topico, dinamico e economico, cria FREUD a metapsicologia. Conciente, inconciente, ficam sendo realmente, adjetivos, qualidades do fenomeno. Sem que a concepção primitiva se destrua, forma-se a criação do *Ego* e do *Id*, pertencendo a este e a uma parte do primeiro os fenomenos inconcientes; nasce, enfim, dessa concepção, o Super-Ego, conceito a que tende o conjunto de aspirações inconcientes do individuo e controla a realização dos impulsos.

Os livros em que FREUD explana essa evolução da sua ciencia são os seis ensaios sobre a metapsicologia, a *Massenpsychologie und Ichanalyse*, o *Das Ich und das Es* e, a mais elevada das suas produções, *Jenseits des Lustprinzips*.

Vê-se por aí que a velhice não conseguiu na alma do genio a cristalização de idéas, que a tantos transforma em *laudatores temporis acti*. O sistema filosofico de FREUD não podia estagnar no periodo de formação dessa maravilhosa *Interpretação dos Sonhos*, que é a Biblia da psicanálise, mas que, fundamental e solida, permite, sem desmerecer, tamanha evolução.

As cogitações filosoficas, porém, não fizeram esquecer o medico; a resposta de FREUD ao *Trauma* de RANK chama-se *Hemmung, Symptom und Angst* e é o mais perfeito estudo sobre a angustia produzido pelo Mestre, depois da descoberta do *Kastration-Komplex*.

A critica azeda de RANK, em replica a FREUD,

fe-lo desligar-se. Mas no seu logar, além de JONES, REICH, REIK, ALEXANDER e outros, resta FERENCZI, o fecundo e admiravel FERENCZI, que, no dizer do grande sabio, vale, por si só, uma agremiação.

Die Zukunft einer Illusion, a ultima obra de SIGMUND FREUD, é um hino ao futuro; é a Utopia psicanalitica. Estudo de sociologia e moral, prevê á morte do tabú, para melhor felicidade do genero humano.

Do que ficou dito, conclue-se que não tem sido através de flores que a ciencia de FREUD veio atingir o seu triunfo. Flores recebe ela hoje, no ponto a que atingiu a aligera civilização; flores teve o Mestre, ha dous anos, no seu septuagesimo natalicio, quando Viena, a Viena hostil dos primeiros tempos, pela pessoa do seu burgomestre e do seu Stadtrat, foi levar a homenagem, com o diploma de cidadão, ao velho medico de Freiberg; e as grandes capitais da inteligencia celebraram a data com festas cientificas.

Que importa a revolta contra o gigante? Que importa que JANET lhe dispute a prioridade? Oh! os franceses são sempre os precursores... Que importa que MORSELLI se ocupe da psicanálise em dous grossos volumes, para deprimi-la? Que importa que aquele grande e saudoso KRAEPELIN, o pai da psiquiatria contemporanea, afirmasse que a psicanálise havia de passar?

Nem todos podem chegar aos cabelos brancos com a facilidade de renegar os tabús das primeiras idades. Nem todos têm na alma a eterna juventude do nosso

JULIANO MOREIRA (*) cuja prudencia e perfeito criterio cientifico tanto sabem rejeitar os novos conceitos que o mereçam, quanto adotar e corrigir as justas idéas.

Não são apedrejadas as arvores estereis; não é de admirar que, sem conhecer a obra de FREUD, ou lendo-a com olhos vesgos, dêem os seus opositores azas a quantos preconceitos lhes despertem, ao toque da teoria sexual, ou ao ospecto do desmoronamento da velha psicologia... e, digamos a verdade, á iminencia do fracasso da psiquitria moderna.

Entre nós, não se deixou dominar por esse misoneismo o prof. AUSTREGESILO, cujo espirito me dá o aspecto de uma torrente irrequieta e indomavel e que, no Brasil, redescobriu FREUD, em 1917. Arrebatou-se pela nova filosofia esse cerebro onimodo que é o sr. MEDEIROS E ALBUQUERQUE, que logo após escreve uma das mais belas sínteses da psicanálise e rende verdadeiro culto ao Mestre. A nossa primeira obra sobre a teoria sexual, traçou-a, em São Paulo, esse venerando professor FRANCO DA ROCHA, a quem os mentalistas patricios acabam de festejar. Mas a psicanálise, com todos os seus tabús, não penetrara nas escolas. Deu-lhe a mão sabia, na Faculdade de Medicina, o professor HENRIQUE ROXO, dedicando-lhe excelentes paginas do seu tratado; e na Faculdade

---

(*) O prof. JULIANO MOREIRA foi o primeiro a tratar dos metodos de FREUD, no Brasil, em 1914, na Soc. Bras. de Neurologia; já desde 1899, se ocupava da materia, na sua catedra da Baía.

de Direito o professor CARLOS SEIDL, em cujo tratado de Medicina Legal o assunto é cabalmente versado.

O resto desta historia se completa com a criação da clinica psicanalitica na Liga Brasileira de Higiene Mental, em maio de 1926; com a fundação da primeira sociedade brasileira de psicanálise, em São Paulo, no ano passado; com a publicação do primeiro livro brasileiro de pedanálise, pelo professor DEODATO DE MORAES; com a tentativa, não realizada, ainda, da subsecção de psicanálise na Sociedade de Neurologia e Psiquiatria, com a entrada da nova ciencia, este ano, entre as secções da Liga acima citada.

E' talvez fatigante enumeração. Sou, se o quiserem, um fanatico da psicanálise, que estudo ha bons dez anos, embora só ha pouco mais de quatro haja tido a honra de ver lida na Academia de Medicina e na Sociedade de Neurologia, pelo meu sabio amigo dr. GUEDES DE MELLO, a minha primeira comunicação sobre uma monoplegia histerica, curada pelo metodo de FREUD. Era eu, então, um simples psicanalista selvagem, para usar da expressão do mestre; a releitura desse trabalho causa-me hoje um sorriso de constrangimento. Mas, era forçoso que assim fosse, pois que, sem ter escola onde aprender os metodos, foram-me os livros de FREUD os mestres que pude encontrar.

Este é um dos motivos deste curso: o animo de poupar aos outros o sacrificio do esforço, sem limites, de decifrar o alemão, aprendido, aos tropeços, para ler FREUD no original; o desejo de evitar-lhes a tor-

tura da hesitação, do temor de errar; o anseio de preveni-los contra o desfalecimento dos insucessos, sem socorro possivel.

Por isso, as nossas lições não revestirão este cunho solene da inauguração, este aspecto de festa, que é a primeira homenagem publica prestada no Brasil a SIGMUND FREUD. Serão conversas desataviadas, dialogos, por vezes, entre o auditorio e o professor. O nosso maior desejo é que aqueles que têm a seu cargo, entre as mãos, a cera plastica de tantos espirito em formação, que vós, os mestres dos nossos filhos, fiqueis sabendo o que é o interior dessas almas jovens que só conheceis pelo aspecto exterior — segundo vo-lo ensinou a psicologia classica.

A psicanálise pode ser desconhecida de todos os profissionais; mas ignorarem-na o medico e o mestre — é verdadeiro pecado.

Pecam contra a patria, pecam contra o homem os que curam ou ensinam e não sabem o que vale a emoção, nas suas consequencias sobre o inconciente. Nunca houve droga que pudesse desraigar um complexo; nunca se conheceu metodo de educação moral ou intelectual que valesse contra as inibições da Censura.

Vereis como a psicanálise vos abrirá os olhos, para compreenderdes as excelencias e os defeitos da vossa pedagogia. Vereis o quanto é mau educar recalcando e o quanto é ótima a sublimação, quando não é possivel a destruição, a condenação dos complexos.

Compreendereis que cada criança é um individuo diverso, com uma herança diversa, com um passado

diverso. Descobrireis, em cada uma, essas tendencias sexuais que só lhes negam os que não querem ver; esses impulsos informes, nebulosos, que a idade não permite tenham a aplicação desejada e que exteriorizam em traços de carater, em mudanças de humor, em travessura, em displicencia, em mentira, em todos esses sete pecados mortais, que se resumem num só deles.

Se a cada planta dais um sistema de adubo, de poda, de colheita, a cada discipulo lhe dareis a sua maneira especifica de corrigi-lo e ensinar-lhe. Sabereis que a um, morreu-lhe cedo a mãe e o órfão transferiu para o pai ou para a irmã o afeto que lhe falhou; que a outro, lhe ensinaram historias de papões, de ogres, de lobos, aumentando-lhe o receio da autoridade paterna; a este, emocionou-o uma tragedia familiar; e aquele sofreu uma violencia fisica, ainda pequenino, da ama desabusada. Vereis que a todos, falsas noções das origens da vida lhes foram metidas na cabeça, entre simbolos significativos; e que todos, todos, buscam em vós, principalmente nas mestras, a substituição do alvo domestico dos seus impulsos sexuais — que lhes falta, pelo menos nas horas de aula.

Vós mesmos haveis de reconhecer no vosso intimo a causa da vossa simpatia por este aluno, da repulsa por aquele. Rebuscareis no vosso inconciente: lá encontrareis, atado, a debater-se como titans sob o peso da montanha, mas fazendo ecoar cá fóra o seu rugido — os complexos — essas insidiosas reminiscencias de uma idéa emotiva, sexual, que, um dia, ali encerrastes, para não parecerdes mal aos olhos do mundo.

E reconhecereis quanto é boa a alma humana, uma vez trazidos ao lume da conciencia esses impulsos; verificareis que as crianças preguiçosas, mentirosas, rebeldes, esperam apenas que as liberteis desse espinho oculto que lhes punge a alma, para se tornarem diligentes, sinceras, prudentes.

E depois de saberdes, perguntareis a vós mesmos: como pude eu até agora empreender a educação, se não conhecia a alma humana? Como pude eu, cego, encarregar-me de guiar no bom caminho as pequeninas almas?

E então, trabalhareis com amor; porque educar é amar. Transferireis os vossos impulsos libidinais para esse amor; porque criar almas sadias é tambem maneira de satisfazer ao vosso impulso de procriar corpos formosos.

Aos obstaculos, aos tropeços, ás oposições, aplicareis ainda o metodo da psicanálise; compreendereis o que vai no inconciente dos outros; e se não puderdes remover-lhes do espirito as razões da resistencia, em todo caso melhor sabereis evita-las.

Numa carta com que, ha dous meses, me honrou SIGMUND FREUD, além de varios conselhos, confia-me, de alma aberta, esta declaração: "Posso imaginar que V. até agora tenha experimentado muito motejo e resistencia. De certo, sabe V. que não pode progredir no trabalho, sem atrair sobre si outra soma de tais oposições. Mas isso não deve desnortear o analista, pois que ele compreende que essa reação do ambiente é necessaria, derivando, como consequencia direta,

da teoria analitica. Segundo a minha propria experiencia, devo dizer que traz particular estimulo, para trabalhar em algo, o achar-se a gente em contraposição com a *massa*."

Depois da palavra magistral, meus amigos, nada mais me cabe dizer-vos senão isto:

TRABALHEMOS!

20-4-928.

Nota: Não pretendemos haver esgotado o historico da Psicanálise no Brasil. De nosso conhecimento conviria acrecentar, entre autores que se ocuparam da nova ciencia: o saudoso Fernandes Figueira, o prof. Afranio Peixoto, Genserico de Souza Pinto, Murillo de Campos, J. Martinho da Rocha, Carneiro Ayrosa, Francisco Mangabeira, Gastão Pereira da Silva, Aloysio de Paula, no Rio; Durval Marcondes, Osorio Cesar, Penido Burnier, Lourenço Filho, em São Paulo; Arthur Ramos, na Baía; Washington Pires, em Minas; Martim Gomes, em Porto Alegre.

O CARACTER DO ESCOLAR, SEGUNDO A PSICANÁLISE

Tese apresentada á 1.ª Conferencia Nacional de Educação (Curitiba), em 1927

Crianças inteligentes, crianças estupidas; crianças aplicadas, crianças vadias; crianças quietas, crianças travessas — tal a classificação com que costumam os mestres distinguir os seus pequenos alunos.

Estes são afeitos á matematica; aqueles, eximios na analise lexica ou logica; outros, preferem a historia e a geografia; uns têm boa letra, outros garatujam as escritas; ha os cuidadosos no traje e corretos nas maneiras, ha os que entornam os tinteiros ou pintam bonecos nas paredes.

A todos, porém, a escola antiga — que é muito de hoje — submete-os á mesma craveira. Cumpre ser inteligente, aplicado, impecavel no proceder, não ter preferencia por esta ou aquela materia e principalmente conservar na classe aquela atitude hieratica que só possuem, em regra, os faquires e as estatuas.

Em meio á coletividade, o aluno deve ser apenas

individuo; não conversar, não olhar fóra do livro, não deixar o assento, até mesmo, ás vezes, não tossir, nem espirrar.

Ora, já a psicologia classica (CLAPARÈDE, BINET, RASMUSSEN, etc.) havia estudado a diversidade dos caracteres infantís, que a pedagogia dos aperrados se obstina em sujeitar á mesma bitola. Modernamente, porém, a psicanálise de SIGMUND FREUD abriu novos horizontes para o estudo dessas pequeninas almas a quem se tem erradamente buscado meter no sapato chinês de metodos uniformemente absurdos.

1 — *AS CRIANÇAS QUIETAS*

Não é do normal da criança a quietude. Sabe-se que o aceleramento da nutrição determina na criança um dispendio de energia motora excessiva, em relação ao adulto, se não é que esse proprio dispendio, por contragolpe, estimule a construção e desenvolvimento do esqueleto e dos orgãos.

O metabolismo do calcio, por outro lado, dirigido em grande parte para a osteogenese, aumenta decerto a excitabilidade nervosa, tal como se observa na hipocalcemia dos adultos.

A mobilidade da atenção, a rapidez da percepção e da memorização, a ideação fantasista, a mobilidade pronta e brusca são apanagio da criança sadia. Mas, ao par disto, se o humor é equilibrado no estado higido, a emotividade é sempre maior.

Essa maior susceptibilidade para as emoções —

o que poderia chamar-se *emotibilidade* — deriva do serem ineditas, ou quasi ineditas, todas as cousas da vida, para a afetividade infantil e da propria tensão instavel do quimismo do neuronio, nessa fase ativa de crecimento fisico e de elaboração da personalidade.

Resulta dessa maior emotibilidade que certos acontecimentos, banais para o adulto, se fixam de maneira indelevel na memoria pueril tão ativa e preensiva e com eles se fixa tambem a carga de afeto que acompanhou a impressão.

Ora, como a vida infantil se passa no inconciente, pela sua mór parte — falamos do inconciente, na acepção freudiana — e só aos poucos se vai formando o Ego conciente, parte principal da personalidade, assim todos os fatos acompanhados de forte carga afetiva e desagradaveis, isto é, contrarios ao "principio do prazer" são recalcados para o inconciente, tidos como esquecidos, dificeis de ser novamente chamados á tona do conciente. Mas se não vêm á tona tais quais são, como que projetam sua sombra no conciente, toda vez que uma associação de idéas faz reviver, ainda que de longe, o fato esquecido, o "complexo" recalcado. Então, toda a carga afetiva, que acompanhou o complexo por ocasião do seu recalcamento se demonstra reproduzida qual era dantes; e o individuo, ante um fato atual, sem importancia aparente, repete o estado afetivo do complexo recalcado, que esse fato, por associação, foi despertar.

Este é, em essencia, o nucleo da teoria de FREUD. Ele nos explica, á maravilha, a genese dos timidos.

OS TIMIDOS. — Bem se compreende que uma criança atormentada de ralhos, premida de ameaças, como esses pobres infelizes arreburrinhos do lar, cabeças de turco da familia, — sinta despertar dentro do inconciente, em todas as épocas da vida, o estado emotivo que a colheu na infancia, á vista do instrumento inquisitorial das punições domesticas. O olhar do professor, a palavra em tom mais alto, a propria presença do mestre — representante da autoridade paterna que pune e maltrata — até mesmo, por vezes, a superioridade fisica ou o instinto de maldade de um colega fazem que o pobresinho reproduza a atitude, a angustia, a emoção colhida nos primeiros castigos penosos.

Crêa a criança para si propria um falso conceito de inferioridade; habitua-se a ser dos ultimos da classe, porque não tem animo para recitar corretamente a lição que antes bem sabia; hesita em defender-se das falsas imputações, crêa fama de incapaz, por pouca inteligencia; e acaba por tornar-se a chacota da classe e o responsavel por todas as faltas de autor ignorado.

O professor mal-avisado contribue para fixar cada vez mais no inconciente da criança a lembrança esquecida da primeira chinelada, do primeiro ralho que a fez estremecer e chorar. Os proprios triunfos eventuais e efemeros do aluno são celebrados com ironia; uma nota boa que podia estimula-lo, nunca lhe cabe; e a prova apresentada, acaso, correta, é alvo de todas as suspeitas e é classificada inferiormente ou é objeto de pesquizas amesquinhadoras ou mesmo de punições.

Mas, segundo a concepção de FREUD, têm raizes

na sexualidade essas emoções capazes de determinar traços de carater. Tomada a sexualidade no sentido mais lato, no conceito psicanalitico, sabe-se que o chamado complexo de castração entra quasi obrigatoriamente na genese dos timidos.

Depois de FREUD, sabe-se que já nasce a criança com instinto sexual esparso, mal definido, cuja localização principal é a zona da boca, orgão que lhe dá o primeiro prazer — o da sucção do seio lactante. Sabe-se, tambem, que o tato de toda a zona cutanea proporciona sensações carregadas de "afeto" e sabe-se que a zona genital, onde, para o pubere, se localiza a maior parte da libido ou instinto sexual, já nos primeiros anos é tambem fonte de prazer: não é rara a erecção, ainda nesse tempo, determinada pelo contacto das roupas, do leito, das mãos, do corpo alheio, assim como os casos de masturbação na primeira infancia têm sido anotados, na literatura da psicologia sexual.

Ora, a curiosidade infantil cedo se dirige para a diferença dos sexos, percebida na observação da nudez das outras crianças; e como é raro que os educadores tenham a lealdade de dar ao pequeno a noção aproximada dessa diferença, a criança forja explicações fantasticas, que residem, geralmente, num falso conceito de castração; é muito comum, ademais, que os adultos lhe dêem em primeira mão esse conceito mentiroso, dizendo, por exemplo, que se castram as crianças para faze-las femininas; outras vezes, por gracejo ou ralho, ameaçam os pais aos filhos com essa castração, de onde temerem os meninos que a consequencia de qualquer

falta possa ser a queda do penis ou a sua mutilação pelo algoz que finge educar.

A experiencia psicanalitica nos tem ensinado que, de frequente, as meninas esperam que na vida adulta se lhes venha a desenvolver um penis, quasi sempre graças a evolução do clitoris; não sendo raro encontrar-se, no sexo masculino, crianças que tenham igual fantasia quanto ás mulheres, a quem mais tarde vêm a temer.

Ora, esse complexo de castração é para a criança um verdadeiro duende, uma espada de Damocles iminente ante qualquer falta, maxime ante as de carater nitidamente sexual. Tomando o aspecto de punição severa, em breve a emoção desse complexo se generaliza a todas as punições; e, como, pelo processo do recalcamento, o complexo se afunda e oculta no inconciente, a sua carga afetiva se faz sentir diante de quaisquer ameaças ou possibilidades de castigo. Daí, a timidez do escolar, que é, apenas, em embrião, a timidez do adulto. Ella é compativel com a inteligencia desenvolvida, até mesmo superior; mas corta as azas a toda a iniciativa.

E' por isso que o aluno hesita em dizer o que sabe, ou di-lo de maneira hesitante.

Por outro lado, a conciencia de pequenas faltas não punidas fa-lo esperar, a todo momento, a punição; e como punição é idéa fundamentalmente associada a castração, essa espera do castigo indefinido por uma falta vaga traz a criança num desassocego continuo, numa perpetua angustia, como quem sente pesar aci-

ma da cabeça a nuvem tormentosa, na iminencia de desabar.

Esse sentimento de culpa gera, assim, um estado de necessidade de punição e leva a criança a punir-se, quando não venha o castigo. O timido torna-se assim desastrado.

O desastrado é diverso do travesso, que estudaremos mais adiante. Ele porfia por ser quieto; não tem iniciativa para as travessuras; antes, sabendo que não deve cometer a falta, diligencia por evita-la, mas uma fatalidade impele-o e ele incide no erro. Não teria iniciativa para, propositalmente, entornar o tinteiro; mas, no molhar a pena, ansioso, entorna-o. E depois, quando vem a punição, já o estado emotivo não se reveste de angustia; e no fundo, ha certa sensação de alivio.

Mas sae da experiencia, diminuido Cometeu a falta e sente que dentro de si ha qualquer destino a impeli-lo, qualquer fado irresistivel: é o complexo que o governa, do fundo do inconciente.

Ha poucos anos, voltava da escola uma menina e, no bonde, dizia á companheira: "Sinto-me, hoje, feliz, como nunca; sinto-me tão feliz, que só me parece que vou morrer hoje." Minutos após, descem ambas; a menina feliz comete a grande imprudencia de passar pela frente do bonde, para atravessar o rua movimentada por grande trafego de veículos. Um automovel que ela não vira, mas que fôra de suspeitar, apanha-a, atira-a, violentamente a grande distancia, mata-a. E' o Destino, o Fatum, determinado pelo im-

pulso da necessidade de punição. Por que estaria tão alegre aquela rapariga de quatorze anos, "entreaberto botão, entrefechada rosa, um pouco de menina e um pouco de mulher"?

Dizei ao timido que não deixe cair o lapis, que não se deixe apanhar pelo automovel: o lapis escaparse-lhe-á da mão; ele parará indeciso, em meio á estrada, á espera do desastre. Para a escola antiga, a queda do lapis tem como consequencia o castigo já esperado, desejado pelo inconciente; e se a vitima do automovel se salva, dirá que qualquer cousa a fixou e prendeu em meio ao perigo. Essa qualquer cousa é o complexo recalcado, de onde lhe vem o sentimento de culpa e a necessidade de punição.

OS IMPASSIVEIS — Mas, nem só de timidos se compõe a classe das crianças quietas. As timidas são quietas, porque lhes falta em grande escala a iniciativa, estando exaltada a afetividade; a outras, falta-lhes iniciativa, mas a afetividade se acha embotada. São os autistas de BLEULER ou os esquizoides de KRETSCHMER. O seu tipo é o pequeno "moscamorta".

Vae aonde o levam, fica aonde o deixam. Nada o comove, nada o abala. Punido, sofre o castigo sem emoção; premiado, não mostra alegria. Repete como automato os gestos que lhe ensinaram, as lições que lhe meteram no cerebro. Por vezes, emperra: manda-se-lhe que se sente, permanece de pé; que fale, permanece mudo; e as punições não o demovem.

Na aula, muita vez, quando interrogado, mostra-se alheio, a olhar a mosca que vôa, a escutar o pregão da rua. Estimulado pelos ralhos, como que desperta de um sonho. Distraido, leva, ás vezes largo tempo a tamborilar com os dedos na carteira, ou é sorprendido a cantarolar baixinho.

Dá-lhe, outras vezes, para rir e talvez mesmo ria quando devera chorar, quando o punem, por exemplo.

Introvertido, sonha acordado. Ha uma idéa, cujas associações ele segue, intimamente, alheiado ao mundo exterior; se, por vezes, demonstra alguma iniciativa, fa-lo movido por essa idéa, que se prende, originalmente a um complexo recalcado no inconciente.

Esse complexo é, geralmente, a expressão da libido dirigida para aquele dos pais, de sexo diverso do seu: é o complexo de Edipo. A tendencia afetiva do filho para a mãe e da filha para o pai tem o seu fundamento na libido; é de carater sexual. Logo, a "censura" imposta ao inconciente pelas noções de educação baseadas na organização social opõe o seu veto a essas tendencias. Esse veto, analogo ao tabú das sociedades primitivas, que, ademais tem a mesma origem, impede que a corrente de idéas se dirija para aquele alvo proibido, na procura do prazer. Torna, então, o individuo ao periodo anterior da sua evolução sexual: ao narcisismo, á contemplação do proprio eu, ao amor exclusivo de si proprio; introverte-se, segundo a frase de JUNG; e alheia-se do mundo exterior, fugindo á realidade.

Por isso, segue, automaticamente, todas as suges-

tões que lhe não perturbem a marcha do sonho; e opõe-se, negativista, ás solicitações mais racionais, desde que possam interferir-lhe na cadeia de associações da libido narcisica. Mas esse narcisismo não vence de todo o complexo de Edipo: é antes refugio, compromisso obtido com a "censura" das noções de etica e de organização social que lhe vedam o atingir o alvo da libido — o genitor de contrario sexo. E aí está porque, muita vez, esses apaticos se abrem em expansões carinhosas com o pai ou com a mãe, conforme o caso: dão, ao menos por momentos, libertação á libido refreada.

A um conhecemos, a quem na escola deram a autonomasia de "Mamãe", porque era esse um dos vocabulos mais frequentes, nas raras frases que pronunciava. Contudo, era dificil faze-lo reagir contra a chacota; e ainda quando atormentado pelos companheiros, nunca o vimos chorar. Isolava-se, no recreio; negava-se a tomar parte nos jogos, opondo até mesmo resistencia á compulsão fisica; ouvia, com aparente atenção, os contos de fadas e as narrações dos colegas; mas quando acaso interrompesse o narrador com uma pergunta, logo se notava que a atenção se lhe fixara em ponto muito atrazado do relato, quando não em assunto de que já se não cogitava mais. Esse assunto tocava, naturalmente o complexo que o guiava na vida.

OS SONSOS . — São quietos, tambem, os sonsos, os que "tiram a sardinha com a mão do gato".

Diferem dos timidos e dos impassiveis em que, com afetividade presente, refreiam periodicamente a inicia-

tiva para poupar-se ás emoções. A eles se aplica, exatamente, a "ambivalencia" de BLEULER, que FREUD tão bem estuda e explica.

Feitos de ação e de repressão, obtendo o fim com um minimo de dispendio da energia afetiva, pertence-lhes a astucia, essa capacidade de agir sem sofrer.

A libido tem, para FREUD, dupla polaridade afetiva; assim se explica que, na analise de normais ou de neuroticos, se possa ligar ao mesmo objeto o odio e o amor, o desejo e a repulsa. Se o examinarmos bem, a negação do amor não é o odio,senão o desamor, a indiferença; amor e odio, odio e amor sucedem-se ou alternam-se visando o mesmo objeto; se num, a corrente segue o seu curso na esperança da vitoria, no outro a resistencia aumenta a intensidade da carga afetiva e esse excesso de carga transforma a ansia da posse em impeto de destruição. Tal como em electrologia, a voltagm excessiva queima os fios condutores; a energia util se transmuda em fonte de ruina. Exprime-se esse fenomeno pelo simile da bipolaridade; é como se numa pilha eletrica se trocassem os polos, continuando a passar, no entanto, a corrente, que, no caso, é ainda a libido.

O sonso, ora, é ativo, ora simula ser inativo. Como a ação lhe exija grande dispendio de afeto, ele se mantém calmo, atento, bem comportado. Mas, o impulso que não tem saida pela ação, inverte a corrente e se muda em atividade interior: ele trama na sombra, excogita, planeja, fantasia; e quando se expande, fa-lo

em condições que não lhe causem emoção, que lhe não gastem a energia afetiva.

Tal que conheço, furtou uma moeda a um colega e embora arrependido, não teve animo de restituir-lh'a, nem de confessar-se culpado, quando era outrem acusado. Calmamente, escondeu a moeda numa anfratuosidade de muro e todos os dias a visitava, até que, uma semana após, cautelosamente, a recolheu e gastou. Ninguem dele suspeitou, a não ser, mais tarde, na vida adulta, o analista. O quietinho agiu com um minimo de emoção: arrependido, vendo a culpa recair sobre um colega inocente, refreiou o impulso de confessar, para não sofrer a punição da má fama e do castigo; ainda pelo desejo de poupar o afeto, conteve-se durante uma semana, antes de entrar na plena posse do roubo; e apenas de posse da moeda, transforma-a em compra, afim de evitar que a descoberta do furto em suas mãos lhe viesse causar choque emotivo.

O sonso é, assim, bom e máo. Escapa ás punições, aparenta um procedimento correto; cuida das lições, pelo temor da má nota, mas empregando sempre o minimo de esforço: recorre á *cola,* mas nega-o aos proprios condicipulos; afeta doença, para livrar-se dos temas dificeis; rodeia os obstaculos, para que se não fatigue em vence-los e, quando, acaso, é obrigado a enfrenta-los, é tamanho o gasto de energia afetiva, que esta excede ao fim e, polarizada negativamente, se transforma em vindita.

Sei do caso de um rapaz que se excusara de escrever em aula de português, uma carta de repreensão,

alegando dôr de cabeça; obrigado pelo professor a fazer o exercicio, escreveu a carta, com efeito, mas endereçando-a ao nome de batismo do proprio mestre. Outro , classificado, num fim de mês, abaixo de um colega com quem competia, rasga-lhe, ás escondidas uma folha de livro, para impedir ao competidor o estudo da lição seguinte.

Se pesquizardes os complexos recalcados do sonso, do dissimulado, haveis de notar que é ele, até certo ponto, um narcísico, mas haveis de descobrir-lhe emoções remotas a cuja lembrança ele busca fugir.

No caso do furto da moeda, tratava-se de um complexo de Edipo de grande intensidade: o menino dormia no mesmo leito da mãe, que estava, a bem dizer, separada do marido. Essa intimidade dera-lhe oportunidade de contactos excitantes e de aspectos não menos eroticos, deante dos quais era força reprimir a libido infantil. Embora, sob muitos pontos de vista, fosse ele como que o verdadeiro esposo, pois que era o companheiro de cama e mesa daquela mulher sem marido, contudo a sua libido esbarrava ante a censura da idade e da organização social; e a criança, ingenuamente, representava o papel do marido, sem as vantagens integrais.

Dessa maneira, continha o seu impulso sexual, sob a aparencia de menino correto; e, ás escondidas, cometia com criadinhas essas pequenas faltas parasexuais em que não raro se exercitam os meninos.

Transferido tudo isso para as outras atividades não claramente sexuais, repetia ele na escola as mes-

mas atitudes. Era-lhe defesa a iniciativa das travessuras, pela grande soma de afeto que arrastariam, com o despertar do complexo da travessura sexual proibida (Edipo); era preciso fazer o papel do quieto, embora, ás escondidas, cometesse as pequenas perfidias que, sem determinar emoção, lhe davam saida ao impulso intimo.

Acontece com o sonso o mesmo que se dá com toda a gente, ante as varias proibições — sociais, politicas, economicas ou religiosas. O dever de guardar compostura moral, hierarquia, respeito á fé — impede-nos de cometer uns tantos atos a que nos impelem os instintos; mas, por outro lado, revoltamo-nos contra essas proibições e infringimos todas as leis, desde que possámos estar a coberto da punição. O pobre admira o rico e odeia-o; o povo inveja o governo e deprime-o; o crente adora a Deus e blasfema.

E ' dessa ambivalencia que FREUD faz derivar o tabú primitivo, comum á infancia das sociedades e á infancia do homem, instituição em que o "sagrado" se mistura ao "impuro"". E' tabú o chefe da horda, como é tabú o pai, na familia: temido e respeitado, invejado e odiado.

Assim como, nos clans polinesicos, ha objetos tabús, assim tambem, na infancia, os orgãos sexuais são tabús: não devem ser tocados, porque toca-los é feio e faz mal: são impuros e são sagrados.

Essas proibições de ordem sexual recalca-as a criança e esquece-lhes o objeto; mas esquecendo-o, trans fere o complexo paro objetos outros, generalizando. O

sonso, mais do que outro qualquer, teme a imagem sagrada, mas deseja-a; e podendo estar a abrigo do castigo, viola o preconceito do tabú.

2 — *AS CRIANÇAS TRAVESSAS*

AS NATURALMENTE TRAVESSAS. — A vivacidade é propria da criança, segundo já dissemos atrás; é consequencia do seu metabolismo, algo diferente do do adulto, pois que as trocas anabolicas preponderam sobre as catabolicas.

Mais proxima do selvagem do que o adulto civilizado, ainda não se lhe formou de todo, no preconciente, a "censura", o Super Ego, esse instrumento frenador, composto de todos os tabús morais, sociais, religiosos, que impede o livre curso á libido, que lhe deforma os impulsos e lhe transforma o objeto.

No entanto, a pequena dose de censura, obtida nos primeiros anos de vida, já impõe a sua tirania sobre o pequeno inconciente. A' sexualidade oral lhe foi oposta a ablatação, logo ao cabo de um ano de vida; todos os substitutos do seio materno — chupeta, dedo a sugar... — lhe são, pouco a pouco, vedados; vedado o manuseio dos orgãos sexuais, como a curiosidade de ve-los e entende-los; vedados os desejos sadicos de morder, golpear, destruir.

Mas todos esses atos se compõem de movimentos; e não podendo executa-los até o cabo, executa-os abortados a criança, ou, pelo menos, transformando-lhes o objetivo.

Ama os jogos movimentados; e quando a virdes sossegada, a um canto, está extripando bonecas ou anatomizando os brinquedos mecanicos, a ver o que lhes está dentro. E', a um tempo, a manifestação da curiosidade sexual, transferida para objetos outros e a influencia da fase analerotica, ou sadica, que, não podendo satisfazer o seu fim, desloca-o para outros alvos.

Querer impedir que a criança se movimente na carteira, que desvie dos livros a atenção, que se levante a qualquer pretexto é exigir-lhe que recalque as tendencias libidinais, em vez de transforma-las; e assim outra transformação se dará, no entanto, á custa da *rêverie* morbida e da neurose. A defecação e a urinação constituem derivativos sexuais para a criança, pois que outra especie de prazer não lhe podem dar as respectivas zonas erotogenas; é natural, pois que, fatigada da posição uniforme da carteira, busque a criança licença para ir ao quarto privado, ainda quando a necessidade fisiologica não seja premente.

O erro está em proibir-lh'o, sem mais nada; a maior parte das vezes, a simples movimentação ou uma palavra de carinho bastam para desviar o curso da libido, sem prejuizo para a pequena psique. E' por isso que já a pedagogia classica, empiricamente, recomendava entremeiar de recreios e exercicios ginasticos o tempo das aulas. FREUD faz notar a necessidade que tem a criança da atividade muscular, "de onde ela tira consideravel prazer".

Divertimento, diversão — eis a necessidade da criança sadia e naturalmente travessa, justamente para

desviar-se, para "divergir" do alvo nitidamente sexual. Tambem para o adulto, a "diversão" afasta o mau humor e a angustia, que têm, no fundo, origem emotiva e sexual.

OS PERVERSOS. — A travessura reveste, por vezes, o carater de malvadez. São, principalmente, os animais as vitimas escolhidas pelas crianças perversas e decerto os animais que lhes não podem opor grande resistencia, conservando-se passivos ante a ação do algoz. Não escapam á sanha do perverso os companheiros mais novos e mais frageis, nem mesmo os adultos, uma vez que não estejam em condições de resistir (debilidade, sorpresa).

Ora, para FREUD, a crueldade colabora com os impulsos sexuais, por via dos impulsos de morte. A censura, constituida aí pelos sentimentos de piedade, respeito ou repugnancia, ainda se não formou de todo, nas primeiras idades. "A criança é levada, geralmente, á crueldade, por isso que o aspecto da dôr alheia ainda não lhe detem a necessidade da posse, uma vez que só mais tarde se desenvolve o sentimento de piedade." (*Drei Abhandl.z. Sexualtheorie*).

E' com razão que se considera, até certo ponto, como precoce sexual a criança que se compraz em martirizar a outrem; assim como, por meio dos carinhos, elas se satisfazem com os prodromos do contacto genesico, assim tambem o comportamento sadico representa, nos pequenos malvados, a expressão de um dos fatores da energia impulsiva.

Esse sadismo está singularmente ligado á fase de localização anal da sexualidade; bem se compreende que nessa fase, após haver deixado o narcisimo, a criança distinga na sexualidade apenas uma atitude ativa e uma atitude passiva, sem diferença de sexos. A tendencia sexual possue, então, no mais alto grau, o carater de agressão; e como a censura lhe veda a satisfação mais nitidamente sexual, desvia-se para outros objetos o impulso e reveste, principalmente, a forma de crueldade, isto é, representa-se por um dos fatores predominantes da atividade impulsiva.

A crueldade infantil demonstra-se sob varias formas, umas, as que representam quasi diretamente o impulso sexual, outras que são simples maneiras associadas; entre as primeiras está o bater nas nadegas, o enfiar alfinetes nas cadeiras, o apertar partes do corpo á vitima, o subjuga-la, bater-lhe, feri-la ou faze-la cair; entre as outras, o inferiorizala por meio do ridiculo, o danificar-lhe as roupas ou livros, o acusa-la falsamente, o corrompe-la com historias imorais.

E' interessante notar que a mutilação feita aos animais — a cabeça ás moscas, a cauda aos cães e gatos — lembra necessariamente uma reviviscencia do complexo de castração; como que, para fugir ao duplice sentimento de desejo e temor da castração, o individuo realiza-a, mutilando os animais. O proprio gesto de ameaça de castração aos menores pode ser assim interpretado.

OS AGITADOS. — Os agitados são travessos em

excesso, mas raramente, com maldade. Na maior parte do tempo, é impossivel conte-los; quasi sempre alegres, mas tambem, ás vezes, irritados, tem o genio mudavel, como se costuma dizer; facilmente passam do gracejo á ironia e desta á invectiva; o humor é quasi sempre exaltado, apenas o tonus afetivo varia: o seu "afeto" segue alternadamente as duas polaridades: amor e odio, alegria e colera.

Por vezes, no entanto, se mostram reservados e desconfiados; a ira desperta-se-lhes, então, pelo menor motivo; e cometem tropelias, sem poder dominar-se.

Classifica-os a moderna psiquiatria como sintonos ou cicloides (BLEULER, KRETSCHMER).

Contrariamente aos apaticos (esquizoides), estes não perdem o contacto com o ambiente, ainda mesmo quando se mostrem reservados, como que isolados. Ha neles como que uma caimbra afetiva, uma contratura do humor, toda vez que eles buscam, como de regra, pautar o sentimento pelo ritmo do ambiente.

Neles se mostra bem a ambivalencia dos sentimentos, a polaridade do afeto. A caracteristica das suas travessuras é o tom alegre de que se revestem. Os movimentos são bruscos, a fala é rapida, as trocas de vocabulos, frequentes. São expansivos, por vezes excessivamente francos; mas são, por outro lado, extremamente sucetiveis de irritar-se.

Entram na aula, cantarolando, dando piparotes nos camaradas. Com pouca capacidade de atenção, fazem os exercicios escritos com rapidez e com pouca exati-

dão. Os colegas lhes querem, mas eles fazem muitos inimigos, nos momentos de mau humor.

Precoces na vida sexual, afeiçoam-se com facilidade a outras pessoas; raramente são homosexuais; extrovertidos, segundo a denominação de JUNG, buscam no mundo exterior a satisfação da libido e neles prepondera o complexo de Edipo. Uma mulher — mãe, irmã ou mestra — domina por completo tais meninos. Mas o ciume é-lhes apanagio: á menor desconfiança, encolerizam-se ou retraem-se; e rancorosos, guardam, muita vez, até á vida adulta, a revolta contra uma repreensão descabida.

Mais do que outras quaisquer, essas crianças carecem de amor e de carinho, para ser educadas.

3 — *AS CRIANÇAS REBELDES*

OS IMPULSIVOS. — Se os cicloides têm suas impulsões na iniciativa, são, fóra dessas, alegres e travessos. Mas ha os impulsivos de diverso carater, que raramente se deixam levar pelo amor e pelo carinho, que antes replicam com um gesto brusco a uma palavra amavel.

Crianças de animo sombrio, peculiares nas maneiras e nas preferencias, como que um véo espesso lhes cobre a alma e dificilmente póde o educador entende-las.

São, na sua mor parte, os temperamentos epileptoides, denominados "gliscroides" por Mme. MINKOWSKA — o que quer dizer "viscosos", em virtude da "sua afetividade concentrada, condensada, viscosa".

Essa viscosidade, essa aderencia, permite-lhes acentuado retardamento afetivo, de onde resulta consideravel aumento da tensão do afeto. E' graças a essa tensão exagerada que se produzem as suas explosões de animo, verdadeira descarga do afeto acumulado.

O temor dessas descargas, que não se fazem sem formidavel dispendio de energia nervosa, leva-os a evitar as causas de emoções sucessivas, que podem perturbar o equilibrio da sua estase afetiva; são, por isso, amantes da ordem, apegados aos seus objetos, ligados á familia, á terra, á profissão, aos preconceitos sociais e religiosos.

Vivem sua vida ansiando pela paz do ambiente e por isso, odeiam as mudanças, os progressos, tudo quanto lhes possa perturbar a calma e exigir aumento da tensão tímica.

Distinguem-se dos sintonos, pelo carater subito dos seus estados irritados e porque a sua aderencia ao ambiente é, antes, fruto de um compromisso, para poupança da energia afetiva. No entanto, mesmo nos periodos de estase, não são indiferentes, como os esquizoides; adaptam-se ás anfratuosidades da vida exterior; aderem viscosamente ao ambiente, contanto que não sejam obrigados a aumentar a intensidade das reações de sentimento.

Traço caracteristico lhes é o narcisismo, essa forma primitiva da libido voltada para o proprio individuo. Preferem, por isso, ser reverenciados a prestar homenagem a outrem; e se se mostram secos ou respondem desabridamente aos carinhos, é que desejam

poupar-se á emoção ou que o afeto dirigido para si proprio aumentou de tensão, com as blandicias alheias.

Aos poucos, porém, percebem que o meio evolve rapido demais, para que possam eles acompanha-lo. Outros recebem mais atenção dos mestres, outros celebram triunfos, pois que se não poupam ás emoções. Tornam-se, então, intimamente revoltados; a aderencia ao ambiente começa a ser-lhes penosa; e concentram-se, mais viscosos ainda, até que um ato de rebeldia lhes proporciona a descarga necessaria.

E' dificil, no momento atual, abstrair das causas organicas que possam intervir nesse temperamento. No entanto, o cultivo do narcisimo e os traumas emotivos do complexo de castração, entram — não ha nega-lo — na genese desses rebeldes.

OS EMBURRADOS. — Entram, na sua mór parte, na classe dos esquizoides de KRETSCHMER, dos autistas de BLEULER. Diz este (no tratado de ASCHAFFENBURG): "O autismo é o exagero de um fenomeno fisiologico. Ha um pensamento austitico normal, que não presta consideração alguma á realidade e que, na sua orientação, é dirigido pelos afetos".

O autismo é o responsavel pelo carater desses meninos emburrados, voltados para dentro de si, que apenas diferem dos apaticos acima estudados, pela soma de iniciativa que ainda possuem. Na esfera patologica, lembram a recente criação dos esquizomanos da escola francesa, mas são normais, tanto quanto é permitido conceber a normalidade.

A eles se aplica o conceito de JUNG sobre a esquizofrenia, cujo negativismo se faz mais de resistencia do que de ambivalencia. São negativistas; mas o emperro e o "emburramento" se demonstra mais patente, quando é necessario resistir á solicitação estranha e desagradavel ao Eu.

Narcísicos a seu modo, não raro se descuidam, porém, do traje, do aspecto externo que possam oferecer ao ambiente; este pouco lhes importa, a não ser para dele tirar a soma de prazer bastante para o equilibrio das tendencias.

Todos os conhecemos: á primeira contrariedade, á primeira recusa, ao primeiro conflito com o mundo exterior, retraem-se na concha, como o caracol. Emperram; calam-se, ou respondem por monosilabos; negam-se a andar, negam-se a comer. Toda violencia empregada contra eles é contraproducente; aumenta o conflito com a ambiencia e intensifica a reação negativa.

No entanto, não se isolam, fóra das crises; e uma vez que lhes satisfaçam as fantasias, não se negam ao contacto dos circunstantes, antes buscam no meio quanto lhes possa ser agradavel. Chama-lhes PFISTER centripetais, abrangendo nessa denominação outros traços de carater.

Não é exagerado, porém, esse centripetalismo; não são grandes egoistas; mas o proprio fato de, por vezes, darem alguma cousa de si representa o desejo de maior retribuição.

Cumpre lisongear-lhes a vaidade humana, para bem

viver com eles; contudo, não têm explosões de colera nem atos impulsivos: isso seria um conflito fatal para o equilibrio afetivo que eles porfiam em manter.

OS RECLAMANTES. — E' a classe mais perigosa dos rebeldes. Cheios de si, amantes do seu Eu, são homossexuais, na sua mór parte, ainda quando não tenham realizado essa tendencia.

Vê-los-eis rebelados contra ordens recebidas, reclamantes sobre notas e premios. Falam muito de si e, naturalmente, dizendo bem; "contam vantagem", segundo a linguagem popular.

Corresponde-lhes o caracter paranoide, feito de egocentrismo e fundado na resistencia ao reconhecimento de uma inferiridade derivada do complexo anal e talvez do complexo de castração.

O analerotismo foi bem provado nos paranoicos por FREUD, FERENCZI e MAEDER e entra, via de regra, na genese desses reclamantes egoistas e egolatras que encontramos, até mesmo entre as crianças.

O erotismo anal, já o fizemos notar, dá á criança a concepção do instinto sexual com a dupla polaridade — atividade e passividade, sem distinção de sexos. Essa ambivalencia favorece, de um lado, o sentimento passivo de inferioridade, que o paranoide recalca e a que, por outro lado, busca contravir com a exteriorização de uma atividade ficticia.

Como sucede toda vez que o individuo resiste a uma fase da sexualidade, dá-se, como consequencia, a regressão á fase anterior; regride assim, da fase de

objeto analogo ao Eu á fase do Eu objeto, ao narcisismo; isso explica a egolatria e o egocentrismo desses individuos.

Contudo, como lhes existe no intimo aquele sentimento de inferioridade, e como a homossexualidade, ainda que latente, prepondere, basta uma palavra mais severa para que se lhes desfaça todo o aparelho de agressão; reconhecido, no contendor, o parceiro ativo, abdicam eles proprios da atividade e entram a representar o papel contrario.

Esse é o segredo da vitoria de muita frase energica, que representa menos a coragem da autoridade, do que a pusilanimidade do rebelde.

OS TEIMOSOS. — A teima representa, muita vez, uma falha da atenção ou da memoria. A criança age, então, automaticamente, a despeito da proibição que acaba de ser-lhe feita. Movida por um impulso interior, talvez porque um complexo a impedisse de atentar na palavra do mestre ou lhe impuzesse o recalcamento da idéa, continúa a criança a praticar o ato vedado ou reincide na falta, arrependendo-se, após have-lo feito.

Os impulsivos, pelas razões expostas a seu respeito, podem ser levados a transgredir á ordem dada, perseverando no erro.

Entre os emburrados, alguns são teimosos, pelo mesmo mecanismo já descrito; e os esquizoides, em geral, podem cumprir atos estereotipados, determinados pelo seu proprio autismo.

O autismo normal faz-nos, muita vez, cantarolar, um dia inteiro, a mesma frase musical; e é bem compreensivel que as crianças sejam vitimas desse mesmo fenomeno, que desafia, por vezes, toda a censura.

E' necessario estudar a origem da teima; nem todos os teimosos são iguais.

4 — *OS DISTRAIDOS*

Da mesma sorte se explicam os distraidos, que em varias classes já descritas se podem incluir. Os atos falhados, por exagero do autismo ou por impulso de autopunição, representam atos de pura distração.

5 — *OS MENTIROSOS*

Não estamos convencido de um carater mitomano; antes nos parece que a mentira infantil pode dar-se:

a) por impulsão
b) por timidez
c) por fantasia
d) por calculo.

Mentem por impulsão certas crianças, quando nem mesmo ha causa aparente para tal mentira; e se alguem lhes opõe contestação, firmam-se no que disseram.

E' comum, na pratica psicanalitica, ver o doente negar a idéa associada que lhe veio á mente. Expri-

me, então, a idéa sob a fórma negativa, ou empregando os adverbios *não, nunca,* etc., ou dando-lhe denominação oposta á verdadeiro. Os analistas estão habituados a ouvir essas mentiras; sabem que tal idéa tocou o complexo recalcado e que, do inconciente, veio representar-se no conciente, embora deformada pela ação da censura, sob a forma antitetica ou sob a forma negativa.

São assim as mentiras dos impulsivos, toda vez que, roto o seu equilibrio afetivo, se dá uma daquelas descargas tendentes a recuperar o equilibrio.

Mentem as crianças timidas, ou porque as emocione um fato associado ao complexo e se lhes desperte o temor do castigo, ou porque o estado de necessidade de punição as leve a acusar-se a si proprias.

Mentem quasi todas as crianças, por fantasia. O autismo infantil, maior do que o do adulto, leva a criança a invenções imaginarias, proporcionalmente mais ricas do que todas as criações de arte do homem desenvolvido. Vêde uma criança a brincar com um pedaço de pau (o exemplo é de BLEULER) e a figurar no bloco informe as imagens mais variadas; um homem, uma casa, uma locomotiva... E' a sublimação da libido, que, desviada do objeto amado, assim se transforma, por associações de idéas, em expressões permitidas pela censura.

Estas fantasias podem, passar do dominio dos brinquedos, para outros dominios e a criança conta um fato mentiroso, como se contasse um sonho. Da mesma maneira que certos sonhos nos causam a impressão

da realidade, ao ponto de hesitarmos entre o seu carater de sonho e o fato real, assim tambem a fantasiosa mentira infantil pode incorporar-se no inconciente, tomando aspecto de verdade.

Mentem, tambem, por calculo as crianças, como os adultos. A civilização, "estufa de neuroses", impõe-nos uma serie de mentiras, necessarias para transferir o impulso da nossa libido, demasiadamente animal. Leis e costumes, codigos e convenções criaram essa Censura tiranica que nos produz a repressão, o deslocamento, a deformação, a transferencia e quantas metamorfoses por que passa a idéa, desde o seu nascedouro — no inconciente, até o transformar-se em gesto ou palavra.

E' bem compreensivel, pois, que a criança, embora ainda em evolução a censura, minta por calculo, deliberadamente, para atingir o seu fim libidinal, em obediencia á atração do prazer.

6 — *OS MEDROSOS*

Distingue FREUD o medo, o pavor e a angustia (*Jenseits des Lustprinzips*). "A angustia, diz ele, pode ser definida como um estado de espera do perigo, de preparo para o perigo conhecido ou desconhecido; o medo exige a presença de determinado objeto, que o provoque; o pavor é o estado provocado por um perigo atual, para cujo advento não se estava preparado; caracteriza-o, especialmente, a sorpresa."

O medo infantil tem, para FREUD, sua origem na ausencia da pessoa amada. "Por isso, aproximam-se

dos estranhos com medo; e ficam medrosos na obscuridade, porque não lhes permite esta ver a pessoa amada; só se lhes abranda esse medo, quando podem tomar a mão dessa pessoa." (*Drei Abh.z. Sexualtheorie*).

A angustia das crianças medrosas, assimila-a o mestre de Viena á ansia dos amorosos, cuja libido não foi satisfeita.

A's vezes, o medo infantil toma o carater de verdadeira fobia, como nos casos dos pequenos Hans e Kurt, psicanalisados, respectivamente por FREUD e G. H. GRABER. Um fato desagradavel ocorrido com um animal (grunhido, agressão), a simples advertencia enfatica dos adultos sobre o perigo do contacto com os animais ou ainda a assimilação que as crianças podem fazer de certos animais com os pais (em relação com o complexo de Edipo) — eis o que na mór parte dos casos pode causar essas fobias.

E' interessante o paralelismo dessa assimilação com a instituição primitiva do totem, que é, quasi sempre, um animal sagrado, temido e venerado odiado e respeitado e que nada mais significa afinal, do que a representação do chefe do clan — ou seja, do pai.

Não pretende este ensaio ser um estudo completo, nem mesmo uma clossificação de temperamentos, como está tão ao sabor da atualidade. Tomámos por ponto de partida varios dos aspectos pelos quais se apresenta o aluno ao mestre e tentámos estuda-los de acor-

do com a pratica psicanalitica, com o concurso de obras da escola freudiana e com a referencia de psiquiatras modernos, embora não nitidamente filiados á corrente do sabio vienense. Nove anos de estudo da psicanálise e quatro de pratica do metodo de FREUD autorizam-nos a alguns juizos proprios.

CONCLUSÕES

1.ª — E' necessario interessar o professor no estudo da psicanálise. Lidar com espiritos infantís, sem lhes conhecer o mecanismo, é perigoso e improficuo. A psicologia classica não basta para esclarecer o mestre.

2.ª — Dada a profunda influencia da sexualidade na formação e operação da psique infantil, não é justo que a educação se furte ao lado sexual da vida e repila, simplesmente, como imorais, as manifestações e os conhecimentos sexuais. Urge fazer a educação sexual.

3.ª — A sexualidade já se vem formando, antes do periodo escolar. E' necessario que os pais conheçam as teorias de Freud, de maneira que possam evitar aos pequeninos, tanto quanto possivel, esses conflitos emotivos que vão constituir os complexos, fontes dos desvios de carater e origem das neuroses. E' necessario vulgarizar a psicanálise.

4.ª — Do que está exposto acima, se verifica que a diversidade de caracteres merece educação tambem diversa. Resumindo os caracteres, segundo o conceito topico da localização da libido: oral, analerotica, genital, ou segundo o conceito dinamico: autoerotica, narcisíca, homoerotica, heterosexual, que se tenha em vista o metodo psicanalitico, na educação desses quatro tipos, manejando-os diversamente.

Rio, 15 dezembro, 1927.

EM TORNO Á MESA

(VARIAÇÕES SOBRE O NARCISISMO)

Oração no Circulo do Magisterio Superior, Dezembro 1927

Meus senhores e mestres.

Estou intimado a dizer da psicanálise, desse meandro em que me embrenhei ha nove anos, dessa esfinge a cuja decifração ha quatro me medico, de corpo e de alma.

Costumam os homenageados dizer algo de si; de mim, nada ha que dizer, pois que não assenta dizer bem, nem exigirieis que dissesse mal. Direi da doutrina de FREUD, embora seja isso indigesta sobremesa para este frugal repasto.

O habito da psicanálise me levaria a falar deste Circulo sem centro, desta agremiação sem cerebro diretor, que se guia pelo vagosimpatico — orgão da pura afetividade — que é UGO PINHEIRO GUIMARÃES

e é WALDO DAVISON, que antes nos estimulam com o sentimento, do que nos dirigem com a razão.

O circulo, bem o sabeis, é simbolo de facil decifração, em psicanálise. E' a curva fechada, é o narcisismo das primeiras idades, a libido voltada para o proprio individuo. Congregados em volta á mesa circular, miramo-nos, escutamo-nos, homenageamo-nos, amamo-nos. Essa introversão do circulo me trás á mente o classico simbolo da eternidade, a serpente a morder a propria cauda, imagem do autoerotismo que foge á morte — e FREUD define bem o instinto sexual como instinto de vida.

Não é demais crer, pois, que no inconciente daqueles que geraram este Circulo — pontos luminosos a rolar em volta de um centro ideal — não é demais que no inconciente desses pontos geradores despertasse o complexo infantil dos arcos de barrica com que brincaram, rolando-os nos jardins, das rodas do coelho-sae e dos jogos cantados na puericia, quando não do amplexo curvo dos braços maternos ou mesmo do tepido ambiente rotundo, onde antes da luz do dia, em pleno cáos, o pequeno individuo se recurva, ensimesmado, na contemplação do proprio umbigo.

Da curva do ovo minusculo ás grandes arquivoltas da abobada celeste, porém, evolve o circulo. Assim que, em volta á mesa redonda, que ás vezes mesmo se dilata em ovoide, alargamos a vista interior aos circulos maximos; e no imenso narcisismo do nosso inconciente, distendemos os nossos raios para sectores mais amplos — para o progresso da instrução superior, para a gran-

deza da Patria; e traçamos novos e desmedidos circulos para o nosso ideal — contanto que nos sejam concentricos.

Descancem os geometras. Um simples analista á FREUD não iria avaliar o *pi* desse sistema; mas se me permitem, avançarei que para imagina-lo, congregamo-nos, concentramo-nos mais — é o termo — e este pequeno circulo, por força da abstração necessaria para compreender o circulo ideal maior, do nosso super-Ego, da grandiosa aspiração comum — transforma-se ele proprio em centro, em ponto de convergencia do nosso narcisismo, por que dos pontos inumeros do circulo maximo os raios todos se abatam sobre nós.

Dos nossos esforços reunidos, possa derivar um Brasil melhor, pela instrução — eis o nosso ideal; não é tudo: que o Brasil futuro, maior pela instrução, celébre os nossos esforços — eis o que nos impõe, tiranico, o inconciente.

Eis a razão deste Circulo; ela se traduz na crueza do seu simbolismo; na homenagem que mutuamente nos prestamos, cada um por sua vez; na direção esparsa, subdividida, que não admite autoridade, que não tolera chefe, que não tem diretoria; na discrição da ordem que não se submete a regulamento.

Eis a razão do Circulo e eis a razão porque nos achamos aqui a almoçar, amenizando a cogitação dificil dos problemas pedagogicos com a companhia que se faz amavel á roda do prato — quando os ha para cada um.

E' singular a influencia das mesas de refeição so-

bre a marcha dos negocios. Quereis conquistar um amigo, convidai-o para jantar. Na altura dos postres, havereis alcançado o intento. Os banquetes diplomaticos decidem dos tratados, armam e desarmam as guerras; e em não sendo abstemia, como a nossa, a companhia, os vapores de Champagne têm a força de muitos argumentos.

Sempre a mesa: em bodas, em batisados, em aniversarios, em funeraes, até. Deriva-se para a libido oral o instinto de localizações outras. Beber á saude da noiva, sauda-la, rompendo a taça, provar do classico bolo matrimonial — reliquat da latina *confarreatio* — que riqueza de simbolos não encerra tudo isso!

Se já está demonstrado que o glotão e o alcoolista comem e bebem como derivativo á sexualidade bucal — por que não compreender que se abrandem no vitelo os dentes que prefeririam, sem isso morder o comensal? por que negar que beber á saude de alguem atenúa muita vez o desejo de beber-lhe o sangue? Oh! doce sacrificio o de ouvir um orador metafisico, quando se tem um sorvete mais doce á mão! quanto é mais agradavel discretear sobre tests e regime universitario, nos almoços do Circulo, do que nas insipidas sessões de Congregação!

Já deveis ter notado: aqui não se acirram polemicas, nem se acaloram discussões. O instinto bruto, animal, digamos sexual, na acepção de FREUD, ameiga-o esse sentido rude: o paladar. O que ha de narcísico e de sadico, dentro de nós, esbate-se, derivando

no morder o presunto, no degustar a compota. Já refletistes em que, de todos os sentidos classicos, o mais egoista, o mais narcísico, o mais individual é o do gosto? Ver, ouvir, cheirar, apalpar todos o podem fazer ao mesmo tempo á mesma paisagem, á mesma sonata, ao mesmo perfume, ao mesmo veludo; mas ao mesmo bocado, não podem dous sentir simultaneamente o gosto.

Por isso, satisfaz mais diretamente o paladar á nossa libido, maximé nessa fase em que o infante suga com verdadeira volupia o seio da lactante ou mesmo ainda o dedo, a chupeta... Se é certo, para os psicanalistas, que essa volupia perdura, como avatar, no roer as unhas, no mamar o charuto, no beijo — vede a metragem dos beijos cinematograficos! — é certo tambem que o apetite da mesa não está só a pedir a conservação do individuo, senão que tambem se reveste de prazer — desse prazer que leva a preestimar este prato e aborrecer aquele e até a estalar com a lingua e a revirar os olhos...

E por que damos logar a esse goso e saida a esse impulso, podemos tolerar que venha um homem falar da metapsicologia de um professor da longinqua Viena, quando bem podia estar ele aqui sentado, a comer a sobremesa.

Mas, fui intimado e, embora não haja autoridade a quem obedecer, satisfaço ao meu Eu narcísico, tornando-me ouvido.

Se me fosse dado o poder magico de psicanalisar esta mesa de banquetes que ora serve ao nosso cenacu-

lo — melhor, jentaculo — eu iria descobrir-lhe no fundo do inconciente esta frase: "Ora, eu sou apenas honesta mesa de comer e está este homem a comparar-me a talamo nupcial, onde se passam cenas que me fazem corar!"

E eu lhe diria: "Está V. Excia. enganada: V. Excia. sublima. Mesa e cama, fazem-nas o mesmo lenho; entre o comer e o... coçar, ha tão pouca diversidade, que já o vulgo diz que para ambos o ponto é começar e a giria já designou com o primeiro desses verbos a cena que não faz corarem as mesas, mas apenas a hipocrita moral que impõe a folha de parra ás estatuas e não ao rosto dos tartufos."

Eu lhe diria que *L'amor muove il sole e l'altre stelle*; que, embora mais complexos, não somos, no fundo, diversos dos insetos, que não sobrevivem á fecundação ou á reprodução: que somos apenas celulas do organismo da especie e que todas as nossas atividades intelectuais se guiam pelas redeas tiranicas da libido, através das sublimações varias que constituem a civilização. E se a mesa, silente demonstrasse entender-me, eu lhe diria que todos sublimamos; e que dentro de uma Universidade — juristas, engenheiros, artistas, medicos, todos — começámos por obedecer, em a nossa vocação e na escolha das especialidades, aos complexos infantís recalcados, ás tendencias determinadas pelas emoções diversas sobrevindas na idade em que o homem adulto é um enigma e o mundo se conhece através dos contos de fadas.

Eu lhe diria que muito advogado se forma da ten-

dencia a defender as faltas alheias, na infancia, para ocultar as proprias travessuras; que muito juiz é fruto das punições desmerecidas da criança; que muito penalista desvia para a ciencia criminal certa dose de sadismo pueril.

A segunda fase do erotismo da infancia, continuaria eu, terá produzido muitos engenheiros e arquitetos, pois é sabido que dela deriva o gosto da criança pelos castelos de areia, pelas pontes de ramos de arvore, pelos lagos e rios artificiais, numa coprofila disfarçada que mais tarde se sublima nos mais arrojados empreendimentos desses titans da engenharia moderna.

Dos artistas, eu lhe contaria que origem identica forma os escultores e que o nú artistico, no marmore ou na tela, nada mais é do que a genial sublimação do instinto da especie; que os sons naturais mais torpes entram na genese de muitos musicos; que no Brasil, como em toda parte, a gente é poeta aos vinte anos, na idade em que a experiencia do mundo ainda não educou a iniciativa da procura sexual; e que muito genio artistico tem fenecido quando a libido começa a obter seu verdadeiro objetivo natural: são os poetas que desposam a Musa e quebram a lira.

Eu lhe diria que a agricultura tem suas fontes no aborrido complexo de Edipo, no desejo de penetrar o ventre da Mãe-terra, de fecunda-la de colher-lhe os frutos, tal como aconteceu ao simbolo fatal da lenda grega, simbolo que existe na verdade, dentro de nós, transmudado, dificil, por vezes, de ser reconhecido, mas vivo e potente, apesar de tudo.

Dos medicos... e se sa mesas sorrissem, havia esta de entreabrir as taboas — dos medicos eu lhe diria que, por mim, uma das emoções que me determinaram a vocação foi ter perdido minha mãe subitamente, por desidia dos medicos, sem que lhe eu pudesse ter dado os carinhos filiais que o meu complexo de Edipo exigia; como que um impulso intimo me levou a buscar entender o que só medicos sabem — e aqueles não sabiam; e uma secreta sensação de culpa, a de não lhe ter dado mais amor, impelia-me a ilustrar-me, na profissão medica, como se eu identificasse a minha ignorancia á pouca ciencia daqueles algozes.

Assim se têm feito muitos cirurgiões, que foram sadicos infantís, ginecologistas de curiosidade sexual precoce, psiquiatras que em criança estarreceram ante o enigma de certos caracteres adultos, bacteriologistas cuja coprofila infantil se sublimou, por fim.

"E por que estais aqui vós todos, a cuidar de formar espiritos, de formar homens?" E eu responderia: a dedicação do pedagogo é uma forma de amor; e fazer homens é a finalidade da libido.

Com isso, a mesa estaria satisfeita e não cuidaria mais em corar diante do talamo, ainda quando eu lhe quizesse explicar ser a psicanálise, na sua genial criação e na sua aplicação sensata, mais um derivativo em que se sublima a libido dos especialistas.

E eu nada mais diria á mesa, e nada mais vos digo, que tanto basta á vossa longa paciencia.

Rio, 7-12-927.

SOBRE O SUICIDIO

Entrevista a "O Imparcial", em 1928

— Dos estudos da escola de FREUD, pode-se concluir alguma cousa sobre o suicidio?

— O ponto de vista de FREUD e da sua nova ciencia, a psicanálise, é, talvez, um tanto chocante para o publico. Como sabe, FREUD liga maxima importancia ao fator sexual, que não se atem apenas á função reprodutora, mas que, embora visando-a indiretamente, comanda, através da afetividade, a maior parte dos nossos atos.

— Mas, pode haver algo de sexual no suicidio?

— Sim; ha tudo. Não sómente quanto ao suicidio chamado passional, mas até mesmo nos outros, cuja causa parece aberrar de todo sentimento afetivo.

O suicidio representa uma transformação do ato claramente genetico. Da mesma maneira que, nos homicidios passionais, o individuo cumpre sobre o objeto amado um ato agressivo, pela impossibilidade de cumprir a outra agressão francamente erotica, assim tambem, no suicidio, se transmuda não sómente a fórma

da agressão, mas tambem o objeto desta. O suicida é, no fundo, um autoerotico.

— São muito avançadas tais idéas; mas onde as provas?

— A psicanálise não é apenas teoria metafisica, baseada em hipoteses e ilações. Os seus ensinamentos se fundam na observação e na experiencia. O trato dos doentes que têm a id.a fixa do suicidio, o exame dos suicidas frustados, a analise dos autoeroticos em geral — através da clinica, da critica filosofica de artes e letras, do estudo psicanalitico das religiões — eis quanto levou FREUD e seus dicipulos a tais conclusões.

Ora, ouça. Um doente, atormentado pela idéa de suicidar-se, apresenta ao medico analista, no decurso de longa associação de idéas, o simulacro do quadro do seu suicidio: expressão ansiosa, revolver empunhado na mão crispada, dedo no gatilho, cano encostado á tempora... Mas continúa a associar idéas em torno desse quadro. Não poderei dizer-lhe, para o jornal, a serie de imagens nitidamente eroticas que se lhe seguiram, a proposito da representação desse revolver, cujo aspecto se transforma em outro objeto manuseado pela dextra nervosa; da agressão dessa nova imagem contra si proprio, etc.

— Mas em outras fórmas de suicidio, parece que essa agressão não existe muito claramente.

— Mas existe. Se a paixão amorosa traz ao individuo aquele estado ansioso que todos conhecemos e que só encontra alivio na satisfação ultima do desejo, a paixão de matar conhece as mesmas fases e vai ao

encontro do mesmo alivio, ainda quando dirigida para o proprio individuo.

Tambem Narciso se enamorara de si proprio; e ha muitos narcisos, no mundo.

O impeto de destruição existe ao lado do impulso sexual, tal como se verifica nos seres inferiores — nos insetos, notadamente. Conhece o vôo nupcial das abelhas, que é a morte dos zángãos? Conhece a vida dos efemeros, que morrem após o amplexo, esses insetos sem orgãos digestivos, que vivem 24 horas? Conhece a mutilação e a morte da cantarida macha, após o ato reprodutor? Já notou que *omne animal post coitum triste?*

Ha no ato de amor uma ansia de destruir; e é por isso que essa dose normal de sadismo se exagera e prepondera, em alguns casos. Assim é nos crimes passionais; assim é, principalmente, nos autoeroticos, levados ao suicidio.

— Mas o instinto do amor é o instinto da vida.

— Assim é, di-lo FREUD. Eros, o velho Eros de PLATÃO, ressuscitado pelo grande sabio vienense, comanda a congregação de todas as forças que cooperam para a vida. Mas não se esqueça de que, para FREUD, nem tudo é instinto sexual, por muito que lhe tenham imputado essa opinião. Convergem dentro de nós *Sexualtriebe* e *Ichtriebe*: impulsos sexuais e impulsos do Eu, ou , melhor, impulsos de vida e impulsos de morte.

— Mas que tem o Eu, com as manifestações sexuais? Não é a elas, que está ligando essas tendencias destruidoras, tal a do suicidio?

— Ha um Eu sexual, tambem; é uma das ultimas concepções de FREUD. E assim se compreende que o amor seja a um tempo abnegado e violento. E' por isso que a abelha estafa os zangãos, na corrida amorosa pelas alturas; e que o noivo feliz é, após, vitima da carnificina das operarias, para que não perturbe o trabalho da colmeia, de onde vae surgir a nova geração.

— Mas nem sempre se pode compreender esse movel amoroso, nem mesmo narcisista nos suicidas. Ha individuos tristes, melancolicos, neurastenizados, que, quando escapos á tentativa, não sabem mesmo explicar porque buscaram matar-se...

— Em todos esses, neuróticos ou psicóticos, a psicanálise poderia descobrir o que acima expendi. Mas ha ainda outro "complexo", que ás vezes aí converge: é o complexo de Edipo, o amor á propria mãe, pelo individuo masculino e, em ambos os sexos, a saudade do regaço materno, o desejo que temos todos de ser mais jovens, de ser pequeninos, de não ter ainda nascido, de estar ainda voltados para nós mesmos, narcisicamente, no ventre originario.

Ora, a terra é a "mãe-comum"; da terra foi feito o homem, na lenda biblica; todos "somos pó e ao pó devemos tornar". A terra é um dos melhores *Ersatz* — substitutivos — da nossa mãe; não podendo mais caber no seio materno, quando nos falta o regaço da mãe, a caricia da irmã, o amplexo fruido entre os membros da mulher amada, voltamo-nos para a terra *material,* para a *terra-mater,* para a mãe comum, que nos pode gazalhar no seu ventre fecundo.

Tais são as associações de idéas que passam no inconciente de todos nós, normais ou doentes. Veja como cantam os poetas a terra; como veneram os patriotas o torrão natal; como desejam tantos dormir o ultimo sono na terra onde primeiro viram a luz.

Essa ansia de voltar á nossa mãe e a predominancia dos impulsos de morte sobre o Eros vivificador explicam o suicidio. Não é méra hipotese: a clinica confirma-o.

— E como evitar as epidemias do suicidio?

— O problema é vasto e não é para ser deseuvolvido aqui. Decerto, o contagio mental entra com grande parcela na declusão dessas epidemias; e a imprensa mal-avisada tem disso grande culpa.

Mas o problema é muito complexo. A sua solução exigiria verdadeira revolução social. Ao lado do combate a todas as causas de diminuição da resistencia organica — infecções e intoxicações — seria necessario lutar contra as causas de exaltação e desvio de afetividade, que além daquelas, são principalmente as que dependem da impropria organização do atual ambiente da familia e as que envolvem a educação, nos seus varios aspectos, mas principalmente a educação sexual.

Isso seria materia, porém, a ser desenvolvida em revistas cientificas. E penso ter dito o bastante com referencia ao ponto de vista psicanalitico, a respeito de suicidio.

INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAIS

Apontamentos dados a uma das secções da Associação Brasileira de Educação, por solicitação da Exma. Sra. Prof. Celina Padilha

A Escola de FREUD distingue: *a*) Educação Sexual; *b*) Instrução Sexual.

EDUCAÇÃO SEXUAL. — Compreende a educação sexual, a bem dizer, toda a educação das idades pre-escolares.

Dada a influencia que exercem sobre o desenvolvimento psiquico e formação do carater os varios traumas emotivos que a doutrina de FREUD considera sexuais — no sentido mais lato — é necessario guiar na criança o desenvolvimento dos impulsos ou tendencias inconcientes, desde o nascimento.

Assim, nos dous primeiros anos de vida, a zona da boca representa para a criança a principal séde do prazer: o instinto de sugar não tem apenas como fim a necessidade da conservação do individuo, pois a criança, além de mamar acima das suas necessidades de

nutrição, ainda se compraz em sugar os dedos, a chupeta, etc., como mais tarde encontrará prazer em roer as unhas, em chupar balas, etc.

O primeiro cuidado, pois, em materia de educação sexual, deve referir-se á zona do prazer oral.

Pelo estudo das crianças viciosas e dos doentes neuróticos se tem notado que, toda vez que se cultiva o prazer localizado em determinada zona, ele se fixa, tendendo a persistir pela vida em fóra. O cultivo dessa fixação oral pode dar em resultado, não só o habito da onicofagia, mas tambem os vicios do fumar, do beber, dos entorpecentes.

Já os pediatras haviam aconselhado mamadelas em quantidade adequada e com intervalos determinados; já tambem haviam proscrito o uso das chupetas e seus sucedaneos — porque tudo isso prejudica á saude do corpo. Hoje se sabe, pelos estudos da psicanálise, que não são só esses os prejuizos, mas que tambem ha desvantagens para a formação psiquica da criança no desregramento da amamentação, como no entretenimento da sucção além da medida necessaria para alimentação.

Cerca dos tres anos de idade, a criança entra a preocupar-se com a defecação. Habituada que foi a regular as evacuações diarias e a faze-las no local apropriado, o seu interesse se intensifica, por tudo quanto se relaciona com aquela função: o ato em si, as nadegas, as fezes (quanto ao aspecto, côr, consistencia), os gazes intestinais, etc. O prazer encontrado na defecação, que muitos adultos conservam e que FREUD e seus dicipulos consideram de natureza igualmente

sexual — esse prazer leva muitas crianças a manter-se constipadas ou a demorar tempos interminos sentadas no vaso.

O cultivo desse habito influe mais tarde sobre o carater da criança e a fixação das tendencias sexuais na zona anal pode dar logar a inclinações para a inversão.

Não chamar a atenção da criança para o seu proprio corpo, evitar as constipações do ventre, impedir que a defecação seja demorada e que a criança dela tire prazer, evitar assim tambem que, durante a defecação, a criança brinque ou coma, ou de qualquer maneira busque entretenimento no ato — tais são os conselhos uteis, nessa materia. Por outro lado, o interesse pelas fezes é transformado, espontaneamente, pela criança, em brinquedos com areia, principalmente com areia molhada, o que é antes um bem, tomadas as devidas precauções de higiene geral.

E' ocioso insistir em que a flagelação das nadegas, por gracejo ou punição, encontra, nesta ordem de idéas, mais um argumento em contrario.

Essa fase de erotismo anal, que perdura até os cinco ou seis anos, é contemporanea, nas meninas, de outra, que nestas, via de regra, se lhe substitue, já para o fim: é a fase de fixação na zona do clitoris.

O onanismo infantil pode ser notado desde os primeiros dias e é, geralmente, um prazer suplementar buscado pelo lactente, durante o ato da sucção da mama. Conquanto deva ser evitado, mesmo nessa idade, em todo caso, a correção do prazer pela sucção,

segundo acima foi aconselhado, concorrerá em grande parte para evitar o onanismo infantil das primeiras idades.

Já a masturbação das idades mais adiantadas merece maior atenção. Entre as meninas de 5 a 6 anos, entradas na fase clitoridiana, é comum ver o habito de dormir com as mãos ou o travseseiro entre as pernas, o que deve ser evitado; igualmente devem ser evitados os calções muito apertados sobre o perineo, pois que a fricção constante sobre os orgãos genitais pode dar logar a um prazer de perigoso cultivo.

Para as crianças que demonstrarem o habito de manusear os orgãos genitais ou dormir na posição acima referida, o uso do velocipede e da bicicleta pode concorrer para aquele cultivo de prazer, se bem que a proscrição de tais exercicios não mereça generalização. O mesmo se entenda quanto á equitação verdadeira ou simulada, em cabos de vassoura ou cavalinhos de madeira.

Os habitos de asseio dos orgãos genitais evitarão, naturalmente as fontes de irritações locais e pruridos que podem levar inconcientemente a criança á atrição dos seus orgãos e vicia-la na masturbação, uma vez descoberta essa maneira de prazer.

A fixação clitoridiana pode prejudicar as tendencias da mulher adulta, inabilitando-a para o prazer natural no amplexo sexual, dando-lhe tendencias genericamente masculinas e talvez mesmo levando-a á homossexualidade.

Desde as primeiras idades, toda a superficie cuta-

nea é fonte de prazer, do que nos dão rapido exemplo as cocegas. Esse prazer é dado, igualmente, pelo atrito das roupas e pelo manuseio do corpo, já no embalo de acalentar, já nas caricias exageradas, já nas fricções do banho.

Por isso se justifica a proscrição do embalo, como fazem desde muito, os pediatras. A criança não deve ser levada ao colo: o seu melhor logar é o pequeno leito individual, fixo; nada de berços nem de rêdes. Roupas frouxas e bem arejadas já desde muito se recomendam. O banho deve ser tomado pela propria criança, desde que esteja em idade de saber lavar-se. Conheço casos de forte excitação sexual em crianças crecidas, banhadas por senhoras; esse habito não foi estranho á genese das neuroses que, na idade adulta, vieram a brotar.

Depois dos seis anos, a criança passa ao periodo de curiosidade sexual: interessa-a a diferença dos sexos, assim como o misterio da origem das criancinhas. Assedia os adultos com perguntas ou fantasia teorias sexuais. E' a época de fazer-lhe a instrução sexual.

Depois virá o *periodo de latencia,* segundo a denominação de FREUD. Mas, muito antes da verdadeira idade púbere, já se inicia a fase sexual derradeira, a fase genital, em que a sexualidade tem por séde principal os orgãos reprodutores externos e por finalidade a reprodução da especie.

A criança que tiver tido boa "educação sexual" (no sentido freudiano) até aos 6 anos, não dará grande trabalho no periodo de latencia, em que se dá como

uma recapitulação das fases anteriores, segundo JONES.

Assim, chegará ela, indene, á fase genital ou reprodutora, onde a capacidade de direção propria dos atos dispensa a mór parte do trabalho alheio.

E' de notar, entretanto, que, durante as fases anteriores, duas foram as tendencias afetivas da criança: uma, para buscar um objeto para o seu amor; outra, para exigir um suporte, um esteio, um arrimo para a sua vida fragil.

Dessa dupla tendencia se compõe toda a vida afetiva da criança.

O primeiro objeto do seu amor, a primeira fonte do seu prazer foi o proprio corpo. Recemnascida, ainda incapaz de abstrações, para poder distinguir a sua propria individualidade do meio ambiente, o prazer da sucção é obtido com o proprio corpo; e a tendencia muito comum das crianças para sugar os proprios dedos é uma acentuação digna de nota.

Essa atitude autoerotica do amor persiste largo tempo; por muitos anos, a criança será egoista; quererá para si todos os doces, todos os brinquedos, todas as cousas que veja ou imagine. Isolada dentro de si, só muito tarde lhe nascem os sentimentos de pudor e de piedade. *Cet âge est sans pitié...*

Paralelamente, porém, o amor busca um objeto no ambiente; e é justo que este recaia nas pessoas que mais estão em contacto com a criança. A pratica psicanalitica tem demonstrado, porém, que o sexo não é

estranho á escolha desse objeto; e que, via de regra, esta recai no genitor de sexo contrario.

Essa tendencia do filho para a mãe e da filha para o pai é o que a psicanálise denomina "complexo de Edpo", por analogia com a celebre lenda grega. Assim, esse amor filial tem um fundo sexual, o que não significa que tenha motivo desonesto: é uma tendencia inconciente, pois que precede, na criança, ao proprio conhecimento das cousas sexuais.

E' fato corrente dizerem meninos ou meninas que querem casar com a mamãe ou com o papai; não sabem o que signifique casar; mas, querem-no.

A criança que assim deseja o genitor de contrario sexo para alvo unico do seu amor não compreende, é bem de ver, a organização da familia nem os privilegios amorosos que estão reservados a cada um dos pais. O ciume infantil, a inveja infantil, o rancor infantil são a consequencia logica disso.

Acontece ainda que, maximé as mães, cultivam excessivamente essa tendencia, havendo-as que recebam no proprio leito o filhinho, sem saberem que mal lhe estão causando.

Por outro lado, a dormida da criança na alcova conjugal é de grande imprudencia. Ha gestos e atitudes que a criança descobre e interpreta, ainda que á custa das mais absurdas fantasias.

O carinho materno ou paterno deve coibir-se, por muito que isso custe aos pais. Trazer a mãe o filhinho crescido ao colo ou fazer o pai que a filhinha lhe ca-

valgue os joelhos é cultivar o complexo de Edipo, com desastrosas consequencias possiveis.

Coincide com a fase de latencia o periodo em que a criança começa a renunciar ás tendencias incestuosas, inconcientes, do seu complexo de Edipo e então inicia a construção do seu ideal. Esse ideal, normalmente, é feito de acordo com o genitor de igual sexo; e aí está porque o exemplo dos pais é a pedra angular da educação.

Para a construção desse Eu ideal, desse Super-Ego, na nomenclatura psicanalitica, já deve ter concorrido a instrução sexual, conforme se verá adiante.

INSTRUÇÃO SEXUAL. — Já não se discute mais a questão de conveniencia da instrução das crianças a respeito das cousas relativas ao sexo, pelos pais ou professores. Um pouco de reflexão basta para compreender que nenhuma criança se mantém ignorante a esse respeito, "inocente", até a puberdade; e que os companheiros, colegas e famulos se encarregam bem cedo dessa instrução, mas sem nenhuma honestidade, antes sob um ponto de vista obceno e com indução frequente para os vicios.

A questão de saber-se quem deva fazer a instrução, se os pais, se os mestres, merece apenas esta resposta: uns e outros, a seu tempo.

Quanto a saber-se quando deva ser iniciada essa instrução, apenas pode responder-se: tão cedo quanto isso interesse á criança; e essa é a razão pela qual os pais devem iniciar a tarefa. Mais tarde, na escola,

a proposito das lições de higiene e historia natural, a professora dará, honestamente, sem escandalo, a ultima demão á obra.

A instrução sexual deve ser oportuna, leal e dosada, de acordo com a idade.

Oportuna: não é conveniente chamar a atenção da criança para o assunto, nem mesmo fazer referencias maliciosas a partes do seu corpo. E' mais prudente esperar que a criança faça perguntas e ela as fará, tanto mais ingenuamente, quanto mais leais e verdadeiras forem sendo as respostas. E' de notar que, após os seis anos, quando começam a renuncia ao objeto parental, o declinio do complexo de Edipo e a formação do modelo de personalidade — Super-Ego — já as perguntas vão rareando e desaparecem. No entanto, se a instrução foi feita, até então, com lealdade, ainda a criança perguntará, embora o faça menos, pela menor ignorancia.

Essa instrução, feita á mercê das perguntas da criança, parece incompativel com um programa; no entanto, a observação tem demonstrado que a curiosidade infantil segue, através do tempo, um verdadeiro programa.

Muitos pais afirmam que os filhos não demonstram curiosidade em materia de sexualidade. Desconfiemos: serão crianças de sete ou mais anos de idade, que já sabem e por isso não perguntam e escondem o que sabem, pois que o aprenderam de fontes desonestas.

Na realidade, a criança é curiosa; e se pergunta a respeito de tudo, por que não ha de ter anseio de

conhecer cousas que lhe ferem os sentidos, mas de que os adultos, geralmente, não se ocupam em sua presença?

O primeiro assunto que fere a curiosidade da criança é a diferença dos sexos. Intriga-a o ver diversos os orgãos genitais do outro sexo: e se lh'o não explicam, fantasiará enormes mentiras; outras vezes, os adultos se encarregam, mesmo, de tecer essas fantasias: as meninas teriam sido castradas, porque fizeram travessuras; ou os orgãos femininos virão a nascer mais tarde, como se dá com os seios.

A essas perigosas fantasias se acrece o pessimo habito de, a titulo de gracejo ou reprimenda, ameaçar de castração as crianças masculinas. São as conhecidas frases: "Não mexa nisso, que isso cae", ou "O gato pode engulir isso", ou "Cobre isso, se não, o passarinho foge, ou as moças tiram", ou "Deixe cortar isso" — á ultima das quais não raro se acrecenta o gesto ou mesmo o manuseio de uma tesoura ou faca.

A pratica da clinica psicanalitica tem demonstrado que esses erros funestos constroem na criança masculina o "complexo de castração", que se acha na base de varias neuroses; assim se geram os homens timidos, os falhos de iniciativa, os que frequentemente naufragam na vida. Entre as meninas, a falsa idéa de castração dá-lhes um sentimento intimo de inferioridade; e o enganoso anseio de possuir um orgão masculino, de desenvolvimento paralelo ao dos seios, lhes gera no inconciente a imagem falsa do chamado *phallus ideal*, muito frequente nos sonhos e encontradiço na analise das neuroses. Essa imagem se encontra frequentemen-

te nos casos de homossexualidade feminina, nas histericas, nos caracteres femininos masculinizados, no proprio desgosto de ser mulher, associado ao anelo de ser homem, agir como homem — no mal denominado "feminismo", enfim, que melhor se chamara "masculinismo".

E' mais prudente responder com verdade ás crianças: os orgãos são diferentes, porque distinguem mulher e homem.

Em rigor, não será necessario responder de maneira cabal, nas primeiras idades. A criança, geralmente, se contenta com pouco. Seja dada a resposta em tom serio, sem gracejo nem malicia: merecerá credito.

O segundo enigma infantil é a origem das crianças. As galantes mentiras da cegonha ou garça, da cesta ou caixa vindas da Europa, etc., são grandemente perigosas; vamos encontra-las, arraigadas no inconciente, ao psicanalisar os neuróticos.

Não ha desonestidade em explicar ás crianças que o ventre gravido contém uma criança. A pergunta subsequente, segundo a nossa experiencia, diz respeito á maneira da saida do feto, do ventre materno; não conhecendo outra abertura natural, fantasiam o parto pelo anus, idéa muito comum e que não se deve deixar persistir. Nas primeiras idades, pode responder-se: "E' muito dificil de explicar-te, meu filho; quando creceres, pergunta-me de novo e eu te explicarei; basta que saibas que a criança sai pela frente, sem muito trabalho." O conselho de ensinar á criança, segundo os preceitos de Mme. ZAMOYSKA, que o nacimento cus-

ta muitos sofrimentos á mãe é, a meu ver, improficuo e danoso. Mais vale, pouco tempo depois, dizer-lhe que o ponto de saida são os orgãos sexuais, que têm um orificio para a urina e outro para o parto, sem aludir, por enquanto, á função copuladora.

Segue-se, muito comumente, outra questão: se a criança está de mistura com os intestinos. Uma criança de sete anos já póde saber que existe um utero, que se abre nos orgãos genitais externos. Ao meu filho de sete anos, ensinei, sem escandalo para ele, a existencia do utero, a proposito de um caso de colicas menstruais havido em casa; como a idéa foi dada sem malicia, assim sem malicia ele a colheu.

Já nessa idade se interessa a criança pela fecundação; por que se forma a criança no ventre materno? E' o caso de intervir com o paralelo da fecundação vegetal; explica-la em vegetais dioicos, para fazer compreender bem a necessidade de haver, para a fecundação, um individuo masculino e um individuo feminino, como se dá nos mamiferos; as flores monoicas dariam a idéa de hermafrodismo, trariam a hipótese de bastar-se a mulher a si propria, numa suposta partenogenese.

Não ha necessidade de acentuar logo as noções de ovulação e espermatogenese; a criança, dos sete para os oito anos, contenta-se com o paralelo grosseiro da fecundação das plantas, explicando-se-lhe esta o mais minuciosamente que seja possivel. Aos poucos se lhe formará no espirito a noção de que, no homem, alguma

cousa substitue o pólen. Geralmente, só muito mais tarde perguntará, a esse respeito.

A noção do contacto sexual não merece ser dada muito cedo. FREUD estima que aos dez anos a instrução sexual deve estar completa. Essa ultima noção a criança adivinha-a, por assim dizer, graças ás noções da necessidade de haver os dous sexos, da fecundação pela deposição de um elemento fecundante masculino no organismo feminino e da noção da consistencia liquida desse elemento. A conclusão logica que a criança tira daí é que os órgãos dos dous sexos se juntam. Na vizinhança dos dez anos, uma estampa de anatomia, explicada sem malicia, completa a instrução, com as idéas de ereção, imissão e ejaculação.

As noções sobre menstruação podem ser dadas bem cedo, principalmente ás crianças femininas, de preferencia aproveitando-se, como sempre, a oportunidade. Muita neurose tem, entre os seus elementos, a surpresa do primeiro catamenio ou a descoberta de manchas de sangue em vestes feminis.

Deve-se dizer, a principio, que toda mulher perde mensalmente aquele sangue e por onde o perde. Mais tarde, explique-se mesmo que aquele sangue tem algo de comum com a função reprodutora. Essa noção não deve ser procrastinada, principalmente no nosso país, onde o catamenio se estabelece cedo, nas raparigas.

Com a explicação do ato sexual, pode fazer-se uma recapitulação das noções anteriores, chamando a atenção da criança para a grande maravilha das funções reprodutoras, para a atitude de extremo cuidado que

elas merecem, já do ponto de vista higienico, já do ponto de vista moral.

— Conforme se vê, certa parte dessa instrução tem que ser feita pela familia, pois que se faz em idades pre-escolares; a não ser para as crianças que cedo tenham sido encaminhadas aos jardins de infancia.

Geralmente, antes da escola, a criança terá tido oportunidade de saber alguma cousa da gravidez, talvez mesmo sobre a existencia do utero e sobre o mecanismo do parto.

Como instrução complementar, na época da puberdade cumpre ensinar os deveres morais entre os sexos; dar as noções de virgindade e defloramento, acentuando a frequencia das himens complacentes e das hemorragias nulas, consequentes; encarecer o exame prenupcial; mostrar os perigos do onanismo e, verificado este, pedir conselho a medico de confiança; e por fim, explicar as doenças venereas, sem fazer escandalo quanto ao seu perigo; e para isso, aos rapazes, instrui-los na profilaxia adequada.

Muito ingenuo terá pejo de conversar sobre tais assuntos com os filhinhos; preferirá, talvez, que os criados e os companheiros maldosos lhes ensinem tais cousas, com todos os termos obcenos, anedotas indecentes e praticas pervertidas.

E' questão de gosto. Pelo nosso lado, preferimos falar a verdade e construir espiritos sãos, a inventar mentiras ou confiar á malicia, "que supre a idade", a tarefa pecaminosa de fazer neuróticos e pervertidos.

PROGRAMA PARA O ENSINO DOMESTICO DE EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO SEXUAIS

I — EDUCAÇÃO SEXUAL

1. Sexualidade infantil. Generalidades: O prazer de sugar. O prazer na defecação. O narcisismo. A função de reprodução.

2. A sucção. Quantidade e frequencia das mamadelas. A chupeta e o dedo. Balas e pirolitos. Onicofagia (roer unhas). Os habitos do fumo e do álcool.

3. Regularidade e brevidade na defecação; sublimação pela modelagem. O prazer nos gazes intestinais; sublimação pela musica.

4. Autoerotismo e narcisismo. A cultura do prazer cutaneo: o berço, o embalo. O perigo de chamar a atenção da criança para o proprio corpo; para os órgãos genitais. A vaidade. Cultura fisica. Banho individual.

5. Onanismo; na 1.ª infancia; na 2.ª infancia. Asseio e liberdade dos órgãos genitais. Fadiga fisica moderada, para sono rapido e continuo.

6. Caricias dos pais. O perigo de excitar a criança: dormida na alcova; participação do leito; beijos e abraços excessivos; cocegas.

II — INSTRUÇÃO SEXUAL

7. Razão e maneira de instruir sexualmente a criança. A oportunidade e a lealdade. A curiosidade sexual.

8. Diferença dos sexos. Não evitar a nudez, quando sorpreendida; mas usar de recato, sem atitudes de escandalo. A nudez necessaria até aos quatro anos: instrução pela vista.

9. As falsas noções sobre castração e o seu grande perigo. Explicação simples da diferença dos sexos.

10. Ensino da gravidez: a criança se fórma no ventre materno. Ha um orgão que se chama utero. O parto, muito naturalmente, *por diante*. Evitar a noção das dores e hemorragia do parto.

11. Fecundação das plantas. Sexos diferentes que se juntam. O pólen. O ovario fecundado, que será fruto. Tambem na especie humana são necessarios os dous sexos; ovario da flôr e utero materno.

12. Noção de menstruação; sua normalidade, seu nenhum perigo. O ovario da mulher. Concepção. Parto.

13. Espermatogenese. Contacto sexual.

III — INSTRUÇÃO COMPLEMENTAR

14. Deveres morais entre os sexos. Virgindade e defloramento; acentuar a frequencia das himens complacentes e das hemorragias nulas. Exame pre-nupcial.

15. Doenças venereas e sua profilaxia.

16. Perigos do onanismo. Necessidade de exame medico.

7-10-928.

BASES DA EDUCAÇÃO MORAL DO BRASILEIRO

Estudo apresentado á Secção de Educação Moral e Civica da A.B.E.

PRELIMINAR. — Para estabelecer programa de educação moral, cumpre abstrair do fundo religioso, estrito. Sendo o sentimento religioso materia de pura afetividade, não se coaduna com os processos de raciocinio, antes infere neles e perturba-os, como sucede a todas as emoções. Daí a intolerancia, em questões religiosas. O dogma religioso sente-se, não se pensa. Não se compreende: crê-se nele, sem mais tergiversação.

Ora, para estabelecer um programa de educação moral, universalmente brasileiro, é mistér buscar, pelo raciocinio, as causas dos nossos insucessos, a razão dos nossos defeitos. Isso seria impossivel, em face dos principios de qualquer religião, em obediencia á qual teriamos de partir de um grupo de postulados morais, impossiveis de ser examinados, discutidos, aceitos ou rejeitados, por envolverem materia de fé.

Ademais, dada a multiplicidade de crenças que a

Constituição da Republica manda respeitar, seria impossivel basear sobre cada uma dessas crenças um programa, o que valeria não te-lo.

Por outro lado, quer se encare a religião como um sistema de moral revestido de mitos e ritos, quer se considere a moral como parte accessoria, fecho de abobada da religião, consequencia ultima das emoções que geraram os tabús primitivos, é forçoso convir em que, no fundo de todos os principios religiosos, ha uma moral média, perfeitamente uniforme, pelo menos para o mundo ocidental, a cuja civilização serviu de base.

E' evidente que essa moral é, nos seus traços gerais, a moral cristã. Isso, porém, não significa que sobre a religião cristã se baseie o nosso programa de educação moral. Teriamos, a um tempo, moral catolica, moral ortodoxa, moral protestante, com todas as suas variedades... o que significaria que nos alicerces dessa moral se entrechocariam crenças diversas, que, embora filhas de tronco comum, se orientaram diferentemente.

Ponhamos de parte as nossas crenças. Sejamos crentes pelo coração, mas raciocinemos com a cabeça. Quais os defeitos morais do brasileiro? Quais os meios de remedia-los? Desse ponto de vista, façamos o nosso estudo. Estou que, no fim, havemos de aproximar-nos dessa moral média, ocidental, cristã, que tem guiado a formação da nossa sociedade. Sejamos homens, sejamos brasileiros, pouco importa qual seja a fé que dirija os nossos sentimentos.

AS FALHAS NA INICIATIVA. — Com admiravel clarividencia, consubstanciou o sr. prof. Everardo Backeuser em um ponto o conjunto das falhas do carater médio do nosso homem: a falta de continuidade na ação.

Iniciativas excelentes de pronto se esgotam, com o correr do tempo, ou se esboroam, ao menor obstaculo. E' raro ver-se, entre nós, vontade firme, que perdure, uniforme e inabalavel, até o termo visado. Não nos falta imaginação, não carecemos de capacidade de raciocinio, não nos falha o julgamento. Mas a volição pode ser-nos representada por uma curva que se eleva bruscamente e cai de chofre.

Quais as causas dessa quéda?

Se atentarmos em que a volição é o termo de todo o processo psiquico, que ela vem após a percepção, a atenção, a memoria, o raciocinio e que a todos esses elementos psiquicos acompanha a afetividade, como verdadeira sombra, veremos que é naqueles elementos e mais no afetivo que se deve buscar a razão de ser da iniciativa falha ou descontinua.

Mas não nos é defeituoso nenhum daqueles primeiros elementos; não nos falta capacidade para sentir, atentar, recordar ou julgar. E' na afetividade que residem, principalmente, as nossas falhas.

E' a extrema variabilidade desse elemento quantitativo — o "afeto" da escola de FREUD — o que nos impede a continuidade na ação. E' ela o que nos veda, por vezes, a apreciação exata das situações; o que nos desvia a atenção dos pontos importantes dos

problemas, para concentra-la em traços accessorios; o que nos faz esquecer o ensinamento dos fatos historicos, a lição dos erros passados e dos bons exitos obtidos; o que nos perturba a ponderação das premissas, o que nos leva a conclusões erroneas, por superficial ou apressado raciocinio; o que, por fim, impede que nos seja firme, continúa e bem dirigida a vontade.

De que maneira porém, age a carga afetiva, até tal ponto turbando o nosso processo psiquico? Por que razão o nosso humor varia e influe sobre a ação, ora precipitand-a, ora modificando-a, ora frenando-a? Ensina-no-lo FREUD: mercê das emoções, principalmente da recordação de emoções recebidas na infancia.

Ao toque de uma idéa atual, move-se a cadeia da associação ideativa; o fremito propaga-se ao fundo da alma, á camara secreta do inconciente, que é o laboratorio onde se trama a *pars magna* das funções psíquicas. A idéa emotiva lá escondida, recalcada, como esquecida, desperta e vibra. Não chega talvez a refletir-se em imagens, na téla da conciencia, ou só o faz através de deformações que lembram o resultado de uma refração multipla. Mas a carga afetiva, que acompanha a cada idéa, fôra recalcada com aquela; e se a idéa não vem á tona, deixa, entretanto, passar a carga de afeto, que, naturalmente, vai interferir na idéa primitiva, que deu inicio á cadeia de associações.

Perturba-se, então, o processo conciente, graças a esse elemento estranho, que veio impedir que atenção, memoria conciente, raciocinio obrem naturalmente até chegarem á vontade; e quando esta chegue a agir,

fa-la com *deficit* — ou na propria essencia, ou na sua duração.

Vejamos, porém, como classificar essas representações emotivas, esses complexos cuja carga afetiva tanto vem conturbar a nossa iniciativa.

Guarda o inconciente profundo representações transmitidas pelo germe, desde as gerações anteriores. Os fatos de hereditariedade não se passam apenas no dominio somatico, senão que tambem na esfera psíquica. Os filhos reproduzem, não sómente a morfologia dos ascendentes, mas tambem a dinamica dos gestos, das atitudes, das tendencias, das vocações, dos traços de carater dos ancestres. Essa herança psicologica é notavel no que toca á afetividade. E assim se explica a conservação desses tabús milenares em que se fundam a organização da familia, a idéa de patria, as concepções miticas.

As tres raças que constituem a nossa gente contribuiram fartamente com preconceitos tais. E notadamente as duas raças coloridas deixaram-nos herança pesada e fertil de tabús, na mitica lendaria e religiosa.

A FAMILIA. — Fundada a familia exogamica sobre o egoismo do chefe do clan, que expulsava os filhos adultos, forçando-os assim a raptar as mulheres de outros clans, bem se explica, por exemplo, porque ainda hoje seja tão intenso o ciume do pai de familia e seja verberado como crime o adulterio feminino, comum perante a natureza e prevalecente, a despeito de todas as regras sociais.

Embora não acoroçoemos o amor livre, é força convir que a civilização se tem amoldado, aos poucos á Natureza. Isso é facil de compreender, comparando, por exemplo, a autoridade quasi absoluta do *pater familias* romano, ou a situação da mulher-escrava da antiguidade, com os direitos do marido atual ou a progrediente emancipação da mulher moderna.

Por mais que isso nos repugne, é força convir que assistimos ao desmoronamento da organização classica da familia e que, em alguns anos, essa celula da sociedade terá de ser substituida por outra unidade social. A vida intensa obriga a mulher, nos grandes centros, a sair de casa, para ganhar metade do pão quotidiano. O filho, que nos primeiros anos, ainda é (embora mal, ás mais das vezes) educado no recesso do lar, em breve tem de ser entregue aos mestres, entrando em contacto, durante grande parte do dia, pelo menos, com ambiente estranho á familia.

O lar passa a ser um logar onde se dorme e onde, via de regra, se faz em comum a refeição da noite. Já não ha solares. Os filhos cedo se emancipam e emigram. As filhas empregam-se, para colaborar na renda da casa. Os famulos, que, de escravos ou familiares, subiram de casta nas democracias modernas, são adventicios, efemeros, raros. Nos Estados Unidos, são eles tão raros, que se contratam por horas; e a eletricidade é quem abre a porta, suga o pó dos moveis, encera o piso e cozinha o apressado jantar. E o adulterio e o casamento multiplo, mercê do divorcio, solapam as bases da familia tradicional.

E' isso um bem? E' um mal? Não discutamos. E' o fato.

Contra essa evolução biologica, comandada pela natureza, não ha empeços bastantes. Temos de acomodar-nos a ela, se quizermos viver. O tabú milenar, onde se baseia a familia, transmitido de gerações a gerações nos cromosomas do ovo fecundado, esse tabú se desfaz aos poucos, ao contacto dos impulsos naturais do animal-homem.

E' preciso termos coragem, para enfrentar o problema. E' preciso tambem educar a criança moderna para suportar o estado evolutivo social que lhe formará o ambiente, na idade adulta.

A confiança em si é o elemento mais necessario para vencer na nova sociedade, se é que não o foi em todos os tempos. Essa confiança não se cria onde a criança tudo espera do ambiente; onde exige do adulto o auxilio, não já para ganhar o sustento, mas para as simples operações da vida — vestir-se, servir-se á mesa, asseiar-se, alcançar moveis elevados, arranjar o proprio aposento, preparar os exercicios escolares; onde a criança não toma parte nos trabalhos domesticos, não conversa entre adultos, não recebe as visitas; onde a criança nutre a ociosidade com brinquedos sem finalidade pratica, que cultivam apenas o amor do luxo e do sonho; onde a fé no maravilhoso e o temor mistico lhe são incentivados pelas superstições, pelas lendas, pelos contos de fadas, pelos jogos de azar; onde, por fim, um sentimento de patria mal dirigido lhe alimenta no espirito, não só o amor á casa, á rua, ao

bairro, á cidade, ao estado, ao país, mas principalmente o odio ou o desprezo votado a outros lares, a outros distritos, a outras provincias, a outras nações.

A PATRIA. — Assim como assistimos ao desmoronamento da instituição classica da familia, assim tambem se passa sob os nossos olhos profunda modificação no sentimento de patria, consequencia logica da mutação sensivel da organização da familia.

Enquanto o homem apenas migrava de seculos em seculos, a patria foi o circulo estreito da tribu, como fôra a propria tribu, no periodo do nomadismo. Quando as estradas rasgaram as florestas, quando as biremes sulcaram o mar, aos poucos se foi alargando a idéa de patria. Compare-se o patriotismo ateniense, espartano ou macedonio, estreitado no angusto circulo das suas cidades, com o patriotismo romano, alargado por quasi todo o Mediterraneo; o sentimento guelfo ou gibelino com o orgulho italiano; a liga Hanseatica, com o Imperio Alemão; meça-se a diferença que vai da guerra franco-prussiana á guerra européa; confronte-se o nativismo brasileiro, norte-americano, argentino ou chileno com a afinidade gigantesca, que se desenha no pan-americanismo.

O conceito de patria alarga-se, cada vez mais; dominado, ora pelo fator geográfico, ora pelo fator etnico, através de incidentes e retrocessos, ele se amplia de fórma que fôra incompreensivel para as remotas gerações. Amplia-se e dilue-se. Entre nós, deixa de ser

brasileiro, para ser ibero-americano, para ser ocidental; será mundial, um dia e perderá sua razão de ser.

Guarda cada um de nós o amor ao canto onde vive; mas, quando a rapidez das comunicações alargar o dominio ecologico dos povos, que já começam a interpenetrar-se e a interdepender mutuamente, em que conceito geográfico fundar o sentimento de patria, se o homem não tem morada? em que conceito etnico, se as raças se fundiram? em que tradições consuetudinarias, se não haverá costumes de ontem?

E' mistér reconhecer, corajosamente, essa evolução. E' mistér preparar para ela a criança moderna.

Enquanto a organização universal tiver por celulas esse numero imenso de povos, de raças, de nações, acomodemo-nos a essa organização; mas não cultivemos o tabú primitivo, que olha o vizinho com desconfiança, que odeia ou ridiculariza o morador de outro bairro, que hostiliza as cousas e pessoas de outra cidade ou do outro estado e que, acendrando orgulho improficuo, encara o outro lado da fronteira como o covil da fera, o antro do inimigo.

Se a tendencia é para alargar tanto as fronteiras que elas se apaguem, vamos ao encontro dessa tendencia. Juntemos as mãos por sobre as divisas; auxiliemo-nos, estudemo-nos, cooperemos. E, para começar, ao menos na America, sejamos Pan-Americanos.

Veja-se, porém, quanto é contraria a esse ponto de vista a educação que permite os soldadinhos de chumbo e os jogos de batalha, que ensina a historia das guerras e sonega a instrução sobre os recursos

agricolas e industriais; que faz decorar os nomes de Napoleão ou de Moltke, de Rosas ou de Osorio e esconde o como se formaram os Estados Unidos até á maravilha que são hoje, ou como a Argentina conquista pacificamente o seu renome cultural, que cem guerras triunfantes nunca poderiam ter-lhe dado. Pois se os ginasiais já se militarizam e os proprios escoteiros marcham e têm bandeira!

A SUPERSTIÇÃO. — O tabú religioso, orientado cada vez mais para as bases da moral, nunca ou dificilmente abandonará a humanidade. Através de mutações continuas, as religiões mais severas se amoldam ás leis fatais da evolução; e a propria irreligiosidade futura, se a houver, não se livrará de uns tantos postulados admitidos *a priori*, pois, por maior extensão que atinja a sabedoria humana, sempre se lhe defrontará o horizonte obscuro do qua falta saber. Atomo, postulado de Euclides, eter... são como dogmas científicos nos quais é forçoso crer, para compreender o resto. São mitos, sem o nome de deuses, mas são tabús, ainda assim. Embora dando-lhe outros nomes, nunca o homem abandonará o seu deus.

Mas em torno das religiões, o temor, "que fez os primeiros deuses", continúa a criar constelações espurias — filhas diretas do tabú, reminicencias dos totems: — são as superstições e são os amuletos, que as envolvem.

Sabe-se, pelos estudos da escola de FREUD, quão ligados estão uns e outros, direta ou indiretamente, ao

impulso sexual, que, não podendo ter satisfação no objeto almejado, se desvia para os aspectos mais diversos. Raro é o amuleto que não represente um simbolo falico, rara é a superstição que não tenha um fundo, ainda que longinquo, nas representações sexuais.

Despir as religiões desses apendices que, a maior parte das vezes, são desautorizados pelos varios credos — já que é inutil querer abolir os proprios credos — é materia de educação moral.

Rezar a Santa Clara para que cesse a chuva, queimar palha benta, para afastar os temporais, fazer promessas aos santos, para as pretenções mais contraditorias e por vezes infensas á ética — são costumes ao lado da religião, que têm acompanhado, desde seculos, as varias crenças, mas que fogem á base de moral — unica justificativa de qualquer destas.

Na sua obra mais recente, *Die Zukunft einer Illusion,* prevê FREUD um futuro estado de civilização, de completa irreligiosidade, fundado na educação infantil isenta de tabús.

A despeito da grande autoridade do mestre, julgamos tal cousa uma utopia e preferimos ficar com o seu discipulo TH. REIK, talvez o mais profundo dos autores versados em psicanálise das religiões, que assim se exprime no seu livro egualmente recente *Dogma und Zwangsidee*: "An die Stelle des religioesen Dogmas wird ein anderes, vielleicht das sozialistiche oder das wissenschaftliche, treten. Seine Erscheinungsformen und psychischen Wirkungen werden von denen des religioesen nicht wesentlich verschieden sein." E mais

adiante: "Die Menschheit ist nicht kapabel, das Dasein ohne Illusion zu ertragen."

Reduzir ao minimo essa ilusão, ou que outro nome lhe queiram dar — é tarefa importantissima de educação moral.

A genese das religiões, fundou-a FREUD (*Totem u. Tabu*) na necessidade de um deus, para substituir o papel providencial do pai, que nos falha ou não basta na idade adulta; e na obra acima citada, estende esse fator á impotencia e desamparo que pedem um auxilio superior, para a luta pela existencia.

Será muito dificil obter da fragil humanidade que sempre tenha conciencia da sua capacidade e dispense ajuda estranha, nos transes aflitivos. Ampara-a, nessas conjunturas, a religião; deixemos-lhe esse amparo. Mas reduzamo-lo aos limites estritos da moral; cortemos-lhes, desde a infancia, as franjas superfluas e espurias da superstição.

Mas a superstição não acompanha, apenas, o sentimento religioso: ela segue, tambem, *pari passu,* a ciencia. Todos nós conhecemos concepções cientificas que foram destruidas um dia por um sopro, após haverem sido tidas como dogmas durante largos anos. Para exemplo: a coloração do bacilo da tuberculose, pelo metodo ZIEHL-NEELSEN, era feita, desde mais de vinte anos, com auxilio do aquecimento no bico de Bunsen. Um jovem medico brasileiro, o dr. HERALDO MACIEL, acaba de descobrir que esse aquecimento é em absoluto inutil, pois o proprio eter empregado naquele processo já produz o efeito que se exigia do

fogo. E durante tantos anos, numerosos sabios e inumeros homens de laboratorio repetiram o processo, segundo verdadeiro ritual, como se obedecessem a uma cerimonia religiosa. Não se chega a pensar no tabú do fogo?

Antes da guerra européa, uma injeção nos musculos gluteos exigia a observação de pontos de reparo, traçados de linhas imaginarias, medições de dedos, para fugir a um possivel ferimento no nervo ciatico. As necessidades da guerra ensinaram que, sentado o paciente, já por si mesmo fica protegido aquelle nervo; acabou-se o ritual dos pontos de reparo.

Tais cousas são verdadeiras superstições que franjam a ciencia, como as outras falseiam a moral religiosa. E' mistér cultivar na criança o espirito de critica, para que fuja a umas e a outras; para que se habitue a não aceitar sem exame o que lhe ensinam; para aplicar a imaginação, tão fertil, em descobrir a razão e a causa, em vez de criar duendes e abantesmas.

A FANTASIA. — Um grande fator dessa riqueza de abusões, que nos causa a pobreza da iniciativa, reside no cultivo da fantasia infantil, por meio das lendas e contos de fadas.

Sabe-se que umas e outras derivam, como os mitos, do compromisso entre as tendencias sexuais e a censura imposta pelo meio ambiente. Não cabe aqui espaço para analisar a significação sexual do *Chapéosinho Vermelho,* por exemplo, com a figura do tirano paterno representado pelo lobo, com o simulacro de

parto, operado pelo caçador e com a realização do desejo de reviviscencia ou ressurreição, na volta da criança e da avó á vida, após exumados do ventre da féra.

Poderiamos analisar *João e Maria* e quantos outros contos que ouvimos na infancia e transmitimos aos nossos filhos. Todos encerram simbolos sexuais e dão vigor aos anseios e desejos das crianças, que, ignorantes da vida genetica, buscando reagir contra o meio familiar, cuja razão não compreendem, dão azas á imaginação criando mitos.

Vejamos: como reagiria a criança mal educada pelos pais, numa casa de pouco pão e abandonada após, na floresta? Buscaria voltar, por meios astutos; e falhando estes, se encaminharia para a longinqua luzinha. Iria só? Se o papai e a mamãe vivem juntos, João iria acompanhado de Maria. Que faria a menina mal tratada pela madrasta, que levava as filhas á festa, deixando-a junto ao borralho, com o gato friorento? Sonhar: a fada madrinha, o vestido de seda, o carro, o baile, o sapatinho, o Principe Encantado...

A essa tendencia do inconciente infantil dá-lhes corpo o conto de fadas. Os pequeninos crêem nos contos de fadas, como crêem no Deus prégado na cruz e na Nossa Senhora lacrimosa, da igreja proxima: grosseiramente, materialmente. E quando venham a saber que não existiu a bela adormecida ou o magico Aladino, pinta-se-lhes no rosto aquela expressão penosa de desilusão, que descreve FREUD a respeito de um dos filhos.

Mas algo lhes ficou no fundo do inconciente. Aque-

le conto, aquele simbolo correspondia, dava alma e corpo a um sentimento intimo, a um seu desejo reprimido — o complexo de Edipo, o *Inzest Motiv,* a revolta contra a autoridade paterna e quantos outros impulsos encerra o inconciente infantil. E esse anseio desperta na idade adulta. Por que trabalhar o rapaz? Um dia, um genio lhe dará a lampada de Aladino. Por que esforçar-se a menina? Uma noite chegará o Principe Encantado. E é quanto basta para cultivar a ociosidade, a confiança no azar do jogo, na influencia da sorte, na promessa do santo casamenteiro, nos atrativos fisicos da faceirice... E adeus, iniciativa!

A SEXUALIDADE. — Em todos esses tabús que constituem as concepções de familia, de patria, de religiosidade (no sentido mais lato) e que vemos no decorrer dos seculos, modificar-se, para melhor adaptação aos impulsos intimos do animal-homem, corre um fio vermelho, assignalado acima, a cada passo: o instincto sexual.

E' para adaptar-se ás necessidades sexuais — (tomamos este termo no sentido amplo, freudiano, não apenas como genitalidade) que se formaram clans, tribus, familias e patrias e que sobre essa organização nasceu o sentimento religioso, através do respeito ao chefe, do medo ao velho pai morto pelos mais jovens, do culto dos ancestres, até a adoração dos totens, dos deuses. Apesar da organização superior das religiões modernas, orientadas pelas bases da moral, persistem as superstições, as lendas, os contos de fadas, admi-

niculos ou reliquats nocivos, de conteudo simbolico nitidamente sexual (ainda na acepção freudiana).

Por que razão nos apegamos tanto a esses impulsos da libido, que até a idade adulta se reflete sobre nós a influencia perniciosa daqueles tabús? E' que não tivemos educação sexual racionalmente dirigida.

Por que razão cultiva a criança o odio inconciente ao genitor do mesmo sexo e o amor ao de sexo contrario? Por que razão o pai vem a ser representado pelo ogre, pelo lobo, pelo genio? Por que razão a criança — que evidentemente não crê na historia das cegonhas nem das cestas que trazem recemnascidos da Europa — imagina a concepção e o parto das maneiras mais diversas, tais como estão simbolicamente representados nos mitos e contos de fadas?

Porque os pais não lhes deram, leal, progressiva e dosadamente as noções verdadeiras sobre a origem da vida. Porque preferiram que o filhinho fantasiasse maravilhosas mentiras; e deixaram que a verdade lhes viesse ao conhecimento, inoportuna, grosseira e obcena, da boca dos companheiros maldosos ou dos famulos desabusados, de cambulhada com as noções falsas e com a noticia ou a realização de atos pervertidos.

Bem sabemos que o sexual já por si constitue um tabú formidavel. Partindo, naturalmente, da noção de que não convém chamar cedo a atenção da criança para a anatomia e fisiologia dos seus orgãos genitais, lançou-se sobre estes o véo da proibição.

Mas a sexualidade nasce com a vida; preocupa o individuo, concientemente ou não, em varias fases da

infancia. A curiosidade infantil, dirigida a todas as cousas ambientes, tem de desviar-se daquela que mais intimamente move as tendencias da criança. Dá então ela azas á fantasia; coíbe os impulsos, cria falsos conceitos sobre a vida sexual, que irão mais tarde castrar-lhe a iniciativa. A psicanálise estuda bem o chamado "complexo de castração", que se encontra á raiz de muitas neuroses e na genese do carater dos tímidos.

Mais tarde, num choque brutal, vem a criança a saber que é um mito a virgindade materna; que o seu advento se deu, não pelos ares, ou nas folhas de couve, mas através de um trajeto por logares pudendos, tidos por imundos e indecentes; que os seus pais são, assim, imorais e mentirosos; e que, como mentiram a esse respeito, hão de ter mentido sobre as regras morais que mandam respeitar a pessoa, a propriedade, a divindade.

As perversões sexuais acompanham de perto essa crise. E as neuroses não têm melhor caminho.

Não vale muito mais falar a verdade, oportuna, gradual, honestamente? Não é melhor despir do misterio esses fenomenos que, desvendados cautelosamente por um adulto conciente e amigo, evitarão aqueles choques fatais?

A INFLUENCIA BRASILICA. — Tal como está acima estudado o problema, ele não difere, nas suas linhas gerais, do que se passa entre outros povos. E' singular que o mesmo fenomeno psíquico tenha per-

mitido a alguns desses perfeita iniciativa e quanto a nós, nos tenha cortado o tramite da ação.

Já ficou assinalada, mais atrás, a influencia das raças coloridas que entram para a nossa formação etnica, quanto á farta contribuição de tabús. Não será demais acrescentar que, embora em menor escala, a mescla celto-arabica que constitue a gente portuguesa nos legou mésse abundante de preconceitos. Mas ás duas raças selvagens, ambas em periodo preistorico de civilização, cabe a influencia maior no tocante ao tabú arcaico, que estudámos nos seus ramos principais — familia, patria, religião; e essa influencia sofremo-la, já por herança direta, já pela educação no antigo meio de pagens e mucamas.

Basta considerar que as civilizações são tanto mais adiantadas quanto maior é a capacidade de sublimação do homem, isto é, a sua faculdade de derivar para expressões mais elevadas de cultura os impulsos da sua *libido*. Basta ponderar a simpleza do tabú rudimentar do selvagem, que lhe permite facil compromisso entre o principio do prazer, a que tende o homem, e a realidade que se lhe depara. A civilização estabelece compromissos mais complexos, no vestuario, na crença, na organização social; essa complexidade — embora o aparente paradoxo — tende para a aproximação paulatina ao principio do prazer; o que quer dizer que os tabús se tornam, pouco a pouco, menos grosseiros, permitindo que a razão conciente interfira neles cada vez mais e os adapte melhor aos impulsos da *libido*.

Com efeito, o tabú cientifico e o tabú social que

entrevê TH. REIK satisfazem muito mais á capacidade intelectual do homem civilizado, do que o tabú religioso-supersticioso, das sociedades primitivas. Mas ao povo que ainda guarda no acervo arcaico do seu inconciente os tabús amerindianos e africanos, transmitidos pelo germe, ou diretamente, ou indiretamente, através do contacto dos seus maiores com os escravos selvagens negros ou amarelos — a esse povo tem de ser dificil a complexa sublimação que lhe é mistér fazer de um salto, quando as velhas civilizações a fizeram por evolução gradual e paulatina.

Por isso, é mais grave o problema, entre nós.

RECAPITULAÇÃO. — Para não alongar demasiadamente este estudo, recapitulemos, antes de chegar a conselhos praticos, embora tenhamos tocado apenas e de leve os pontos culminantes da nossa tese, que daria materia para grosso volume de bastas paginas.

As emoções da infancia determinam que a nossa afetividade perturbe o processo psíquico que tem por termo a iniciativa.

Essas emoções, que já encontram lastro consideravel nas aquisições ancestrais, transmitidas pelo germe, de gerações a gerações, incluem um nucleo profundamente sexual e se representam por tres especies de tabús, entrelaçados entre si: familia, patria, religião.

A organização da familia, com a predominancia masculina, determina na criança, ignorante da materia sexual, emoções varias, trazidas pela coerção continua da sua libido, que, sem a necessaria educação sexual,

se fixa ou se desloca ou se transfere, sem atingir ao fim inacessivel e sem sublimar-se, conforme fôra conveniente.

O conceito de patria, irracionalmente detido no ambito das fronteiras, reproduz em ponto grande os males da situação mesquinha dos filhos no seio da familia. A arrogancia patriotica é ao mesmo tempo imitação e derivação do autoritarismo dos pais.

O sentimento religioso, compativel com a evolução, enquanto tem a moral por base, tem sido falseado com os apendices nocivos das superstições, que muitas vezes constituem a unica dogmatica de certas religiões absurdas e exoticas.

A mistica infantil encontra corpo e vida nas lendas e contos de fadas, que nada mais são do que representações simbolicas da propria ansia insatisfeita da criança.

Tendo esses tabús por base a sexualidade, no seu sentido amplo, não se faz a educação sexual gradativa, sincera e honesta; antes se coíbe tudo quanto lhe diga respeito, incentivando assim, indiretamente, o carater obceno dessa questão gravissima.

Por fim, os fatores etnicos emprestam maior complexidade ao problema brasileiro.

EM CONCLUSÃO. — Uma boa educação moral deve começar pela educação sexual oportuna, dosada e leal.

E' conveniente cultivar a iniciativa da criança, na familia, fazendo-a participar dos labores domesticos,

incutindo-lhe espirito de responsabilidade e de cooperação, nivelando-a, quanto possivel, nos seus direitos e deveres, ao adulto. O lar, que hoje é quasi pousada, apenas, deve ser para a criança um espelho da vida pratica e não a representação enganosa de um mundo irreal de ociosidade e irresponsabilidade, que só existe nos contos de fada.

A patria não deve ter para a criança os limites estreitos de um país que ensarilha armas, á espreita do vizinho inimigo. Se os vizinhos da rua necessitam de auxilio mutuo, assim tambem os paises vizinhos, que vivem a trocar as suas riquezas, para o bem comum. Cultivar o odio de nações é reproduzir, em ponto maior e com muito maior perigo, o odio de familia, que tanto enlutou a Idade Media e tanto envergonha os nossos sertões.

E' utopia o querer conseguir uma humanidade irreligiosa. Quando morram os deuses, suceder-lhes-ão os postulados sociais ou cientificos. Mas não é utopia o despir as religiões das superstições parasitarias e cultivar na criança o espirito de critica.

Das superstições aos mitos, ás lendas, aos contos de fadas, vai suave a gradação. E' mistér aboli-los dos serões domesticos e dos livros infantís, pelos motivos já aqui repetidos.

I — Para conseguir tudo isso, é urgente colaborem pais e professores. A maior parte desses tabús é colhida na idade pre-escolar. A bem dizer, seria necessario formar as escolas de pais.

Já bastante poderá fazer a A.B.E., lançando os conceitos acima, nos circulos de pais e professores. Os pais colherão a lição para aplica-la em casa; e ao menos os filhos mais novos lucrarão alguma cousa. Serão educados como homens livres, não como escravs. A criança civilizada aguarda a abolição do cativeiro.

II — Outra medida necessaria seria uma correição dos livros didaticos e dos livros infantís em geral, para riscar as historias lendarias e para dar, conjuntamente com a idéa de patria e acima dela, a idéa de humanidade, de cooperação; neste ultimo sentido, por ora, um passo gigantesco a dar seria para o incentivo do pan-americanismo. O ensino da geografia e da historia devem ter carater utilitario e pacifista.

III — Como cultura direta da iniciativa, ainda o metodo Montessori e o escotismo puro, sem regionalismo, são os meios mais aplicaveis. A' A.B.E., cumpre estuda-los, dirigi-los, fazer-lhes a propaganda, ensina-los, mesmo, de escola em escola.

IV — E' preciso fazer a educação sexual. Não são os famulos nem os colegas maldosos os mais aptos educadores, nessa materia. A esse respeito, os pais e os professores têm a obrigação de dar á criança, com honestidade e lealdade, a noção correspondente ao seu desenvolvimento psíquico. A A.B.E. pode fornecer regras aos pais e aos mestres; organizar ou traduzir pe-

quenas publicações de vulgarização; fazer lições orais para os pais, difundir por todos os meios este asserto: sexualidade não é obcenidade.

V — O combate ás superstições pode ter a colaboração do clero e do professorado. Mas ele tem de ser feito desde mais cedo, antes da escola e da educação religiosa. E' ainda aos pais que devemos ensinar a origem das abusões, para que eles evitem o transmiti-las aos filhos.

Em resumo, os meios praticos para a obtenção dos remedios apontados se enfeixam em dous grupos: *a*) educação dos pais, por meio dos bons preceitos; *b*) ação na escola, pela correição dos livros e dos metodos, com incentivação do metodo MONTESSORI e do escotismo puro, sem espirito regional. Naturalmente, numa e noutra esfera, será preciso ensinar a fazer a educação sexual e realiza-la.

Rio, 11 março 1928.

CONTRA O ALCOOLISMO, PELA PSICANÁLISE

(Esboço de Profilaxia Mental)

Conferencia na 1.ª semana antialcoolica da L. B. de Higiene Mental, Outubro de 1927

Dentro de cada alcoolista, ha um impulso: o impulso para o toxico. Quer se alcoolize por habito adquirido no exemplo, quer se intoxique por uma atração irrefreavel e critica, como nos dipsomanos, é sempre possivel descobrir no amago desse habito, como no dessa atração, a necessidade irreprimivel de intoxicar-se; um não pode descontinuar o habito; o outro não pode subjugar a atração intima. Ha sempre o impulso que se mascara, ali, com a suposta necessidade do alcool digestivo, ás refeições, aqui, com o desejo de estimular o animo ou de afogar as maguas.

E' assim que, para J. RICKMANN, (1) o alcoolismo não é doença, senão sintoma: sintoma de neurose em esboço ou verificada. A' luz da psicanálise, póde-se

(1) *British. Journ. of Inebriety* — 1925.

provar em todos os alcoolizados habituais a derivação para o toxico, por meio da qual o individuo busca fugir aos conflitos entre os proprios complexos eroticos e os conceitos de etica social; é um "compromisso", um acordo infeliz, mercê do qual, os que beberricam buscam adormecer aos poucos os impulsos da libido que lhes assaltam o conciente a pequenos surtos; enquanto os que se embebedam periodicamente buscam dessa forma recalcar de chofre as crises de impulso sexual que assoberbam.

Graças á repressão continua — com o vinho ás refeições, por exemplo — os primeiros conseguem, por largo tempo, sufocar o dominio dos estos libidinais; e aí está por que razão os traz L. BIANCHI (1) como exemplo de homens ilustres e honestos, servindo ilusoriamente ao insigne professor de Napoles, como argumento de tolerancia ao uso moderado do alcool.

Já os outros, como deixam que suba a maré montante dos impulsos da libido para contravir-lhes fortemente com a intoxicação em larga escala, esse caem no extremo oposto: para fugir ás injunções dos intimos desejos, dão-lhes fuga no delirio toxico: *in vino veritas.*

Bem disse, ha anos, K. ABRAHAM (2) que o alcoolista identifica o alcool com a sua propria força genesica, o que até mesmo comprovam os velhos mitos; despertando as tendencias recalcadas, o toxico excita a sexualidade, graças ao entorpecimento da censura.

---

(1) *Eugenia Igiene Mentale* — Napoles, 1925.
(2) K. ABRAHAM — *Zeitschr f. Sexualwissenchaft* — 1908.

O alcoolista cronico tem, ademais, no prazer do vicio, um substitutivo ao prazer sexual; e o proprio delirio do ciume se explica pela transferencia da culpa recalcada, sobre a esposa.

Um dos nossos doentes analisados, (1) alcoolista confesso, que bebia todos os dias e se embriagava todas as semanas, demonstrou interessante complexo de castração, revigorado por uma emoção dos dez anos, da mesmo natureza e desvanecido graças a uma mulher piedosa que lhe deu a beber, para conforta-lo, farta cuia de agua fresca.

— Hoje, seria cerveja... — obtemperava ele, no decurso da associação de idéas.

Presa da sensação de inferioridade, determinada pelo complexo de castração, achava ele prazer na bebida. Nem sempre se embriagava, dizia: bastava-lhe beber, beber a largos goles; e antes que sentisse tontear a cabeça, já se sentia aliviado. Tais os dous casos de S. FERENCZI (2), nos quais, a simples presença do copo provocava a ebriedade.

Convergiu aí o fato de que o pai fosse ebrio habitual; levava o filho para a tasca e obrigava-o a beber... para ser homem. O rapaz talhou, destarte, o Super-Ego, pelo modelo paterno.

A conciencia de ser inferior ao pai (castração), o complexo homossexual de entranhado amor por este (o

---

(1) *Psicanálise na Liga B. H. Mental* — "Ciencia Medica", fevereiro, 1927.

(2) S. FERENCZI — *Alkohol u. Neurosen* — Jahrb. f. psa. u. psychopath. Forsch. III Bd.

doente tinha comemorativos frequentes de homossexualidade) levaram-no ao desejo de imitar o pai: daí, a embriaguez aos domingos.

Nos outros dias, achava-se incapaz de progredir na profissão: de fabricante de calçados, regredira a remendão; a familia aumentava, os proventos escasseavam; sobrevinha-lhe a angustia de ser inferior aos demais, castrado na iniciativa... Mas, um copo de cerveja — e tudo se dissipava.

A outro, cuja gastrite gerada pelo alcool se mantinha, graças ao copo de vinho das refeições, perguntei-lhe por que bebia.

— Oh! é um copo só, ao almoço, outro ao jantar. Meu pai bebia assim, tambem. Em minha casa, bebiam só os homens; as crianças, nunca. Quando criança, era esse um dos meus pesares: não beber, como os homens o faziam. Quando fiz dezesseis anos, levei o primeiro copo de vinho á boca. Lembra-me bem: senti-me forte, senti-me homem, enfim. Foi a época do primeiro cigarro á vista do *velho* e tambem a época da primeira mulher...

O paciente era um analerotico, com todos os matadores. Egoista e egolatra, minucioso, caprichoso, despotico. A um narcisismo patente, juntava um forte passado homossexual, mascarado ulteriormente pela sodomia com as mulheres que frequentava.

E' um caso de alcoolismo moderado, gerado pelo exemplo. Como o geral dos autoeroticos, havia-lhe, no intimo, irreprimivel sentimento de inferioridade. Era necessario fugir a esse pelo apuro narcisico do proprio

corpo, vestes, maneiras, atitudes; agia por vezes violentamente, para contravir á sensação de ser social inferior; apurava o metodo nos menores atos, esmiuçava os pormenores, para que não fosse apanhado em falso, para que lhe não descobrissem as falhas intimas; mas, afim de que se não duvidasse da sua qualidade de homem, nunca abandonou o bigode; e bebia, porque o pai (o seu modelo de homem) tambem bebera.

Dir-nos-ão que sejam casos anormais esses dous exemplos de neuroticos. Vejamos, pois, um caso da vida quotidiana, que não de consultorio:

X, sexo feminino; nunca bebera por habito; mas na primeira infancia, substituiram-lhe, á noite, o seio ou a mamadeira pela "sangria" — mistura assucarada de agua e vinho, com que os nossos pais soíam embebedar os filhinhos, para terem estes sono profundo. Ainda na infancia, sublimava, por meio da sucção do dedo, habito que abandonou nas vesperas de casar.

O marido, desabusado, era dado aos prazeres da felação, com as meretrizes que frequentava; e dava mostras de igual habito no leito conjugal. Essa senhora enviuvou: e refugiou-se no alcool, para manter-se honesta.

O complexo autoerotico da sucção encontra-se muito frequentemente á raiz dos casos de alcoolismo. RICKMANN faz notar quanto aumentou nos Estados Unidos, o consumo de *bonbons,* depois do Prohibition Act.

Conta-me um amigo, de certa dama, dada a praticas lesbicas, que por vezes consente na conjunção

com outro sexo, mas que, para isso, necessita de ter á cabeceira um calice de *anisette* ou *peppermint,* que degusta a pequenos goles, sem o que, não sente o menor prazer.

Confessou-me certo jovem, hoje habituado a tomar, por um canudo de palha, *whiskey and soda,* que a isso fôra levado pela "extrema volupia" que sentira, á primeira vez em que, por gracejo, adicionara aquela bebido a um pouco de laranjada. Desde então, não recolhe á casa, á tarde, sem chupar o *whiskey,* como se costuma fazer aos inocentes refrescos de fruta. Tambem esse fôra tenaz chupador do polegar, em pequeno.

A que conclusões profilaticas, nos podem conduzir as linhas acima?

Mesmo para os que queiram negar a nossa primeira asserção, de que haja um impulso inconciente no intimo de todo alcoolista, força é concordar que ele existe, na imensa maioria dos casos.

Ha sempre, nestes, um fundo de autoerotismo, ou venha ele, como no primeiro caso, de conjunto com um complexo de castração, ou com um complexo paterno, ou sob a fórma de complexo de sucção.

Ora, sendo esses complexos de origem infantil, são relativamente faceis de destruir, ou, pelo menos, de sublimar, embora o sejam menos, nos casos em que, em vida longa, as noções de egual natureza se hajam

somado ás primitivas que determinaram a persistencia da sexualidade extragenital.

Não concluiremos, daí, que se deva fazer a psicanálise de todos os impulsionados para os toxicos — alcool ou outros — nem preconizamos essa pobre profilaxia que tem por timbre esperar que haja enfermos, para cura-los. A isso chamamos-lhe assistencia, não profilaxia.

E' evidente, no entanto, que, na origem de todos — de quasi todos, pelo menos — os casos de alcoolismo, ha aqueles complexos da sexualidade infantil; e é de perfeita notoriedade, em psiquiatria, que a destruição ou a sublimação desses complexos suprime os impulsos intimos anormais.

A profilaxia do alcoolismo, pois, sob o ponto de vista psicanalitico, se resume numa questão de educação.

E' claro que, para esse fim, é necessario começar do principio, começar do nascimento, pelo menos. O prazer de sucção revela-se com a primeira mamadela; é conhecido o prazer que têm os lactentes no sugar o seio até a regurgitação; e não é para desprezar-se a influencia que possa ter sobre a criança a cultura desse habito, que excede ás necessidades vitais da conservação individual. Se a natureza poz, á porta da conservação do individuo, o prazer bucal, como poz a volupia genital á raiz da conservação da especie, não é de bôa higiene cultivar o excesso do prazer, além das suas necessidades proprias.

Mas, não é isso o que vemos, via de regra. Não

só, ordinariamente, as mamadelas são ministradas por demasiado tempo e sem metodo horario, como é ainda alimentado o prazer da sucção pelas detestaveis chupetas.

Quando não são usadas estas, é frequente o emprego do dedo, já o da propria criança, já o conspurcadissimo dedo da mãe ou da ama. Não é demais que, ainda anos depois, se dêem a perros os pais para tirar ao filho crescido o habito de chupar o polex, especie de masturbação oral, prazer nitidamente sexual que concorre para determinar a persistencia da zona erotogena bucal e a sua predominancia consequente sobre a esfera genital. (*)

Em resumo, além das outras razões da bôa higiene, ainda a eugenia psíquica pleiteia em favor da abolição: *a*) das mamadelas prolongadas e desordenadas; *b*) do uso da chupeta; *c*) do uso da sucção digital.

No nosso caso primeiro citado, ligámos o habito de alcoolizar-se a um complexo patente de castração. Convimos que, fóra das circunstancias especiais em que ocorreu tal caso, não seja muito frequente encontrar esse complexo, como responsavel direto pelo alcoolismo. Ademais, segundo referimos alhures, o fato acontecido aos dez anos de idade foi, decerto, nova emoção, reforçadora de outra mais remota.

Todavia, um simples caso bastaria para indicar a prevenção de outros possiveis; e o complexo de castração tem tal influencia na genese dos timidos, dos

---

(*) Póde associar-se á mesma origem a onicofagia.

intimamente inferiorizados, que vale a pena dirigir a atenção contra ele.

A genese do complexo de castração é variavel. Num dos nossos doentes, originou-se ele de uma circuncisão praticada na primitiva infancia, por deformidade do prepucio. O pequeno penis era alvo da curiosidade e dos gracejos dos adultos. Diga-se, de passagem, que esse doente tivera, nos seus tempos de rapaz, um periodo de excesso de bebidas; mas, sendo um autoerotico, de sexualidade bucal exagerada, não é licito ligar diretamente ao complexo de castração o seu alcoolismo transitorio, substituido, ademais, ulteriormente, por grave neurose.

E' muito frequente ver o complexo de castração ligado ás ameaças desta, feitas a titulo de repressão; ou ao fato de ter a criança presenciado a castração de animais.

Outra origem frequente está na idéa falsa sobre os orgãos genitais femininos, cuja falta de penis ou é espontaneamente interpretada pela criança como castração, ou assim lh'a explicam os pais mal-avisados. Daí, as creaturas femininas adotarem uma conciencia de inferioridade e as masculinas o temor de que o mesmo lhes venha a acontecer.

Tudo isso nos leva a indicar a necessidade de evitar tais emoções inuteis e nocivas: a má pratica de chamar a atenção da criança sobre os seus orgãos genitais, como a de deixa-la presenciar, sem proveito, operações cirurgicas quaisquer, por mais domesticas que sejam; e a urgente necessidade de uma educação

sexual dirigida sem falso pejo, racional e gradualmente.

O complexo paterno é responsavel por muitos casos de alcoolismo. Os maus exemplos frutificam sempre, é voz corrente. Ainda melhor frutificarão, quando venham da parte dos pais, principalmente do de igual sexo, a quem a criança, via de regra, toma por modelo, para construir o seu ideal do Eu. Mas então, se é mau que a criança conceba o alcoolismo como apanagio da vida adulta,, do ser superior, por fórma que aspire ao vicio como complemento da futura qualidade de homem — é licito alcooliza-la desde logo, por fórma a faze-la nivelar-se ao adulto?

E' bem de ver que não; a solução unica é esta: se a criança não deve beber, porque lhe faz mal e se a privação do gozo do adulto lhe é nociva, é racional concluir-se: que não bebam os pais, ou que não o façam na presença do filho. O que é mau é dar á criança o espetaculo de um gozo que lhe é inacessivel pela idade, mas a que ela aspirará sempre e que buscará experimentar quando venha a ser homem.

Não temos a pretenção de querer indicar a psicanálise como panacéa capaz de resolver de um jacto o problema do alcoolismo. Mas indicamo-la nos meios heroicos de que ela dispõe para corrigir precocemente o terreno psíquico em que se desenvolve o alcoolismo.

A abolição absoluta das bebidas tem dado aso, nos

Estados Unidos, no exercito alemão, por exemplo, (*) á irrupção de neuroses e de outros equivalentes em que se sublima a libido pervertida. Não é mais racional começar pela obra de educação, corrigindo o desenvolvimento da sexualidade infantil?

Que se usem meios coercitivos, está bem; mas é bem pouco. Que se faça a educação dos educadores; que se criem escolas de pais; e que se faça, com urgencia e intensidade, a educação sexual das crianças. Assim teremos combatido, além do alcoolismo, outras muitas pragas sociais; pois a educação racional vale por todos os textos de lei, por todos os impostos proibitivos, por todos os codigos do mundo.

(*) Ferenczi — loc. cit.

CONCEITO BREVE DA PSICANÁLISE

Prefacio ao livro "A Psicanálise na Educação", do Prof. DEODATO DE MORAIS

Nascida, ha trinta anos, de simples metodo terapeutico das neuroses, a teoria do prof. SIGMUND FREUD, de Viena, se tem ampliado em verdadeira doutrina filosofica e abrange hoje toda a psicologia, estendendo-se pelos dominios da pedagogia, da glotologia, enveredando pelo dominio da logica e da moral.

O seu elemento nuclear é a filosofia do inconciente, elevado este da simples maquina cartesiana á categoria de esfera principal do psiquismo; cumpre-se, desta sorte, o progresso que veio desde a concepção classica do psíquico egual ao conciente até ao psíquico situado em sua mór parte, no inconciente, reservada á conciencia o papel de mero orgão de percepção externa, como interna. Esse progresso, que teve suas fases de evolução no automatismo psicológico, no subconciente, coconciente, dupla personalidade, Eu secundario, Eu subliminal, psiquismo latente ativo, imaginação creadora, etc., culmina na concepção maravilhosa de

FREUD, onde o conceito do inconciente se alarga e domina quasi toda a esfera psíquica, quadripartido em inconciente propriamente dito, preconciente, *id* e *Ego* inconciente.

A esses conceitos se juxtapõe o do "ideal do Eu", (Super-Ego), nascido da trama obscura do *id,* resultando dos conflitos entre esses dous e o *Ego* conciente as emoções mais ou menos carregadas de afeto que têm a sua expressão mais pronunciada nas neuroses, na arte, na religião, nas paixões.

A pequena esfera do Ego conciente, apertada entre os impulsos do inconciente profundo e os do Eu ideal, demonstra a quão pouco se reduzem as cogitações seculares da psicologia classica — psíquico egual a conciente — ante a doutrina moderna do filosofo vienense.

Não se pense, no entanto, que seja tal doutrina fruto de simples ilações metafisicas: FREUD baseia os seus raciocinios sobre a exploração cientifica de milhares de neuroticos, como de centenas de *soi-disant* normais e ainda sobre o estudo das lendas, da giria, do folk-lore, da linguistica, da literatura, das belas artes, da historia, da mitologia, da sociologia.

Extensa bibliografia e mais de uma dezena de revistas, assim como agremiações especializadas e congressos cientificos trazem, todos os anos, novos e fartos subsidios para os estudos de psicanálise.

Graças a esta, se têm explicado, melhor do que outróra, a formação das civilizações, a genese das lin-

guas, a origem dos mitos e lendas, a razão das obras de arte, o porque das vocações profissionais.

O conceito economico, preponderante sobre o conceito estatico e topico, trouxe a concepção da afetividade como elemento quantitativo de energia psíquica; e por essa maneira foi possivel explicar, melhor do que outróra, essa colaboração intima dos estados timicos na elaboração da idéa, como na operação dos instintos.

A onirocritica — o estudo dos sonhos — ajudada da decifração racional dos simbolos pelo metodo da associação de idéas, permitiu penetrar no laboratorio misterioso do inconciente, ou seja da propria psique e sorpreender-lhe os mnemas retidos pela carga afetiva, a trama intricada dos seus entrelaçamentos e a polaridade das suas tendencias, por fórma a despi-los do excesso de afeto e, á luz da conciencia, torna-los inanes e inocuos.

A pesquiza nas fontes da civilização demonstrou o perfeito paralelismo entre as creações miticas e as fantasias infantís; e esse paralelismo habilitou o analista á interpretação das imagens oniricas ou alucinatorias, á compreensão dos gracejos, das falhas de memoria, dos lapsos de linguagem — guias preciosos para a viagem subterranea aos recessos da alma sofredora.

A experiencia e o estudo puderam reduzir a dous grupos os instintos já tantas vezes multiplicados pela psicologia classica: os instintos do Eu e os sexuais — a *libido*: e a um só o alvo a que enganosamente tendem esses instintos — o principio do prazer. Mas entre si

lutam perenemente os dous grupos, um a querer conservar o individuo, outro a querer perpetuar a especie; e é da vitoria da libido que resulta a propagação dos seres, á custa da morte do individuo, de onde dividir FREUD a energia psíquica em impulsos de vida (sexuais) e impulsos de morte.

Fratelli, a um tempo stesso, amore e morte.
Ingenneró la sorte...

— já o dizia o grande LEOPARDI.

Mas na gestação e no começo da infancia, o inconciente abrange toda a esfera psíquica. Só ao contacto prolongado do mundo exterior e mercê do acabamento anatomico do sistema nervoso, aos poucos se vai formando a personalidade, o Ego conciente. Já desde o germe se debatem, no entanto, as duas classes de impulsos. WEISMANN exprimiu essa luta, quando concebeu a idéa do soma e do plasma germinativo. A' luz do primeiro dia, o conflito terrivel da entrada na vida autonoma traz o primeiro trauma de valor.

A procura do prazer se torna mais dificil; a luta entre o individuo e a especie, mais acentuada. Ainda nessa fase, porém, as duas classes de impulsos por vezes se entrepenetram; e é assim que a tendencia para sugar o seio materno representa, conjuntamente, a ansia de matar a fome e a angustia de satisfazer uma necessidade vaga, indefinida de bem estar; saciada a fome, a sucção continúa no dedo, na lingua, na chupeta; e após a mamadela, o sono infantil, pesado e profundo, tem menos do repouso *post prandium* do que da lassidão *post coitum*.

A descoberta da sexualidade infantil, da qual, diz FREUD, "a gente chega a envergonhar-se", deu logar á pesquiza da evolução da sexualidade através das idades. Não cabe aqui espaço para analisar essa evolução, verdade flagrante, comprovada quotidianamente pela observação de normais e de doentes. Basta assinalar que, mercê da educação, da civilização, com todos os seus tabús e prejuizos, não evolve sem tropeços a libido. Tendo de passar, da fase oral para a fase analerotica ou sadica, para, através de um periodo de recapitulação ou de latencia, chegar á plena genitalidade no pubere, a sexualidade pode sofrer desvios e fixações, que se refletem, não só na vida sexual, propriamente dita, mas tambem no proprio carater e no proprio procedimento do adulto.

Dirigir essa evolução de maneira razoavel, já que não é possivel abdicar da civilização — estufa de neuroses — é tarefa educativa que só a psicanálise pode guiar.

Compreendeu-o ha alguns anos OSCAR PFISTER, criando, sob os ensinamentos de FREUD, a pedanalise. *L'enfant est le père de l'homme,* já o dizia, em França, a sabedoria popular e, entre nós, *de pequenino é que se torce o pepino*. Apenas, não se devera torce-lo, mas ajeita-lo, deixar-lhe que cresça naturalmente, á sombra da mancenilheira da civilização.

A psicanálise vem revolver os fundamentos da pedagogia; alguma pedra ha de ficar de pé, tal essa lapide angular que empiricamente lhe ergueu Mme. MONTESSORI. Mas FREUD vem explicar MONTES-

SORI e fazer mais do que ela; mostrar que o psiquismo merece estudado, antes de educado; e que não é possivel submeter a todos á mesma craveira, ou construir homens em serie, como faz HENRY FORD aos seus automoveis.

No Brasil, o prof. DEODATO DE MORAIS escreve o primeiro livro de pedanalise, fruto de indefesso esforço, que acompanhei de perto. Ele não pretende gloria; apenas deseja que o leiam aqueles que têm a tarefa de cultivar os espiritos pequeninos.

Os professores que amam a infancia, os educadores que amam a sua patria muito terão lucrado se lerem e meditarem as paginas que seguem.

Rio, dezembro, 1927.

SOBRE ESPIRITISMO

Resposta ao inquerito do Dr. LEONIDIO RIBEIRO

Insiste V. em juntar a minha opinião ao rico acervo de respostas magistrais com que já conta o seu interessante inquerito sobre o espiritismo. Além da nossa amizade, outro motivo não vejo para isso, que o de aumentar a quantidade das opiniões, pois a minha pouco lhe valerá pela qualidade.

Já do assunto tratei, lá vão mais de cinco anos, quando relatei no 1.º Congresso Nacional dos Praticos a tese sobre "liberdade profissional". Não reeditarei, por demasiado longos, os meus conceitos então expendidos e ademais faceis de ser verificados no volume de atas e trabalhos daquele memoravel Congresso.

Aos seus quesitos, responderei apenas:

1. Divido em tres classes os chamados fenomenos espiriticos:

a) fenomenos aceitos pela ciencia atual, os que envolvem principalmente, o telepsiquismo. Precindem

in toto da necessidade de uma explicação por via de manifestações da alma sobrevivente;

b) fenomenos ainda não inteiramente desvendados, ou apenas explicados em certas circunstancias: as sensações do "já visto", "já sonhado", "já vivido" — claramente decorrentes da memoria inconciente, das imagens novas resultantes de associçaões de velhas imagens recalcadas. A teoria de FREUD auxilia-nos nesta decrifração. A outros fenomenos de antevisão não póde, contudo, bastar essa justificação: conheço fenomenos de previsão que talvez EINSTEIN interpretasse, pela abstração do fator tempo. De qualquer maneira, querer explicar pelo sobrenatural o que ainda não foi explicado pela ciencia — é tendencia arcaica da ignorante humanidade. Basta confrontar os mitos astronomicos e cosmogonicos, com que durante tantos seculos, foram simbolizados o movimento dos astros e a genese dos mundos. E' preciso crer que a ciencia, um dia, ha de dar a decifração exata dos outros problemas, tal como já a tem dado desses e de muitos outros antigos enigmas.

c) fenomenos artificiais, frutos da fraude. São inumeros. Basta versar os autores espiritas que merecem fé, para ler-lhes nas entrelinhas o quanto foram ludibriados pelas fraudes concientes das histericas "mediums". O proprio grande e ingenuo LOMBROSO confessa as fraudes da celebre Eusapia.

A hipotese de RICHET é sedutora. Estou certo

de que, em suas linhas gerais, a metapsíquica está abrindo caminho para a explicação cientifica de certos fenomenos chamados atualmente espiriticos e tidos como sobrenaturais.

2. Não conheço fato nem experiencia que próvem o extranatural desses fenomenos. Aqueles que a ciencia ainda não interpreta, ou são fraudulentos, ou serão cientificamente demonstrados, segundo leis naturais. A radioatividade e as ondas hertzianas são dos nossos dias e explicam fenomenos que poderiam ter sido considerados maravilhosos. Imagine-se que ROENTGEN fosse espirita; em vez de descobrir os raios X, teria dado a CROOKES novos argumentos para as manifestações do além.

3. Essa tendencia, para levar á conta do maravilhoso tudo quanto é desconhecido, é velha, tão velha quanto a humanidade. Os deuses nasceram do medo do selvagem em frente aos ruidos da noite e á tragedia dos temporais. Logo se animizaram e antropomorfizaram todas as forças naturais.

A tendencia ancestral reprodu-la o homem na sua propria infancia. O "papão" ou o "bicho" são a animização do temor da criança, ante o desconhecido, ou obscuro. E como a gente venera a quanto teme, desde o totem polinesico até os deuses modernos — é justo que os mesmos individuos que recorrem ao maravilhoso para explicar esses fenomenos chamados espiriticos, acabem por transformar essa crença em fé religiosa. A genese do totem no complexo de Edipo — a totemi-

zação do pai-rival, morto pelos filhos — é uma das mais interessantes concepções de FREUD.

Ademais, a crença nos "revenants", nas almas do outro mundo, na sobrevivencia além tumulo com todas as prerrogativas de vida nova, assenta nas bases desse desejo inconciente da volta ao ventre materno. Todos anelamos ter novamente trinta, vinte anos, ser ainda criança, não ter nascido, vir a nascer em época melhor. Esse renascer, esse viver vida nova é o amago dos mitos da ressurreição, que já se encontram nas velhas crenças — Osiris, Orfeu, Demeter, etc.

Bem se compreende como é paralela a esse processo a genese das neuroses. O espiritismo, com a sua doutrina da atividade dos espiritos dos mortos e da reincarnação oportuna e repetida, vem ao encontro desse desejo que dorme no fundo de todos os inconcientes — a ansia pela volta ao parasitismo uterino. Ora, é do recalcamento desses impulsos que nascem as neuroses; e esse impulso de reviviscencia, em particular, é alimentado pelo espiritismo, que lhe dá fórma, simbolos e alento. O ansioso pelo regaço materno tende, inconcientemente, para todas as condições de irresponsabilidade, de parasitismo, de negação do ambiente, de interiorização, donde a repugnancia ao mundo, o desgosto de viver, o anseio de volta á infancia, de morte e renascimento, o estado contemplativo... Daí o saudosismo, o sebastianismo, o romantismo platonico e improdutivo, a tendencia ao êxtase e tambem o amor pelas lendas de sobrevivencia, tais como os contos de fadas em que se revive (Branca de Neve, Chapeozinho

Vermelho) e pelas doutrinas mais ou menos misticas fundadas na ressurreição ou na transmigração e reincarnação da alma. Tais lendas e tais doutrinas não tiveram, mesmo outra origem; outra origem não teve o espiritismo.

Assim, espiritismo e neurose tem o mesmo caminho e encontram-se, é bem de ver, ora no começo, ora no fim do trajeto. Os hospitais de psicopatas estão repletos desses casos; e em semiotica psiquiatrica, é de regra, hoje, a pesquiza de antecedentes espiriticos.

4. Os prejuizos que o espiritismo traz á Saude Publica são evidentes. Primeiro, metem-se os espiritas a curandeiros, criando ambulatorios e hospitais, onde tratam os psicopatas á pancada (cf. as publicações do Centro Espirita Redentor) e onde medicam pela homeopatia — terapeutica nem sempre inocua. Com isso prejudicam ao doente, agindo sem conhecimento de causa, com medicação insuficiente ou contraindicada e cultivando a tendencia perniciosa para o maravilhoso.

Em segundo logar, a confiança no sobrenatural leva o fanatico a opôr-se ás medidas profilaticas para a segurança individual e coletiva contra a doença.

Contra esses prejuizos, porém, tem completa ação a lei, pois o Codigo Penal veda o exercicio da medicina sem a habilitação legal (art. 156), assim como proibe expressamente a pratica do espiritismo (art. 157); e os regulamentos sanitarios impõem penas aos infratores das disposições profilaticas.

E' curioso que a jurisprudencia tenha sempre dado ganho de causa a espiritas processados por exercicio ilegal da medicina, tomando por base capciosas interpretações dos mal redigidos artigos do Codigo.

Ha no inconciente desses juizes aquele impulso de que acima falei e que os leva a desejar tambem um dia voltar, renascer... O Cristianismo marca-lhes longo prazo — o dia do Juizo Final; o espiritismo é mais benevolo: eles poderão voltar mais cedo e varias vezes a este vale de lagrimas... e de Carnaval.

ASPECTOS CLINICOS DA PSICÁNALISE

Comunicação feita á Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em 1925

Não venho trazer novidade: apenas referir alguns aspectos clinicos da psicanálise, segundo se me têm apresentado no decorrer do exame e tratamento de alguns neuroticos.

A psicanálise, relativamente nova entre nós, não entrou ainda no dominio do vulgo, como sucede na Alemanha e Estados Unidos; por isso, quando um medico se propõe ao emprego dos metodos psicanaliticos, encontra, via de regra, da parte do doente e sua familia, quando não a ignorancia absoluta sobre o que seja a filosofia de FREUD, pelo menos certa repugnancia fundada sobre erroneos conceitos.

A *Sexualtheorie* encontra opositores sistematicos em uma etica hipocrita ou supersticiosa, que é quasi sempre o primeiro obstaculo. A associação de idéas, livre ou experimental, traz á lembrança os jogos de espirito dos *cotillons*; e a onirocritica, a malfadada onirocritica é acolhida com sorriso ceptico, por parecer cousa de nigromantes.

Mesmo entre os doutos, não direi já apenas entre gente de educação apurada, a sorpresa que se pinta no semblante á primeira exposição da teoria de FREUD toma muita vez uns tons de piedade pelo expositor, como se este se referisse ao flogístico ou á pedra filosofal. E certo pai me perguntou em tom de gracejo se o filho não ficaria mais doente e se FREUD não seria um louco da especie dos que andam a pesquizar o motu-continuo e a quadratura do circulo.

E' necessaria muita vez coragem estoica para suportar essas e outras atitudes do cliente ou de sua familia, atitude que muita vez se torna hostil, no decorrer do tratamento, conforme terei ocasião de contar mais adiante.

O psicanalista chega a ser tentado em muitos casos a fazer a psicanálise, não do doente, que ás mais das vezes se lhe entrega de bôa vontade, mas a do proprio responsavel, cuja repulsa muita vez acoberta tambem algum complexo recalcado.

E' de bom preceito, em todo caso, antes do tratamento, fazer sucinta explicação dos metodos, principalmente no que toca á rebusca dos complexos de natureza sexual. Daí resulta muita vez que se perca o cliente. E' preferivel isso, contudo, aos conflitos posteriores, maxime em se tratando de doente do sexo feminino.

Outras precauções dignas de nota são as relativas ao isolamento do doente durante a consulta e á necessidade do afastamento de outras influencias morais.

Costumo recomendar que me deixem a sós com o

doente não se me dando que alguem da familia presencie o processo, uma vez que o doente não perceba a presença de terceiro. Como no confissionario, tambem aqui ha muita revelação que se faz de boca a boca, mas que não viria a lume sabendo-se que as paredes realmente têm ouvidos. Isso tem o inconveniente de que essa terceira pessoa muita vez interfira no tratamento, quase sempre para faze-lo cessar. Em se tratando de mães, como é mais comum, a regra é essa. Os pais são menos timidos e mais tolerantes para os misterios do metodo novo.

LAFORGUE e ALLENDY referem-se á precaução economica: a psicanálise deveria ser paga e bem paga; paga por sessão. O doente veria nisso uma necessidade de chegar mais rapidamente ao fim e facilitaria a tarefa do clinico. Não verifiquei isso. Na mór parte dos casos, não é o doente mesmo quem custeia o tratamento; e não lhe faz grande mossa a despesa do pai ou responsavel.

Merece especial referencia a distinção dos sexos, em materia de pratica psicanalitica. Assim, enquanto os doentes homens geralmente abrem toda a sua alma ao clinico, quando este lhes toca com o dedo a ferida dos complexos recalcados, as mulheres, pelo contrario, se retraem, se escondem, se dissimulam e muita vez persistem em obstinada negativa. Algumas vezes, a acentuação dessas negativas é tal, que pleiteia em favor das conclusões a que chegaria o clinico no seu exame das associações, dos lapsos, dos sonhos... Outras vezes, o psicanalista oscila na duvida; é o caso de apli-

car-se então a psicocatársis de BREULER-FREUD-FRANK, em ligeiro sonho hipnotico, ou então ainda outro processo que muito lembra o recurso dos avestruzes do sertão africano, a esconderem a cabeça sob a aza para fugir ao caçador: costumo assim mandar fechar os olhos á doente, enquanto me coloco por trás dela. Falo em segredo; o cicio da voz faz resaltar o silencio, o isolamento; de olhos fechados, não vendo ninguem, é como se ninguem a visse; o caçador desaparece para o avestruz, o medico para a doente. Esta entra a falar como que para si mesma.

Vencida essa fase, nas sessões seguintes a doente se torna mais franca, mais familiar. Pouco a pouco, vai deixando aquele negativismo desanimador; e já o seu caso deixa de ser "o mais grave de quantos haja", "incapaz de ser desvendado e ainda menos curado", etc.

Com os homens, é raro haver mistér a aplicação do metodo do avestruz. Mas, ao contrario, muita vez o doente se mete a psicanalisar-se a si proprio, com desastrosos efeitos, já se vê.

Devemos mencionar ainda os prófugos — classe não muito rara de doentes, que falham á primeira sessão de psicanálise. São em geral homens e quase sempre dos de melhor cultura. Certo colega pedia-me uma vez para fazer-lhe a psicanálise. Marcámos dia e hora prometendo empregar o metodo de BLEULER-JUNG, da associação por tests. Falhou, sob qualquer pretexto. No primeiro encontro casual, chamei-o á fala; dei-lhe corda; ouvi-o sobre varios assuntos. Mal suspeitava ele de que lhe estivessem sendo anotados

os erros, os lapsos, os esquecimentos... e ainda hoje o espero; e note-se que ele proprio espontaneamente o pedira, por duas vezes.

Certo amigo, presa de uma neurose ansiosa, recorreu a meus conselhos, pedindo-me lhe receitasse umas injeções. Falei-lhe no metodo. Referi-me a certo caso bem seu conhecido e curado pela psicanálise. O tempo era escasso; aprazei-o para dia e hora. Debalde o esperei: falhou. Em encontros sucessivos, evitava maiores conversas; até que certo dia, calhou conversarmos. Escorvei-lhe a palavra; fiz-lhe confidencias, referi-me a casos melindrosos do nosso passado de solteiros. O homem abriu-se pouco a pouco. Foi uma primeira sessão, sem que ele o soubesse. A nossa intimidade permitia-me facilidade extrema na interpretação das ocurrencias de seu discurso. Fiz-me encontradiço de outras vezes; a mesma manobra: confidencias para cá, confidencias para lá. Por fim, tudo girava aparentemente em torno de um dinheiro aventurado numa empresa e desastradamente perdido, mas realmente o fundo da neurose estava numa amante de muitos anos, de quem era necessario desembaraçar-se por motivo de ciumes muito bem fundados, mas sem provas muito sensiveis. Falei francamente ao meu amigo; mostrei-lhe a causa de todo o seu mal; demonstrei-lhe que a sua situação de homem solteiro para com a amante era muito diversa da de um homem casado para com a esposa legitima... E por aí além. Vieram a tona as recordações infantís e o complexo de Edipo; a amante mentira ao ideal feminino, materno. O meu

amigo está certo de que não lhe fiz psicanálise, pois que fugiu ao encontro aprazado. Está bom, casado e já não precisa de injeções.

Sempre ha meio de correr atrás dos prófugos, por muito que saibam fugir.

— Tres classes de concurrentes são terriveis para o psicanalista: os espiritas, os religiosos e... os colegas.

O espiritismo fornece hoje remedio para todas as doenças, mas principalmente para as que podem ser curadas pela sugestão. Sem querer falar dos metodos barbaros do Centro Espirita Redentor, que cura os seus "obsedados" á pancada, basta que nos refiramos ás evocações mais ou menos burlescas que se resolvem numa milagrosa agua da bica ou em gotas homeopáticas.

Assim, antes de iniciar a psicanálise, declaro que abandonarei o doente, desde que tenha noticia de que venha a haver qualquer pratica espirita em torno do caso.

Todas as sugestões estranhas, é sabido, vêm perturbar o processo da psicanálise. Desde que intervém o maravilhoso num metodo que nada tem de sobrenatural, o doente continúa a julgar-se incapaz de obter a cura por suas proprias forças e a espera-la da parte do milagre.

E' o que acontece muita vez com a intervenção religiosa. Em doentes de outra natureza que os neuroticos e mentais, sempre abri caminho para o conforto religioso e muita vez o aconselho e facilito. Mas

em se tratando de doentes daquela natureza, só um sacerdote ciente póde auxiliar, em vez de perturbar a marcha da cura. O catolico mais fervoroso ha de convir nisso.

Para exemplo: a um sacerdote meu amigo devo a interrupção de um tratamento, num caso interessante de que vou dar noticia sucinta.

Era um caso de tetania histerica, membro superior direito, em moça de 20 anos e o mal vinha desde os 15. O distinto mestre Sr. Professor ROXO conhece a paciente.

Encontrei-a estendida numa cama, em decubito dorsal, extremamente palida e magra. Não se erguia; não andava. A' minima tentativa de tocar-lhe o braço direito ou de faze-la erguer-se, toda ela era tomada de tremor convulso, suores frios, perda dos sentidos. Entre os dedos fletidos e a palma da mão, para que não a ferissem as unhas, haxia um coxim; outra pequena almofada sob o ombro direito, outra sob o cotovelo.

A familia era de média cultura; a mãe, ignorante, cheia de crendices e com exagerado carinho pela filha. O pai, que não morava na casa, recorrera a medicos, a espiritas, a curandeiros. O conhecimento de um caso de monoplegia histerica curado pela psicanálise levou-o a procurar-me. Expliquei-lhe os metodos, tanto quanto lhe era dado compreendê-los. Insistiu para que os aplicasse.

Fiz a analise dos erros e lapsos, a prova de associação de BLEULER-JUNG, a interpretação dos so-

nhos. A doente se obstinava, negativista. Disse-lhe que iria hipnotiza-la, e que hipnotizada, "naturalmente não seria ela responsavel pelo que me respondesse". E, como com o avestruz, uma vez fechados os seus olhos, pude conseguir-lhe as necessarias revelações.

Pela associação de idéas (BLEULER-JUNG), descobri-lhe uma reminicencia da infancia. Em Paquetá, numa praia de coqueiros, brincava ela á beira mar, quando foi sorpreendida por um jacaré. Em prantos, a tremer, correu para casa, onde a acolheu uma amiguinha de mais idade e depois, a mãe.

Essa amiguinha foi-lhe amiga fiel e intima; depois veio a casar-se, enquanto ela ficara solteira e... sem amiga. A familia confirmou-me o fato, embora o inesperado de um jacaré aparecido em plena baía de Guanabara; mas é de lembrar que outro desses animais foi ha pouco pescado, aqui mesmo.

O acolhimento da amiga, que a consolou e confortou, a intimidade posterior, o casamento da companheira, foram recalcados, por motivo de certos pormenores, para dar logar proeminente ao susto da praia.

O desejo de casar-se sobrenadava a cada passo, no exame. O discutido, o aborrecido complexo de Edipo veio á tona, tambem. O pai fôra-lhe desvelado em extremo, na infancia; tão pouco amor dedicava á mulher, quanto maiores carinhos dispensava á filha. Mas, o pai tinha uma amante; não dormia em casa; visitava a filha um ou outro dia. A mãe da paciente e a amante do pai enchiam-lhe os sonhos e revelavam-se

nas experiencias de associação. Por fim, um sonho veio juntar-se a esse complexo já de si tão complicado:

"Estava eu, dizia ela, no jardim e tinha feito uns buracos para semear cebolas de angelica. Entrei momentaneamente em casa e quando voltei ao jardim, encontrei X., que tinha posto nos buracos uns sapos pretos. Falei, censurei-lhe o procedimento; ele ria-se, satisfeito e eu chorei amargamente".

X. era um moço de côr preta e de classe inferior, que frequentava a casa e que era visto assiduamente á beira do leito da doente. De olhos fechados, esta referiu que fôra requestada por ele, mas que não concordara; por outro lado, um primo, muitas vezes o marido da amiga, queixava-se-lhe, arrependido do casamento, passeava com ela em sonhos, iam ao cinema juntos ou casavam-se.

Mar, rios, pontes e peixes figuravam-lhe frequentemente nos sonhos, associando-se, pela imagem do jacaré, a representações de castração. Um dia, contou-me:

— Sonhei que meu pai e minha mãe me tinham dado um cofre e que alguem punha dentro dele um bonito rato branco.

— Mas quem puzera ali esse rato? perguntei-lhe.

Não se recordava. Fi-la fechar os olhos; levantei-me fui até a porta, voltei por traz da cadeira preguiçosa, repeti a pergunta, em voz baixa.

— Espere, já me lembro. Fulano.

Era o marido da amiga intima.

Essa doente, ao cabo de quatro meses, não tinha ataques, movia o braço, andava, embora a medo; fi-la

sair de casa, passear de automovel; ganhava confiança em si. Fizera eu que o pai voltasse a habitar a casa e ao menos simulasse ter-se desprendido da amante; fizera afastar o pretendente inadequado do sonho dos sapos... Mas não foi possivel modificar a educação materna, que começou a dar entrada a vizinhas versadas em espiritismo; nem pude obstar a que virtuoso sacerdote enchesse os punhos, o pescoço, o travesseiro da doente de terços, escapularios, orações e registos de santos. O zelo do sacerdote era maior do que a sua instrução; uma das nossas sessões presenciou-a ele, escondido e não a viu com bons olhos. A doente, que já se erguia todas as manhãs e começava realmente a viver, voltou a ser timida e rebelde; e como não pudesse eu conseguir a modificação do meio, com o internamento da moça numa casa de saude, tive de sofrer as increpações da mãe ignorante e fui forçado a abandonar o tratamento tão bem encaminhado.

Mas nem sempre são tais os obices. Outros e não menores provêm de colegas inexpertos ou incientes. Citarei um caso de patomimia que foi visto nos seus primordios pelo sabio mestre Prof. JULIANO MOREIRA. Era uma senhorita de vinte e muitos anos — pasava por ter dezoito — e que, em partes do corpo acessiveis, provocava manchas simetricas, ora por meio de sucção, ora pelo aperto entre index e polex. A conselho do nosso caro mestre, empreguei a principio a sugestão hipnotica armada, com o uso de simples traumaticina, que "devia produzir sorpreendente efeito terapeutico".

O efeito foi escasso e resolvi experimentar a associação de idéas pelo metodo livre de FREUD e pela analise dos sonhos. Tudo se reduzia a um amor insatisfeito. E' curioso notar que o objeto desse amor é hoje um dos casos da secção Calmeil. A indiferença afetiva do bem-amado, moço estudante de medicina cronicamente reprovado, cujo proprio futuro era assim muito nebuloso, eis quanto formava o segredo daquela neurose. As irmãs mais moças e mais interessantes seriam mais felizes; ela, só, aproximava-se dos terriveis 30 anos, na situação do poeta:

Passam-se as estações e passam-se as mulheres,
Eu tenho amado tanto e não conheço o amor...

Demonstrei á doente a origem de sua neurose; fiz vir á tona os complexos, para a "condenação". Ainda aqui era usado o metodo do avestruz.

Na fase da transferencia, as manchas começaram a rarear. Já não as havia novas e as sessões foram sendo espaçadas. Eis senão quando, um jovem colega que a meu pedido quizera encarregar-se de fazer-lhe injeções de suco ovárico, entendeu que devia examinar a doente e sugeriu-lhe medicação nova: duchas escossezas, estriquinina... Tanto bastou para que eu lhe cedesse o campo e as manchas voltassem, para estarrecimento do jovem clinico. Creio que por fim, veio a doente a curar-se do sintoma. Os complexos estavam ao nivel da conciencia; a familia entrara no conhecimento da origem daquelas manchas; o moço academico

caminhava tristemente a marcha de uma melancolia com tendencias suicidas e tornava-se desinteressante. O jovem clinico triunfante colheu a transferencia e os louros; e a moça... deixou de cumprimentar-me. Tanto me valeu a loucura da psicanálise!

Esse caso chamou-me a atenção para as modificações do simpatico e do vago no decorrer da analise e desde então, sem empregar o metodo psicogalvanico de VERAGUTH, nem as experiencias com o pletismografo e oscilometro tão bem revistas ultimamente por BOAS, costumo observar as alternativas de respiração e pulso, congestão ou palidez da face, resfriamento das mãos; e tive até ocasião de apreciar nauseas num caso em que havia repulsão intensa pela clara de ovo e cujas raizes estavam na semelhança fisica dessa albumina com o esperma visto, a primeira vez, num coito violento.

Outro caso em que os fenomenos vago-simpaticos me guiaram bastante foi o de uma impotencia *erigendi*, cujo complexo de castração fôra roborado pela falsa idéa incutida no ginasio por um mau professor de historia natural, de que individuo que tivesse sofrido coito *in ano* perderia a capacidade de ereção.

A respiração ofegante, o estado ansioso, a pulsação frequente e desordenada seguiam como sombras todas as imagens que tocassem o complexo de castração; e a descoberta laboriosa do trauma original foi seguida por um longo suspiro de alivio.

Creio cada vez mais que, se diz verdade LAIGNEL-LAVASTINE, localizando a afetividade no simpatico,

por fórma tal que nos lembra nova feição da velha localização viceral dos sentimentos — longe de contrapôr-se isso á psicanálise, como quer ele, antes virá reforça-la e dar-lhe outros instrumentos de pesquiza.

Estas são as considerações que me lembrou fazer á margem da clinica psicanalitica. A arte é longa; a psicanálise rouba tempo e gasta a paciencia. Afóra pequenas observações parciais da vida diaria, tenho apenas pouco mais de uma duzia de casos *completos*. Estou certo de que não disse novidade; trouxe apenas a este ilustre cenaculo minhas impressões pessoais.

Sou um convicto da ciencia de FREUD. Penso que suas aplicações á vida diaria, á pedagogia, até mesmo ao comercio, á educação de caserna, aos inqueritos judiciarios, aos sistemas penitenciarios hão de vir como cousa corrente, mais ano, menos ano.

Mas não faço aqui obra de propagandista. Nem tenho envergadura para tanto, nem o meio seria susceptivel de ser conquistado pela minha palavra, se já o não foi pela dos mestres da psicanálise. (*)

1925.

(*) A despeito da exposição de metodos aqui feita ha oito anos, o A. emprega hoje puramente os metodos de FREUD e o "ativo" de FERENCZI.

EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE

Conferencia de vulgarização irradiada pelo Radio-Club do Rio de Janeiro

Os nossos atos na vida podem dividir-se em concientes e inconcientes. Alguns autores indicam ainda os subconcientes, isto é, atos em que a conciencia pouco intervem. Deixando, porém, a estes de lado, para maior facilidade, (1) consideremos apenas os primeiros: concientes e inconcientes.

Sempre que se dá o emprego de um raciocinio complexo, o ato é conciente. Os ouvintes que estão pretando atenção a esta radio-conferencia, buscando entende-la e comentando-a no seu intimo, cumprem desta sorte um ato conciente. No entanto, os que, distantes, apenas ouvem o som da minha fala, sem ouvir as palavras, sem atenção, porque ocupados em outros misteres, executam um ato subconciente, digamos incon-

---

(*) Releve-se-me a exposição sucinta, propria de radio-conferencia. Em 20 minutos como discutir a questão do subconciente?

ciente; dirão mais tarde que nada ouviram, nem mesmo os sons indistintos.

Muitos atos concientes se transformam pelo habito, pela educação, em atos inconcientes. A criança que ensaia os passos cumpre um ato conciente, no medir os movimentos, no buscar amparo, no evitar obstaculos. Já depois, a marcha se torna automatica, inconciente; e cada um de nós, ao andar, não precisa de raciocinar para saber qual o pé que deva por adiante ou que atitude deva imprimir ao corpo. Os movimentos da marcha passaram, através da educação, para a memoria do inconciente; e assim, a fala e a escrita já não necessitam da atenção primitiva para os precisos movimentos dos labios e da lingua, para a adequada posição dos dedos e da pena. A aquisição conciente dessas imagens incorporou-se na memoria inconciente.

Tem tal força essa memoria inconciente, que muita vez executamos certos atos pelo poder do habito, inconcientemente, ainda quando esses atos sejam contra a razão. Depois de sabermos condenada uma porta por onde costumavamos passar, dirigimo-nos a ela para transpo-la, como se ainda fôra praticavel; e vamos buscar numa antiga gaveta um objeto, cujo logar haviamos mudado para outro sitio.

O inconciente governa-nos despotica, tiranicamente. Costume de casa vai á praça, diz o povo; e muita gente, não podendo executar em publico o ato inconciente a que estava habituada, sente-se por isso aflita ou apenas esboça o gesto inconciente.

Desse dominio do inconciente sobre os nossos atos nasceu na Austria, ha trinta anos a psicanálise, graças aos estudos do celebre professor SIGMUND FREUD. Descobriu ele que certas doenças nervosas, como a histeria, a neurose ansiosa, as obsessões, as fobias, essas tendencias chamadas vulgarmente manias, até mesmo os vicios do alcool, da morfina, etc., são devidos a emoções remotas, desagradaveis, que por seu carater mais ou menos repulsivo, são esquecidas. Ora, esse esquecimento é apenas aparente; a recordação foge da memoria conciente, para a memoria inconciente. E aquilo que julgamos esquecido fica escondido nos refolhos da recordação, a torturar-nos, a governar-nos, como o inconciente nos governa.

Mas esse duende, que enterrámos no inconciente, sai, a despeito nosso, perfura a nossa conciencia; trai-nos nas palavras que pronunciamos por engano, nos nomes que esquecemos, nos sonhos que sonhamos.

Mais interessante ainda: para a escola de FREUD, a mór parte dessas emoções recónditas, recalcadas, reprimidas no inconciente — a mór parte desses complexos (que tal é o nome técnico) são de natureza sexual. Não cause isso escándalo. Quando FREUD diz *sexual* não quer dizer apenas *genital*. A todas as tendencias afetivas dá ele o nome sexual. Essa opinião tem encontrado adversarios, mas a discordancia é apenas em torno de um nome. Para FREUD, o instinto da criança a sugar o seio materno é sexual, é afetivo. Isso repugna, á primeira vista, mas não é menos verdade. O prazer de sugar o seio é substituido

pelo prazer de chupar o dedo ou a chupeta. A essa localização da afetividade ou da sexualidade na boca sucede a localização anal (o prazer da evacuação), até que que se esboça bem cedo a localização genital; é sabido que muitas crianças se comprazem no manuseio dos proprios orgãos da reprodução; e o vicio solitario precede muito frequentemente, na evolução da idade, o exercicio normal da função reprodutora. Repugna, de certo, essa concepção, aos nossos conceitos classicos; mas ha muitas manifestações afetivas mais sexuais do que o beijo? E o beijo não é, afinal, uma sucção em esboço, um *reliquat* da sucção que era tão agradavel á criança? Não se diz que haja intenção desonesta na criança; mas apenas que aqueles atos, cumpridos em toda inocencia, são no fundo, da mesma natureza que os já universalmente considerados como profundamente sexuais. Passa-se assim, da conservação do individuo á conservação da especie; e para que se conserva o individuo, senão para que a especie seja conservada?

Ora, essa sexualidade infantil, a principio esparsa e mais tarde, na puberdade, localizada nos orgãos adequados, essa sexualidade infantil — sabe-se — é muita vez reprimida, recalcada pela educação, pelos preconceitos, pelos acidentes emotivos e vem surgir mais tarde, através da conciencia, sob a fórma de erros e lapsos na linguagem, sob a fórma de sonhos, sob a fórma de traços de carater, sob a fórma de neuroses.

E' sabido que, em geral, o pai tem grande apego ás filhas, preferindo-as aos filhos masculinos; e que as filhas se afeiçoam mais ao pai do que á mãe. O

mesmo fato se dá entre as mães e os filhos do sexo masculino. Essa afeição pura, honesta, é, no fundo, segundo a escola de FREUD, um fato de natureza sexual, ou digamos, afetiva. O amor é um só — ou velado sob o aspecto de afeição honesta, ou brutalmente revelado com o desejo carnal — mas sempre tendendo a assegurar a conservação da especie.

Repugna aceitar essas idéas? Mas os fatos comprovam-nas. Uma das nossas doentes dizia-nos ha dias que o seu ideal de homem para casar-se com ela era o proprio pai; que de todos os moços que conhecia, nenhum podia comparar-se com ele. Isso é fato comum: naturalmente, nenhuma filha deseja concientemente casar-se com o pai. Esse incesto das selvagens sociedades primitivas não o permitiria a civilização hodierna. Mas ao cabo de tudo, demonstra a observação que as duas afeições, de filha e de esposa — são da mesma natureza, no fundo.

Esse fato natural ás vezes aparece invertido; a afeição preponderante se volta para o mesmo sexo: e aí está a origem de certas perversões sexuais da idade adulta.

— Como, porém, póde a psicanálise intervir na educação? Que influencia têm os fenomenos sexuais ou afetivos da infancia no desenvolvimento psíquico e moral do individuo? E' o que vamos ver.

O mundo novo que aparece aos olhos do infante nem sempre lhe é mostrado com toda a verdade. As superstições, os preconceitos da educação da velha escola fazem deturpar aos olhos da criança os fatos

naturais. Em tudo se faz intervir o maravilhoso: o trovão é a colera divina; o acidente consecutivo a um brinquedo proibido é o castigo da divindade; o manuseio dos proprios orgãos sexuais sofre a repreensão com um: "Isso cai!" ou "Um dia eu te corto isso!" — muito corriqueiros na boca dos pais. Os fenomenos da gravidez e do parto são velados com as historias das cegonhas ou dos meninos encomendados á Europa. A diferença dos sexos, percebida bem cedo pela criança, na observação dos irmãozinhos, é explicada como uma falsa castração dos individuos femininos.

Essa educação sexual perversa é a fonte da maior parte dos desvios da afetividade, nas crianças e nos adultos. O chamado "complexo de castração" gera individuos timidos, fracos, que se sentem amputados da iniciativa. A intervenção do maravilhoso, já nos fantasiosos contos de fada, já nas exoticas lendas do Papá Noel e quejandas, faz que mais tarde o individuo espere muita cousa da parte do milagre, do imprevisto, da providencia divina, dos sortilegios e feitiçarias, dos azares do jogo...

Por outro lado, o excessivo rigor na educação, como o carinho excessivo marcam o carater com traços fundos que só a psicanálise é capaz de apagar, quando ainda seja tempo. No reformatorio de Oberhollabrunn, na Austria, o dr. AICHHORN conseguiu pôr a ordem onde havia a desordem, a anarquia, a balburdia. As crianças eram rebeldes — assim o interpretou a psicanálise — porque nunca na sua vida tinham recebido outra cousa que ralhos e golpes; des-

criam da justiça, porque nunca lhe tinham experimentados os efeitos. Logo que começaram a provar a experiencia das atenções dos preceptores, da justiça praticada por eles e dos conselhos e admoestações brandas, houve em cada uma daquelas pequenas almas uma revelação maravilhosa. O metodo educativo não é de todo novo. E' uma das normas da escola Montessori; mas a psicanálise vem dar base cientifica ao que fôra adquirido empiricamente pela pedagogia.

O carinho excessivo aos filhos do mesmo sexo pode gerar na criança uma inclinação homossexual, que pode dar como resultado perversões funestas ou, pelo menos, a timidez ou o horror ante os individuos do outro sexo. Da mesma maneira, o carinho demasiado aos filhos do sexo oposto pode exagerar a sexualidade, de onde resultam os homens que perdem a cabeça por qualquer mulher ou as mulheres que depressa se desmandam.

O complexo de sucção, que consiste na persistencia do habito de chupar o dedo ou a chupeta, degenera muita vez, mais tarde, nos vicios que se satisfazem pela boca — a glutoneria, o alcoolismo, ou mesmo por analogia, o cocainismo, o morfinismo... E' interessante — comenta RICKMANN — que os proprios filhos de alcoolistas raramente se viciam no alcool, quando crianças. Mas, com efeito, quando já não lhes fica bem chupar o dedo ou roer as unhas, voltam-se muita vez para o copo. Será necessario abolir cedo o prazer da sucção, não prolongar o uso da mamadeira,

proscrever em absoluto a chupeta, substituir o habito de roer unhas pelo de cuidar delas, etc.

Um dos habitos que maior prejuizo podem causar á criança, com consequencias na idade adulta, é o de dormirem pais e filhos no mesmo aposento. Ha atitudes e gestos que a criança pode sorpreender, por menos que nos pareça e que lhe impressionam indelevelmente a memoria inconciente. As convulsões histericas reproduzem, muitas vezes, fielmente, certos movimentos tidos pela moral como desonestos. Essas atitudes são muita vez interpretadas intimamente pela criança como gestos agressivos ou defensivos, respectivamente; e a emoção infantil pode dar logar á repulsa pelo genitor do mesmo sexo ou á tendencia a imita-lo.

Seria longo examinar cada um dos casos em que a sexualidade infantil pode influir na genese das futuras perturbações do espirito do adulto.

O tempo urge e é necessario examinar outra parte da questão.

Como se faz a psicanálise e como se pode aplica-la na pratica pedagógica?

Em breves traços, pode dizer-se que se faz a psicanálise, na clinica, estudando as associações de idéas, comentando os erros, lapsos e esquecimentos e analisando os sonhos. Para a assosiação de idéas, ha o processo livre, pelo qual o paciente é levado a pensar em voz alta, dizendo as palavras que lhe venham á mente; o analista observa as reações emotivas — gestos, sorrisos, suspiros, intonação, que acompanham a

cada idéa; ha tambem o metodo de *tests*, pelo qual o analista dá ao paciente, uma após outra, uma série de palavras, convidando-o a dizer imediatamente outra palavra sugerida pela primeira; marca-se o tempo da resposta, assim como as reações emotivas. Sobre as idéas mais interessantes, manda-se que o paciente associe outras e — o mais dificil — procede-se á interpretação. Outras associações devem ser provocadas em torno dos erros, lapsos e esquecimentos, assim como em torno das idéas contidas nos sonhos. Todo sonho tem um conteúdo latente e um conteúdo manifesto. As idéas emotivas reclusas no inconciente, isto é, os complexos recalcados, nem sempre aparecem claramente; quasi sempre se manifestam por simbolos. Interpretar esses simbolos — eis a dificil tarefa do psicanalista; é por meio da associação provocada de idéas que se chega, geralmente, a essa interpretação.

Descobertas as emoções remotas, os complexos, provada a sua inanidade ou mesmo infantilidade, obtem-se geralmente a cura. Outras vezes, quando não é possivel desraigar de todo os complexos, provoca-se a sua sublimação, a transformação da tendencia sexual em ocupações inocuas, de arte, de desportos, etc.

Na pratica pedagogica, a colaboração do medico, do psicologista e do pedagogo é fato corrente, nos centros adiantados. A interferencia do psicologista especializado em psicanálise é, porém, do mais util proveito. Esse sistema foi iniciado em Zurich (Suissa), pelo dr. OTTO MESENDIECK, num sanatorio de crianças neuroticas, em 1912. Mais recentemente, foi emprega-

do na Austria pelo dr. AICHHORN e está em vigor na Russia dos Soviets, segundo conta URBANTSCHITSCH.

Naturalmente, a psicanálise se emprega de preferencia nas crianças nervosas, nas viciadas, nas que demonstrem peculiaridades de carater, nas timidas, nas arrogantes, nas rebeldes, nas mentirosas...

O estudo dos erros, dos esquecimentos, tão frequentes entre os escolares, fornece bastos elementos á psicanálise. MESENDIECK analisava os alunos pelas respostas da aula. Assim, por exemplo, um pequeno que tinha aversão ao sexo materno e cujo pai era um esposo tirano, não fazia o feminino do adjetivo francês *fraternel*, alegando que, significando o masculino dessa palavra "relativo a irmão, o feminino significaria "relativo á irmã" ou que não pode haver sentimento fraternal para com a irmã. Outro, filho de um militar arrogante e com o mesmo vinco de carater que o pai, recusava-se a traduzir a pergunta em inglês: "Você tem uma vaca?" E acabou, respondendo: "Eu ordeno que você diga se tem uma vaca." A' sua situação social não iria bem fazer aquela pergunta, demonstrando tão prosaico desejo.

Eis aí um campo vasto para o desenvolvimento da pedagogia cientifica. O assunto exigiria muitas e muitas horas de paciencia radiofonica, se se me permite a expressão. E' claro que apenas desejamos chamar a atenção daqueles que se interessam pela educação e pela pedagogia, afim de que voltem os olhos para essa

fonte inexgotavel de fatos psicologicos que é a doutrina do sabio prof. FREUD.

Já desde muito se sabe que não ha crianças rebeldes; ha apenas defeituosos morais, por culpa dos pais e dos educadores. Que cada um que tenha a seu cargo um pequeno espirito a modelar, plastico como a cera mole dos escultores, procure informar-se dos conceitos da psicanálise. A Liga Brasileira de Higiene Mental, que tem, entre outros, um serviço especial de psicanálise, dará com prazer conselhos e informações, na sua séde, no antigo Pavilhão Argentino.

Rio, Junho de 1926.

A ARTE DE PERVERTER

APLICAÇÃO PSICANALITICA Á FORMAÇÃO MORAL DA CRIANÇA

Conferencia de vulgarização, a 3.ª da série da Liga Brasileira de Higiene Mental

Por ter escrito a *Arte de Amar,* foi Ovidio exilado para o Ponto Euxino. Dizendo agora nós sobre a arte de perverter, não por temor ao exilio, mas porque não vale ensinar o que tão sabido está, apenas nos cabe indicar os males dessa terrivel arte. Será, apenas, este aranzel, um paralelo ao *Remedium Amoris,* com que o poeta latino contraveio aos maleficios do primeiro poema, para regrangear a graça do Cesar; ou imitação ao classico e controverso autor daquela outra Arte — a de Furtar.

A ciencia de FREUD excita agora a curiosidade natural da cultura brasileira, do que dá cabal testemunho a escolhida, atenta e numerosa frequencia ao curso de psicanálise da A.B.E. Não é demais que, consoante a tendencia da intelectualidade moderna e

cedendo a esta mesma, abordemos o assunto sob o prisma da psicanálise.

O estudo dos impulsos sexuais abrange grande parte — não a totalidade! — da ciencia de FREUD. Por esses estudos, baseados na experiencia de mais de um trintenio, em observações, não só do grande sabio, mas de muitos outros homens de ciencia, em varios paizes cultos — se depreende que, desde o nascimento, pelo menos, demonstra a criança certos impulsos, certas tendencias que, pelas suas caracteristicas e evolução, não podem deixar de ser assimilados aos impulsos e tendencias admitidos geralmente como sexuais. A todos chamou-lhes FREUD sexuais, pois que da mesma natureza, embora nem todos diretamente destinados aos fins da reprodução.

O traço geral desses impulsos é a sua ansia de buscar um prazer; assim, para FREUD, a palavra sexual tem um sentido muito mais amplo do que o antigo; e embora, á primeira vista, seja estranho chamar sexual ao prazer da bebida, dos desportos, da arte, contudo é forçoso crer que a todo esse prazer está ligado, por associação de idéas que nos escapam á conciencia, o prazer definitivo que diretamente leva á reprodução da especie.

Quando mama, a criança satisfaz a fome, mas leva o mamar até além da necessidade do sustento, até regorgitar o leite — porque sente prazer. Porque sente prazer, continúa a sugar a chupeta — que lhe não mata a fome; assim, chupa a lingua, chupa o dedo,

que absolutamente não lhe dão sustento — mas lhe dão prazer.

Assim, tambem, muitas crianças, enquanto mamam, manuseiam os orgãos do sexo — naturalmente porque isso lhes dá prazer. E, seguindo na idade, aquela zona da boca que tanto gozo lhes deu, vai ser ainda buscada para o prazer de chupar as balas, roer as unhas, fumar o cigarro, degustar o álcool...

O amor proprio que é inerente a todo individuo considerado normal, é, por outro lado, um remanescente do egoismo infantil, que assim buscava o prazer para si só e comsigo só — sugando o dedo ou a lingua, onanizando-se, roendo as unhas. Tal como o Narciso da fabula, enamorado de si mesmo, a criança ama exclusivamente a si propria, até certa idade: é egoista, acentualmente egoista: "o papai é meu só, a mamãe é minha só"; os brinquedos são-lhe propriedade exclusiva; e até os objetos alheios, ainda que não brinquedos, são por ela desejados, cubiçados, reclamados até ás lagrimas.

Um traço de narcisismo resta sempre em cada adulto, não só no amor proprio, mas na vaidade, podendo ir até o exagero da autolatria, até o delirio paranoico, a mania das grandezas... Não é injuria dizer que no sexo feminino o narcisismo perdura e se acentúa mais e que todo o encanto que nos proporciona a faceirice das senhoras se deve a esse narcisismo infantil.

E' que na criança masculina, mais do que na feminina, em breve esse sentimento de prazer localizado

na boca ou esparso pelo corpo inteiro, assenta, até aos cinco anos, proximo á zona reprodutora, no termo do tubo digestivo, passando assim o prazer a ser buscado em polo oposto. Então, certas necessidades naturais preocupam extraordinariamente a criança, o que só não observará quem não quizer ver. E' a época das prisões de ventre, das permanencias interminas no quarto privado, do deleite com a musica dos flatos intestinais — modalidades de prazer que o adulto muita vez conserva e cultiva.

Só mais tarde, depois de um periodo obscuro de latencia, em que a criança vê os seus impulsos refreados pela educação e começa a ser "bem comportada", só mais tarde, na época da puberdade, todos aqueles impulsos informes, nebulosos, mal definidos, encontram no organismo um desenvolvimento fisico capaz de satisfaze-los; e então, a sexualidades se localiza definitivamente nos orgãos de reprodução.

Antes desse tempo, porém, em que a sexualidade assim esteve errante e caótica, foi movida a criança por esse desejo vago de decifrar o enigma dos seus impulsos: e a manifestação mais geral desse desejo é a curiosidade infantil.

Notai como a criança nos assedia de perguntas. Tudo ignora e tudo quer saber. Tudo, em torno, lhe são enigmas: os fenomenos meteorologicos, os engenhos da civilização, a organização social, o funcionamento do organismo humano.

Por que chove? Que é o trovão? Por que anda sem animais o automovel? Que faz a policia? — A

tudo, mal ou bem, respondem os pais, satisfazendo a curiosidade. Que é o coração? Que é o estomago? — E noções, embora rudimentares lhe são dadas.

Mas ha muitas outras perguntas que ficam sem resposta ou são respondidas com mentiras — só os pais têm licença de mentir — ou determinam a reação dos ralhos, das punições. São as cousas *feias*; as que os adultos sabem e praticam e que as crianças não têm o direito de conhecer, nem nas linhas greais.

Nesse terreno, tudo é enigma para a criança. Ela percebe que entre o pai e a mãe ha carinhos diversos dos que lhe são prodigalizados; a posição do pai, na familia, é para a criança um problema insoluvel; pois que, suspeitando, embora, que a mãe lhe tenha dado o ser, a figura daquele homem, em casa, daquele homem que é menos carinhoso, mais hostil, que frequentemente utiliza uma diciplina rude, para conter os impulsos infantís, a figura daquele *papá* que se transforma em *papão* é inteiramente desagradavel para a pequena alma que se está formando.

Para o menino, o pai é o homem autoritario e estranho que lhe rouba os carinhos maternos. Para a menina — a quem o pai sempre trata mais afavelmente — a mãe, mais severa para com as filhas, é a rival que protesta contra a extrema benevolencia do marido e a quem este, por sua vez, dá caricias ocultas, privilegiadas.

Tudo isso, meus senhores e senhoras, que podeis observar em vossos lares, se tiverdes paciencia e isenção de animo, tudo isso é para mostrar-vos quão di-

ficil é, á inteligencia infantil, perceber a organização da familia; e para lembrar-vos que dentro da alma dos nossos filhos se passa, ano após ano, essa luta intima para conquistar o amor dos pais, num terreno que lhes é desconhecido e que nós timbramos em tornar-lhes cada vez mais obscuro.

Assim, enquanto explicamos aos filhos por que mastigam os dentes, por que bate o coração, por que respirar ao ar livre ou por que dormir cedo, ou por que cultivar a ginástica, ralhamos ou mentimos toda vez que a criança nos interroga sobre as origens da vida. Achamos *feio*, achamos *imoral* que um pai ensine, gradual, oportuna, honestamente a seu filho umas tantas cousas e preferimos que lh'as ensine o colega maldoso ou o famulo mal-educado, que o fazem com palavras obcenas, com intenção desonesta, quando não com a pratica de atos pervertidos.

A arte de perverter começa, pois, no seio da familia.

No berço, cultivou-se a sexualidade da boca, por meio da chupeta; continuando, vieram as balas e virá o cigarro fumado ás furtadelas. Sexualidade cultivada é sexualidade fixada. O individuo voltará a ela mais tarde, quando outros meios de prazer lhe faltarem; e a chupeta do adulto é, muitas vezes, o copo; atrás do dedo na boca, vêm as unhas roídas, vem o sujo pirolito, os *chicklets*, o *cock-tail*, a cocaína...

Quem preparou a perversão? Quem acentuou na criança o prazer da boca? — Quem lhe deu o dedo a chupar; quem lhe meteu entre os labios a chupeta.

Mas é preciso que a criança não chore, não dê demonstração de desgosto. Arrolha-se-lhe a boca com um tampão de borracha. A principio, o nenem chorava de fome, porque tardava o leite; a seguir, chora, apesar de farto, porque o seu prazer é mais exigente e a delicia da chupeta lhe torna á memoria. Tambem o toxicomano é cada vez mais exigente; e quanto mais se entorpece, mais anseia pelo toxico.

Mas é tão linda a criança, a chupar o dedo! Que graça! Que mimo! Já emite as primeiras silabas... Já dá os primeiros passos... Como é bonito o meu filho! Como é inteligente! Já sabe correr... que encanto! Já sabe cerrar as palpebras... Nenem, namora D. Fulana! — E' o cultivo de Narciso, debruçado na corrente, apaixonado por si mesmo.

Então, a criança admira-se. Tem prazer em ficar despida — e busca ver a nudez alheia. Conheci uma menina — teria tres para quatro anos — que se apresentou ao pai, nuazinha, a dizer-lhe: "Vê como eu sou bem feita!"

Quando, mais tarde, o rapaz é repelido por bolina ou exibicionista, porque inventara "periscopios" — foi no tempo das saias longas! — ou se apresenta nas praias em trajes quasi adámicos, mal suspeitam os pais o quanto contribuiram para isso!

— No entanto, dizem eles, não o poupavamos! Muita pancada apanhou ele, em pequeno!

Quem conhece a historia confessada de J. J. ROUSSEAU e a influencia que a flagelação das nadegas exerceu no seu carater timido e na sua estranha ati-

tude nas relações do sexo — pode compreender bem quanto essa pratica e outras correlatas cavam fundo no espirito da criança e operam a fixação daquela sexualidade que tanto determina a inversão.

Já, sem duvida, notaram como, aos sete anos, a criança começa a "criar modos". Já tem vergonha de aparecer despida, já não destroe os brinquedos, já sabe portar-se á mesa, já não pergunta sobre cousas do sexo. Está satisfeita a familia. O pobresinho já se inteira da hostilidade do ambiente para com as suas tendencias; reprime-as, domina as, recalca-as.

Mas, tendencia recalcada é fogo sob a cinza. Arde e aquece ainda; e a uma rajada, a labareda se ergue e o incendio destroe. Tudo quanto buscamos conter dentro de nós, tudo quanto tentamos esquecer, governa-nos, mau grado nosso, sem que o saibamos.

Desconfiai da criança quietinha. Os seus musculos não se mexem, mas a sua alma trabalha; não lhe dissestes por que são os meninos diferentes das meninas; ela o imagina: as meninas foram castradas: — "cortadas pela raiz", é o dito vulgar, de que vós mesmos usastes, na louca intenção de dar uma explicação *forte* ao que julgaes *feio*.

Não sabeis quanto é isso fatal. Ha doenças nervosas inquietantes que têm por origem essa falsa idéa. E' verdade que, mais tarde, o rapazinho adquiriu a idéa exata, com os nomes pornograficos adequados. Mas a impressão da infancia é duradoura; esquecida, recalcada, é fogo sob a cinza: arde e destroe, soturnamente. Já notastes quantas recordações da infan-

cia, lembranças de fatos banais e corriqueiros, vos vêm ás vezes á mente, sem saberdes por que? Assim são todas as recordações da infancia. A alma infantil é porcelana fragil: um golpe, de muitos anos atrás, persiste e por vezes se alonga e acentúa em perigosa fenda, por muitos remendos e disfarces que lhe tenham sobreposto.

A pequenina alma trabalha, sob a quietude do bom menino. Tudo quanto lhe negastes para o seu prazer, ela inventa, para sua satisfação.

Vêde o garoto do cortiço a brincar de soldado, com uma espada de pau e um capacete de papel de embrulho. Ele fantasia; e na sua imaginação, veste farda, usa perneiras, traz gorro de penacho, como os soldados e como os meninos ricos.

Fantasia; e tal como faz aos brinquedos, assim tambem o faz aos misterios que lhe não queremos revelar. Como nascem as crianças? Vêm da Europa, dizem-lhe os pais; trazem-nas as cegonhas, ou vêm de Paris numa cesta de fitas, ou são colhidas entre as folhas de couve... Não vos iludais; a criança não crê nessas mentiras educativas. A gravidez materna, o sofrimento do parto, os cuidados medicos do puerperio não lhe passam despercebidos. Interpreta-os a seu modo; e tece as fantasias verossimeis para o seu intelecto; as crianças nascem como os macaquinhos da rainha, no conto de fadas, ou como o Chapeozinho Vermelho, saido do ventre do lobo.

Que mal ha nisso? — pensais. Um dia, a criança saberá a verdade. Mas é que lhe ficou a recordação

da fantasia; e ainda mais lhe encheis o cerebro de quantos contos e lendas vos passam pela cabeça. Desde cedo, para embala-la, cantais-lhe, ao berço, acalantos monotonos, onde proliferam tutús-marambaias, cucas e papões. Os ogres, os gigantes, os genios encantados com que povoais a mente dos filhos e lhes fortaleceis a imaginação, o devaneio e o sonho, todos esses duendes, trasgos, gnomos, fantasmas, bruxas e fadas permanecem como traço indelevel na memoria infantil; cultivam-lhe o medo; incentivam-lhe a confiança na sorte, na intervenção do maravilhoso, a crença na fatalidade e no azar; conduzem mais tarde o rapaz a esperar da *buena-dicha* o seu programa de vida e a amar o jogo como fonte de riqueza.

Fizeste-lo timido, criando-lhe no espirito a idéa da castração das mulheres e o temor da castração dos homens; agora, estimulais a fantasia, cerceando-lhe a iniciativa, castrando-lhe a confiança em si mesmo, no fruto do trabalho, no resultado do esforço proprio.

Quem assim perverteu a criança? Quem a fez ter medo da sociedade, ter horror ao trabalho e esperar bom exito por um casamento feliz ou pela sorte grande? Fomos nós, os pais, os que, mau grado nosso, exercemos assim a arte de perverter.

Mas, o patrio poder nos dá uns tantos direitos; e os tribunais entendem que temos o direito de perverter os nossos filhos. Quando pequenos, criamo-los numa atmosfera artificial, bastante diversa do ambiente que os espera na idade adulta. A criança, cativa da familia, tem, via de regra, uma existencia de pas-

saro em gaiola dourada. Não podendo ganhar o proprio sustento, exige que todos trabalhem para ela; não se banha sosinha; não se serve á mesa; não colabora no trabalho do lar. Por outro lado, vedam-lhe os adultos varios direitos: não intervem nas conversas; não participa dos vicios domesticos: beber, fumar, jogar, maldizer; não pode irritar-se e blaterar, como os adultos; não pode ter a vida mundana, que têm os pais.

Compreendeis que, ainda que algumas e raras dessas limitações tenham sua razão de ser, não a entende a criança. Habituada a obter tudo pela mão dos outros, estranha, mais tarde, que a fortuna não lhe venha bater á porta. E quando o moço poderia intervir, com a palavra, para ganhar o bom exito em um negocio, a proibição infantil torna-o mudo perante os mais velhos ou superiores. E quando devia agir para vencer, espera que outros lhe sirvam o prato, no banquete das competições pessoais. Cativo na infancia, o homem guarda, na madureza, a marca indelevel do cativeiro.

Mas, por outro lado, excita-se-lhe a curiosidade, obrigando a criança a assistir, como espectador mudo, ás cenas domesticas ou pondo-lhe aos olhos a enganosa peneira das falsas idéas. A criança não pode ser travessa; mas as travessuras sexuais do *flirt* e do tango se passam ás suas vistas. A criança tudo ignora do sexo; mas as conversas furtivas são sorpreendidas pelos ouvidos infantís; os nús artísticos e os seminús das praias andam de mão em mão, nos quadros, nas estatuas, nos jornais; e a criança, para quem a nudez

— assim lh'o ensinaram — é cousa proibida, imoral, obcena, encontra nesses quadros uma fonte de prazer, mas de prazer indefinido, incapaz de satisfação.

E trava-se-lhe no espirito este dilema: "Se estou despido, a mamãe ralha; se entro no quarto onde o papai se veste, sou repreendido; então, porque se despe o papai diante da mamãe? Porque se despe a mamãe, para o banho de mar? Porque ha, na sala de visitas, estatuetas núas? Porque publicam as revistas retratos de artistas despidas?"

E como o sentido do sexo lhe dorme, latente, no espirito, deleita-se a criança em ver a mamãe seminúa na praia, já que não pode ve-la no quarto; em ver o retrato das mulheres núas, já que não pode ve-las em carne e osso.

Mas esse deleite, que é, apenas, para o adulto, o preámbulo do prazer final, faz antever á criança prazeres maiores, que lhe são vedados pela propria insuficiencia fisica da idade. E excita-se o pequeno e devaneia e sonha e torna-se nervoso...

E mais tarde, quando homem, aquelas mesmas impressões visuais, se lhe são apresentadas, fazem-lhe reviver o devaneio, o sonho, fazem-lhe brotar a neurose.

Nestes ultimos tempos, encontraram os detentores do patrio poder mais um meio de perverter os filhos — o teatro de bataclan. Já são mulheres de verdade, não apenas estatuas ou fotografias e mais núas ainda do que nas praias de banhos. São as moças nuas de porta-seios, em que me falava, ha dias, uma criança

de sete anos, ansiosa de tornar a ve-las e recusando assistir a uma sessão honesta de cinema.

O' vós, que detendes, com o patrio poder, o direito de fazer pequenos monstros, que negais aos vossos filhos a boa educação sexual, mas que os excitais, fazendo-os entrever a verdade e mostrando-a sob o aspecto de arte canalha; ó vós, que recebestes o presente divino de uma alma pequenina por moldar e levais ao fogo a massa ainda informe, que não tivestes a coragem de preparar suavemente, gradualmente, esculpindo-a com carinho de artista — dizei-me, ó respeitaveis senhores medievais desses pequenos servos da gleba! quem perverte os vossos filhos?

Pois ides leva-los a ver nudezes que lhes ensinastes serem cousa impudica; a ver movimentos e gestos que lhes proibistes reproduzir; a ouvir canções porneicas que não lhes consentireis repitam em casa: dizei-me: consentireis que o filho ajude a vossa esposa a passar a camisa, enquanto ela está nos mesmos trajes das *divettes*? Consentireis que se vos apresente na mesma nudez a vossa filha de quinze anos? Se o não fizerdes, sereis, pelo menos, incoerentes.

Mas o mal não está na simples nudez que os vossos filhos vejam. Não está o mal no saberem os vossos filhos como e graças a que vieram ao mundo. O mal está em lhes haverdes apresentado na infancia todas essas cousas como misteriosas, proibidas, imorais e, não obstante, pugnardes pelo direito de deixar que se instruam sobre essas mesmas cousas, nas revistas, nos

salões, nos teatros e cinemas, onde a vida sexual é apresentada sob o aspecto da obcenidade.

Vedais o bom e concedeis o mau. Negais a instrução honesta, que se faz no lar, respondendo lealmente ás perguntas infantís, mais levemente ou mais profundamente, consoante á idade; negais essa instrução e proibís até mesmo o interesse por ela; mas, sabeis que os vossos filhos a vão colher dos labios mal intencionados dos colegas e dos criados; e fazeis questão cerrada de dar-lhes essa mesma educação sexual, mas sob o feitio de *cabaret,* nos beijos quilométricos das fitas e nos requebros do bataclan.

Meu senhores e minhas senhoras.

Não sou nenhum velho retrogrado, nenhum asceta desiludido a anunciar a vinda do Anticristo.

Sou apenas um homem habituado, pela profissão, a estudar a alma humana; um homem em cuja educação houve muitos dos erros que apontou e que não pode sequer educar o seu proprio filho segundo bem o desejara.

Mas, podemos nós, os pais, educar os nossos filhos? Podemos nós educa-los ainda mesmo os que sabemos como se devera faze-lo?

Que é a familia moderna? Já alhures tive ocasião de dizer que hoje o lar é apenas pousada: um logar onde se dorme e onde, em geral, se faz em comum a refeição da noite. Pela manhã, o marido vai para o escritorio, almoça fóra, volta á hora do jantar. A mulher vai á Avenida, ás compras, ás visitas, ou mesmo ao trabalho — pois que é preciso ganhar metade

do sustento. Os filhos rapazes vão para o emprego ou para a universidade, as filhas moças para a Escola Normal ou para o banco; as crianças seguem para o colegio ou ficam em casa, com os criados. Quem educa essas crianças? pode o pai dizer que educa um filho a quem vê rapidamente pela manhã e rapidamente á noite, á mesa do jantar?

Na realidade, tiradas as horas da escola, onde a educação se confia aos mestres e aos companheiros, o filho é educado, em casa, pelos companheiros, pelos criados, por alguma velha parenta cheia de preconceitos.

E dizemos nós, com orgulho: "Eu educo o meu filho; eu sei educar a minha filha. O patrio poder é meu e eu sei como usar dele!"

E usamos dele, enchendo a mente da criança de noções falsas, para dar-lhes, por meio de ações, o que lhe negamos por palavras.

Revelamos-lhe a furto aspectos de prazer e furtamos-lh'os em seguida. Sabemos que aos doze anos o garoto escreverá nos muros figuras obcenas e lerá ás escondidas livros pornograficos, mas recusámo-nos a dar-lhe, desde cedo, sob aspecto honesto, com a nossa autoridade de chefe, com o nosso carinho de pai amoroso, as noções exatas, gradualmente dosadas, daqueles mesmos assuntos que desde cedo formavam o conteúdo das perguntas do filhinho!

Quando se aproxima a puberdade, quando o sentimento do sexo tende para a conjunção amorosa, mas ainda não é tempo de consentir nela, quando o rapaz,

instruido com malicia pelos famulos e pelos colegas, vê na mulher o objeto do prazer ha tantos anos buscado, vós, que compreendeis as insonias do jovem e as suas tristezas, mas que sabeis que ainda é cedo, excitais ainda mais o desejo daquela alma que tem azas, mas que ainda não pode voar: "Vai ao cinema, rapaz; é a fita do "D. Juan"; vai ao teatro, menino: vai ver as *girls*!"

Mas não sabeis e eu vos digo: a tendencia sexual, quando não pode ser satisfeita, deve ser sublimada. Si o seu fim é o prazer, essa tendencia pode ser derivada para os desportos, para a arte, para o estudo. A propria arte teatral ou cinematografica pode fornecer ao rapaz uma fonte de prazer honesto; e o trabalho, produtivo, o melhor meio de sublimação, dentro dos limites da fadiga, esgota todo esse anseio sexual que enerva e debilita o vosso rapaz.

Mas para educar bem é preciso aprender a educar. Desde tantos seculos se esforçam os pedagogos por aperfeiçoar os metodos de educação e cada ano que passa nos traz novos aperfeiçoamentos á pedagogia. Como podemos nós, os pais, ignorantes da ciencia pedagogica, educar bem os nossos filhos? Será a educação um dom inato, transmitido pela herança ou exemplo daqueles que nos criaram?

Não, minhas senhoras; não, meus senhores. Nenhum lar é superior á escola bem organizada. E no entanto, a parte mais dificil da educação é a que se cumpre antes da escola; e os educadores da época pre-escolar pouco compreendem ou nada sabem da arte

de cultivar a pequenina planta humana. Paradoxo doloroso! E' na infancia pre-escolar que o individuo adquire o molde do seu carater. Cada hora, nessas idades, forja uma peça fundamental do homem futuro. O trabalho da escola, aos sete ou oito anos é corrigir, emendar, substituir, com resultados mediocres, o que foi mal construido no lar. E justamente nessa primeira parte da infancia, está entregue a leigos a fundação da grande obra! Doloroso paradoxo!

E venham dizer-me os educadores que a escola deve ser a continuação do lar! Não e não. A esse principio anteponho este outro: *O lar deve ser a antecipação da escola.*

Melhor fôra ainda que fosse o lar a escola mesma; que só tivesse direito de educar o pai que realmente soubesse educar. Seria preciso criarmos escolas de pais; e estou certo de que a maioria destes, conhecendo os perigos da educação no lar deserto, da educação por famulos e adventicios, prefeririam entregar ao Estado a formação do carater dos seus filhos.

Porque, em verdade, com a desagregação por que passa a familia moderna, com a incapacidade que tem todo e qualquer leigo de exercer esse mister dificil que requer excelentes profissionais, estou que o Estado, por seus tecnicos de valor, substituirá com vantagem a familia, na tarefa da educação.

1928.

O PONTO DE VISTA METAPSICOLOGICO

23.ª *conferencia do Curso de Psicanálise Aplicada á Educação*

Minhas senhoras e meus senhores.

Chegamos ao termo do Curso de Psicanálise aplicada á Educação e verifico que a vossa longanimidade apenas pede meças á honra que quizestes dispensar aos dous conferencistas, vindo aqui bondosamente prestarnos o conforto da vossa presença, durante vinte e tres dias, que, esparsos, se estendem por tres meses.

Muito grande é o nosso reconhecimento para convosco e se não é maior a nossa saudade, ao separarmonos, é que nos resta a esperança de nos revermos no seio da novel Sociedade Brasileira de Psicanálise, para cujo advento creio haver fortemente contribuido o Curso que ora termina.

Perlustrámos convosco a ciencia de SIGMUND FREUD, pelos seus pincaros mais elevados, não tendo a pretenção de haver profundado pormenores, mas com o objetivo de revelar os traços principais das teorias

e desvendar, ainda que longinquamente, os horizontes do conhecimento humano por onde ela se espraia, os dominios que ela invade e onde se torna, atualmente, necessaria.

Como nem a todos é dado lazer bastante para compulsar as obras de FREUD e de seus eminentes dicipulos, teve ao menos este Curso a vantagem de darvos uma vista de conjunto da Psicanálise e de certo, para alguns, a de desfazer preconceitos erroneos que mais do que a verdade, facilmente se propagam, por isso que o erro é ataviado, acomodaticio e indiscreto, ao passo que a verdade é nua, arisca e modesta.

O intuito deste Curso fôra mostrar aos que se ocupam em educar os pequeninos, as armas que para esse fim sublime lhes oferece a Psicanálise, os elementos já hoje imprescindiveis ao pedagogo, a quem a psicologia classica, por muito adiantada e aparelhada que esteja, ainda não basta.

Certo é, porém, que não interessou a muitos educadores o nosso trabalho, ou porque o dispensasse a cultura superior que possuem, ou porque os inibissem os preconceitos vulgarmente ligados á teoria sexual, ou porque não lhes interessem o progresso da Educação nem a sorte dos pequenos brasileiros.

Resta-nos o consolo de ter tido aqui o apoio e a presença dos nossos proprios mestres, de figuras eminentes do ensino superior, de representantes da Alta Cultura do nosso país, nas suas varias maneiras, de mães ansiosas por melhor saberem criar os filhinhos, de mestras desejosas de aprender a conhecer as almas

que elas têm por mistér cultivar e dessa mocidade avida de saber que, roubando uma escassa hora aos bancos escolares, aqui esteve para ouvir, consultar, comentar, estudar.

Confessamos que não esperavamos tanto. Quando, no ano passado, o prof. Deodato e eu delineámos este curso para o outono de 1928, contavamos ter como auditorio duas dezenas de pessoas, que se reduziriam, talvez, á meia-duzia, durante as ultimas conferencias. Os fatos demonstraram que os nossos algarismos deveram ser decuplicados. O Curso agitou a questão, aqui e lá fóra, como não previamos; tivemos contraditores, opositores, mas tivemos, em compensação, o prazer de ver criada no Rio de Janeiro uma Sociedade Brasileira para cultivar a nova ciencia; e estamos a ver a psicanálise como tema necessario em jornais, em revistas, em livros, em palestras...

Não sabemos se foi atingido o fim desejado. Sabemos, porém, que, deste esforço, resta uma cousa util: o chamar a atenção da gente culta do país para os problemas psicológicos que só á luz da ciencia de FREUD podem ser bem esclarecidos.

Vós fostes colaboradores nessa obra, pela honra, pelo apoio, pela cooperação da vossa presença. Se alguns louros nos cabem, repartimo-los convosco e a vós todos empenhamos o nosso gratissimo coração.

No desenvolver do programa, vistes como era simples, de começo, a teoria de FREUD: a noção descri-

tiva de inconciente, preconciente, conciente; a noção dinamica do recalcamento, da fixação, da regressão; daí, a associação de idéas condicionada aos impulsos — impulso do Eu, impulso sexual ou libido — a ação da Censura, a formação dos simbolos, a arquitetura da linguagem inconciente nos sonhos, a fuga dos impulsos pela perversão e pela neurose.

Aos poucos, vistes que novos elementos se foram acrecentando. A experiencia — e sempre a experiencia — foi demonstrando que nem tudo era tão simples. Onde a prova experimental apresentava lacunas, a hipotese supria-as, hipotese como em todas as ciencias — na fisica, na quimica, na astronomia, na biologia.

Foi o estudo mais profundo das neuroses que levou FREUD a aumentar a sua teoria com a criação do Id e do Super-Ego, ainda hipoteses, sem duvida, mas que bastam, por ora, para explicar os fatos psíquicos, tal como a hipotese do atomo explica os fatos físico-químicos, ou a das cadeias laterais de EHRLICH dá compreensão ás leis da imunidade.

Mas não são hipoteses engendradas sobre o empirismo bruto e brotadas no cerbero de FREUD, como Minerva da cabeça de Jupiter. São antes nomes dados a fatos clinicos e a fatos psicológicos, nomenclatura adotada para facilidade do argumento e do estudo, conforme se dá em todas as criações cientificas; frutos da contingencia humana, que, pela incapacidade de abolir o infinito da sua ignorancia, conquista a verdade palmo a palmo e erige marcos miliarios ou pa-

drões de posse no terreno desbravado, enquanto não pode seguir adiante.

Esses marcos já são numerosos, na carreira dessa ciencia que ainda não chegou aos trinta e cinco anos de vida; mas, cousa notavel, raramente é preciso derribar os padrões que ficam atrás. Essas marcações geodesicas — revelem-me a figura — são verificdaas como certas, toda vez que se caminha um passo mais, no progresso da psicanálise. E pode dizer-se que nas primeiras obras desse genial Mestre de Viena se encontram em germe todas as concepções posteriormente nascidas e desenvolvidas, quer dele, quer da sua escola.

O maior desses marcos, porém, é constituido pelas descobertas do Super-Ego, e do Id, fatos que historicamente dividem a Psicanálise em dous periodos que se não contrapõem, antes condizem e se confirmam.

Realmente, a criação do Super-Ego remonta a 1914, ao trabalho de FREUD, denominado *Introdução ao Narcisismo*.

Verificou FREUD, pela análise da melancolia e da esquizofrenia, que a fase narcisica infantil torna a dominar o psiquismo nessas doenças e que até mesmo nos normais se nota a consequencia dessa introjeção da libido, voltada para o Ego, quando lhe falhara o objeto externo. Passa-se, então, o fenomeno da idealização: o individuo constroe, com o proprio eu, um novo objeto, que nada mais é do que a exageração do antigo, o que lhe permite recalcar a imagem verdadeira e com ela os impulsos que lhe são inerentes.

Está nesse ideal do Eu o germe do Super-Ego

acabado, cuja fórma definitiva só vai ser encontrada nove anos mais tarde, na obra de FREUD *Das Ich und das Es*. O mestre já em 1914 fazia notar a diferença entre aquela idealização e a sublimação já estudada, que opera o desvio dos impulsos para outro objeto, em vez de recalca-los. E denunciava a possivel existencia de uma instancia do Ego, capaz de operar a idealização, instancia semelhante á *conciencia* moral da acepção classica.

Ele comparava esse conceito com a dissociação psiquica operada no delirio de posse do pensamento ou de auto-observação e demonstrava como a analise dos doentes ia referir a origem dessa instancia critica á impressão da atitude corretiva e repressiva dos pais, dos mestres, do meio, verdadeiros agentes excitadores da construção do ideal do Ego.

Notava mais além as consequencias dessa construção: um primeiro plano, a libertação da libido homossexual, desviada, patente na paranoia, quando o doente, querendo libertar-se da instancia censora, regride para fase anterior do desenvolvimento sexual. Então, o Ego, debilitado, apoucado, perderia a função de autocritica e de auto-observação; e a instancia (o futuro Super-Ego) posta ao serviço da introspeção, apoderarse-ia do mecanismo do raciocinio. SILBERER comparara esse processo ao da critica dos sonhos, no individuo meio-desperto. E' tambem a esse "ideal do Ego" que caberia a censura do sonho.

Vê-se como, para FREUD, a noção tópica, descritiva do inconciente e do conciente já não bastava, como

nos primeiros tempos. Era o dealbar da Metapsicologia, do triplo aspecto — tópico, dinamico e economico dos fenomenos psiquicos, concepção que vai encontrar fórma definitiva no ano seguinte, no ensaio *Das Unbewusste,* o quarto da série de seis publicados de 1913 a 1917 nos "Proceedings of the Society for Psychical Research".

Aos poucos, as expressões "conciente", "inconciente", "preconciente" tomam o valor que realmente lhes é intrinseco, de predicados, de adjetivos; o conceito estatico não se adapta á dinamica dos fenomenos, nem á necessidade de exprimir economicamente a intensidade dos afetos: fatos concientes, inconcientes, preconcientes, não podem ser localizados em determinadas zonas do aparelho psiquico: têm de ser qualidades atribuidas a elementos variados; e daí por diante, só serão enunciados como regiões, para comodidade do discurso.

A observação analitica das neuroses, com a descoberta dessa instancia critica que será mais tarde o Super-Ego, levara naturalmente o espirito de FREUD a antever a necessidade de abandonar em parte o esquema primitivo das camaras, da *Traumdeutung,* para, dando-lhe feição dinamica e economica, poder aplicar as conclusões anteriores ás deduções imperiosas das novas analises.

A censura é agora apenas uma das funções dessa instancia critica, que não opera só nos normais, mas determina a introjeção narcisica do esquizofrenico e

do melancolico ou o desvirtuamento da autocritica no paranoico e egocentrico.

Já não se mantém aquele conceito simples de um Eu uno e indivisivel. O delirio de culpa e o de posse fisica ensinaram que o Ego se hipertrofia e multiplica, como que por abrolhamento, produzindo essa instancia criada a principio como ideal substitutivo do objeto, mas que se transforma, afinal, em censor tiranico e inexoravel.

Essa tirania e essa inexorabilidade — esse sadismo do Super-Ego, esboçados apenas no ensaio sobre o narcisismo, só mais tarde, no *Das Ich und das Es* vem a ser explicada, pela dissociação das duas classes de impulsos — os de vida e os de morte.

Quem acompanha com atenção o desenvolvimento da obra de FREUD vê, assim, quão diverso é ele da figura que lhe tecem adversarios, que se obstinam em desconhece-lo e lhe atribuem idéas aprioristicas e um aferramento, que ele não tem, a principios e conceitos.

Verá quem se der ao trabalho de lê-lo e medita-lo, que, ao contrario, as idéas lhe nascem da experiencia, ainda nebulosas, esquematicas e que só o repetir das contraprovas lhe permite acentuar os traços esboçados, ou corrigi-los — o que ele faz, sem tergiversação.

Vêde como é tateante este conceito de ha quatorze anos e com que prudencia o expõe o Mestre: "O desenvolvimento do Ego consiste num afastamento do narcisismo primario e produz um esforço intenso para sua reaquisição. Esse afastamento se dá por meio de uma transferencia da libido sobre um Ideal do Ego

imposto do exterior; e a satisfação deriva do atingimento desse ideal".

Nesta nota embaixo da pagina, ainda a proposito da instancia critica, o sabio expõe, com lealdade, a idéa que ainda não foi bastante confirmada pela experiencia:

"Se o isolamento dessa instancia censora, do resto do Ego, está em condições de estabelecer a distinção filosofica entre um conciente e um autoconciente, — isso não o posso eu decidir".

Mas analisa o *Selbstgefühl,* o sentimento de si mesmo, em relação com a libido narcisica, nas suas relações com as neuroses de transferencia e com a vida amorosa. E percebem-se aí, em germe, aquelas idéas do sentimento de inferioridade e do sentimento de culpa, que mais tarde serão desenvolvidas como derivadas do Super-Ego, na sua *Massenpsychologie und Ich-Analyse* e que ainda são, na atualidade psicanalitica, assunto de debate preferido.

Essa luta do Ego contra o Super-Ego, remanescente do complexo de Edipo e substituto da instancia parental, esse conflito já tantas vezes exposto durante este curso, na genese da angustia, na explicação da ordem social, no estudo do conceito da pena, vêde-a aqui esboçada, ha quatorze anos, quando FREUD diz que o Ego, tendo renunciado ás fixações libidinais sobre o objeto, empobrecido por elas e pelo Ideal, se enriquece novamente pela satisfação no objeto, como pela realização do mesmo Ideal; que uma parte do sentimento proprio é primario, resto do narcisismo

infantil; outra deriva da onipotencia experimentada pelo cumprimento do ideal; enquanto outra, ainda, provém da satisfação da libido do objeto. Mas intervem o ideal (o Super-Ego) nessa satisfação; e se esse ideal não se desenvolve, ocorre a perversão na personalidade. "Tal como na infancia, diz ele, os homens julgam achar a felicidade em serem eles mesmos o seu proprio ideal".

E' a morfogenese da idéa que culminará nos estudos posteriores, onde virão a ser melhor explicadas as neuroses narcisicas, a hipnose, a psicologia das massas.

Está-se a ver aí o resultado da observação daqueles tipos que poderiam dizer, como o heroe de D'ANNUNZIO: *"Ah! perché dunque non potremmo noi rendere la nostra esistenza conforme al nostro sogno e vivere per sempre in noi soli?"*

— E' na *Massenpychologie* que ele melhor descreve essas reviravoltas do narcisicmo que termina pela idealização do objeto, na vida amorosa. Como foi pela renuncia ás tendencias edipicas que o ideal nasceu, é compreensivel que, para o filho, a *imago* materna se transforme num ideal casto e assexuado, talvez mesmo homossexual. A observação diaria nos mostra prova disso no fato corrente das duas especies de mulheres, que o rapaz idealiza: a mulher domestica e a mulher publica; uma, a quem se ama como a propria mãe, em cujo sexo é crime pensar e que nos atrai pelo "coração" simbolico; a outra, *tota in utero,* toda carne, mas degradada e degradante.

Como a afeição infantil busca no regaço materno o arrimo á debilidade fisica e o objeto á satisafção dos impulsos, assim se biparte o desejo do moço, muita vez, entre o lar assexuado e o prostibulo erotico.

São idéas já entrevistas antes, porém, no ensaio sobre o narcisismo:

"A paixão amorosa consiste num transbordar da libido do Ego sobre o objeto. Ela vence o recalcamento e desperta a perversão; e como deriva da satisfação de necessidades afetivas infantís, do tipo objeto e do tipo arrimo (Anlehnungstypus), pode dizer-se que tudo quanto satisfaz a essas necessidades amorosas é idealizado." (*Einf. des Narzissmus*).

Esse verdadeiro aforismo, em que é abandonado o ponto de vista topico e em que sobrepujam o dinamico e o economico, pode considerar-se a chave da psicanálise da Arte; mas traz no bojo a semente do conceito de "identificação", que é pabulo diario na analise dos neuroticos.

Vejamo-lo mais acentuado, adiante, quando o sabio pondera que o ideal sexual pode dar subsidio ao ideal do Ego (Super-Ego) e lembra que, ante um obstaculo á satisfação narcisica, esta se cumpre sobre um ideal sexual. E é por isso que amamos, segundo a escolha narcisica do objeto: amamos aquilo que falhou como ideal do Ego.

Mas é mais tarde, na *Psicologia das Massas,* que o conceito da identificação se define: é ela a fórma mais primitiva da ligação afetiva a um objeto; processa-se pela regressão, pela tendencia á assimilação

do objeto, pela introdução deste no proprio Ego, tal como na fase canibalesca da sexualidade oral; ou ainda, como em muitas histericas, pelo contagio mental, graças ao reconhecimento de traços comuns.

Tambem nesta ultima obra se acentua a origem parental do Super-Ego, mercê do processo da identificação. Já muito foi dito a esse respeito, durante o Curso: o sentimento ambivalente para com o pai, no complexo de Edipo, terminando pela identificação com o genitor de egual sexo e pela construção do Super-Ego á sua imagem e semelhança.

O carater homossexual dessas transformações já fôra, porém, descoberto no *Narzissmus*, quando, ao desenvolver o estudo do ideal do Ego, é conduzido o sabio a meditar sobre a psicologia das colletividades, onde julga ele formar-se um ideal social (de familia, de classe, de nação...) e onde, além da libido narcisica se desenha a libido homossexual voltada para o Ego. Ele diz que a insatisfação desse ideal liberta a libido homossexual e gera o sentimento de culpa, a angustia social, que é originariamente o temor dos pais, ou melhor, o temor da perda dos pais, transferida a imagem destes para os companheiros, compatriotas, etc.

*

* *

E' facil confrontar todos estes conceitos complexos com os primitivos, cujo conjunto está expresso, principalmente, na *Traumdeutung*.

Vê-se que a criação da Metapsicologia, com a necessidade de encarar os fenomenos psíquicos pelo que representam de força e de rendimento, deu logar ao estabelecimento de novas formulas, cujo centro é, evidentemente, essa instancia desdobrada do Ego — o Super-Ego ou Ideal do Eu.

Porque o fez o grande FREUD? porque, ao contacto dos doentes e dos normais, novos fatos vieram a lume; porque a comparação entre o primitivo, a criança, o neurotico e o normal mostravam os mesmos fenomenos, ali grosseiros, além, esboçados, depois exagerados ou mal dissimulados, mas todos guardando entre si a mesma fisionomia, os mesmos traços comuns.

Assim é que, no estudo da hipnose, não poude ele deter-se na causa maxima indicada por seu mestre BERNHEIM — a sugestão e foi-lhe preciso aprofundar as origens dessa causa: daí, o paralelo entre a hipnose e a paixão amorosa; que na primeira, ha o abandono total, sem satisfação sexual, enquanto que no amor, embora tambem o objeto tenha tomado o logar do Super-Ego, a satisfação libidinal persiste, conquanto fique, temporariamente, em segundo plano. E' ainda o ponto de vista economico da intensidade da libido que permite essa explicação. O conceito puro da identificação do objeto com o ideal do Ego, comum á hipnose e ao amor, não bastaria, se não fosse dado observar, pelas analises, a intensidade do impulso sexual, nos dous casos.

E' ainda o ponto de vista metapsicologico que auxilia a compreender a sugestão dos dirigentes de gru-

pos, onde, além dessa, existe a identificação entre os individuos e o recalcamento das tendencias libidinais determina a preponderancia do sadismo homossexual.

E' ainda a consideração economica da intensidade desse recalcamento que explica a razão pela qual amor e coletividade não fazem liga; o grupo se desfaz, toda vez que o interesse sexual isola o individuo da multidão. E' o conceito dinamico que faz notar como as tendencias sexuais indiretas, que permitiram destacar-se da turba o heroe, podem operar a desagregação da coletividade, se tomarem feição direta, não deslocada, não transferida.

Haveis de estar lembrados de quanto aqui vos dissemos sobre o novo conceito de angustia e sobre a teoria psicanalitica das neuroses.

Apenas vos recordo que o ponto de vista topico ou descritivo não nos daria elemento para estudar as diferenças de reação do Ego, nas varias neuroses, no estabelecer o compromisso entre os impulsos do Id e as advertencias despoticas do Super-Ego; não teriamos podido compreender o esgotamento da energia do Ego, na inibição, após haver tentado poupa-la, para evitar a dôr do recalcamento ou o conflito com a instancia censora.

Não seria possivel entrar no ámago dessa dissociação dos impulsos erotico e sadico, que nos leva tão facilmente á genese da homossexualidade e a essa sublimação dessexualizada que é a identificação com o genitor de igual sexo.

O sintoma neurotico encontra apenas no dinamis-

mo e na economia dos impulsos a sua interpretação possivel, quando o reconhecemos como um indicio ou substitutivo de um impulso inibido e quando o recalcamento, operado, graças á energia do sistema Percepção-Conciencia, leva a uma modificação do afeto, pelo Ego e á transformação do desprazer em outra manifestação de energia — a angustia.

A transferencia de objeto, nas fobias, para poupar ao Ego o desprazer das acusações do Super-Ego, a transformação do impulso agressivo em impulsão obsidente, com transferencia de objeto, a substituição da defesa ante o perigo, na histeria, por sintoma organico — são fenomenos que só o ponto de vista economico nos poderia explicar.

O proprio conceito freudiano da fuga pela mania, no melancolico quando, deixando por momentos a introjeção narcisica, o Ego se volta temporariamente para o objeto, é um exemplo de estudo quantitativo da energia libidinal, que, havendo atingido ao maximo de intensidade, na fase melancolica, transborda o seu excesso para o ambiente.

Mas não é tão novo, na Psicanálise, o ponto de vista economico: deveis estar lembrados daquele "principio de poupança", aqui comentado, a proposito do estudo do gracejo, como formula para explicar o deslocamento ideativo dos impulsos eroticos e sadicos e a sua transferencia de objeto. E' o fator economico em germe, na inteligencia admiravel do Mestre. Ele não retomou aquele principio, como um todo; mas o

conceito exarado em 1905, em *Der Witz,* veio desdobrar-se, dez anos mais tarde, na Metapsicologia.

E' esse novo ponto de vista que nos permite compreender as excitações aumentadas ou diminuidas em relação com o principio do Prazer-Desprazer e as quatro faces pelas quais podem ser encarados os impulsos, quanto ao impeto, ao fim, ao objeto, ás fontes; por impeto podendo ser entendida a força ou capacidade de trabalho, que o impulso representa; por fim, o genero de satisfação ou libertação a que tende, até o esgotamento do estimulo na fonte, o impulso; por objeto, aquele graças ao qual o impulso atinge o seu fim; e por fonte o estimulo somatico que é representado na vida mental pelo proprio impulso.

Só encarando esses fenomenos debaixo desse ponto de vista triplice, foi possivel a FREUD discernir o destino dos impulsos, durante o desenvolvimento da vida: a transformação no impulso contrario, a sua orientação para o Ego, o recalcamento e a sublimação. Só dessa maneira lhe foi dado conhecer as tres polaridades da vida psiquica: prazer-desprazer, Ego-objeto, atividade-passividade.

Só a metapsicologia nos dá elementos para aprofundar os fenomenos do recalcamento, não tão simplesmente topicos e levemente dinamicos, como outrora parecera. Foi possivel imaginar, então que, o mecanismo do recalcamento não coincide com os simples mecanismos de substituição de imagens, embora contribua para ela; e que o fenomeno da subtração da energia é inerente ao processo de recalcar.

E' justamente nessa privação de energia na sua fórma preconciente, que o recalcamento consiste, operando-se o recúo dessa energia para o Id, enquanto na instancia preconciente do Ego se forma uma contra-carga de energia (Gegenbesetzung), que se opõe á libertação do impulso inconciente.

Assim é que o "compromisso" pode ser explicado pelo consorcio de duas representações impulsivas, ou melhor, de duas excitações volitivas, que se ativam simultaneamente e que, não podendo influir uma sobre a outra, embora coordenadas entre si, buscam para sua exteriorização um "fim" medio, já que não coincidem os alvos de ambas.

Eis, por alguns exemplos, em que consiste o ponto de vista metapsicologico, no estudo dos fenomenos encarados pela Psicanálise. Multiplicar os exemplos seria fazer a revisão total dessa ciencia, sem lucro notavel e abusando da paciencia com que até o fim nos tendes ouvido.

Haveis de ter percebido que não ha farta novidade, no que estais ouvindo. E' que, no tratar dos varios assuntos, nas outras palestras, não descurámos dar-vos a cada passo o ponto de vista metapsicologico, sem que tal parecesse. O nosso fito, neste momento, foi apenas o de chamar a vossa atenção para esse ponto de vista e por isso tivemos de voltar, em ligeira síntese, sobre temas já estudados, para mostrar-vos a conexão de metodos e principios que os reune em verdadeira ciencia nova.

"Novas concepções de FREUD" vos promete o pro-

grama; e, com efeito, julgámos, por um momento, poder reservar para o fim as idéas que derivaram do conceito do Super-Ego e da concentração dos impulsos inconcientes nesse Id selvagem, infantil, agnostico.

Mas, logo compreendemos que, nem fôra possivel condensar numa palestra essas noções, nem era justo furta-las ao vosso conhecimento, quando oportunas.

Dos ultimos trabalhos de FREUD já vos foi dito, a proposito do principio do prazer, das neuroses, da punição, do complexo de Edipo, do *humour*, do fetichismo, estes dous ultimos assuntos, segundo publicações do ano corrente.

De um dos ultimos resta apenas dizer-vos, porque mal foi objeto de leve referencia; chama-se *"Die Zukunft einer Illusion"*, isto é, "o futuro de uma ilusão"; e é como que um complemento a essa obra admiravel, *Totem und Tabu*.

Começa por um estudo das duas faces que oferece a civilização humana, uma, a do saber e poder utilizados para o dominio das forças naturais e para a aquisição dos meios de obviar ás necessidades; outra, a das medidas convenientes ás relações entre os individuos; e encara o papel do conflito de impulsos, inclusive os sexuais e a maneira pela qual os tem buscado dirimir a civilização, pelo predominio de uma minoria que detém o poder e a riqueza.

Inquerindo dos males e das maneiras de remedia-los, chega a um paralelo entre a religião e a ciencia; e demonstrando, á luz da psicanálise, a origem da primeira no misticismo das derivações libidnais,

estuda a superioridade da ciencia como meio de libertar os impulsos recalcados e sublima-los num fim util á moral civilizada. Prevê assim um mundo isento da fé nos mitos religiosos, mas cheio de confiança conciente, raciocinada, nos recursos da Ciencia.

E' impossivel dar-vos um resumo, ainda que palido, dessa obra profunda. Obra de idealista, que vê na Ciencia possibilidades infinitas para conduzir o genero humano á Idade de Ouro, ela representa, principalmente, o traço de elevação de espirito e de independencia de carater desse venerando septuagenario sobre quem hoje todo o mundo civilizado concentras as vistas.

Ele já prevê a revolta que despertará, por ter considerado ilusão esse misticismo que se traduz, entre todos os povos, em crença religiosa; ele antevê o desgosto que trará a todos os seus discipulos, ou porque lhes magôe a crença, ou porque possa atrair sobre eles o anátema de todos os credos.

Mas, é preciso encarar a obra sob o aspecto filosofico e não ha que temerem os crentes verdadeiros pela estabilidade da sua fé.

"Não. A nossa Ciencia não é uma Ilusão", conclue ele. E vê-se, nessa expressão sincera, que SIGMUND FREUD aspira para a humanidade essa mesma confiança que ele tem na Ciencia, esse mesmo ardor sagrado no trabalho desinteressado para o alivio das dores fisicas e morais, essa mesma devoção á grande causa da redenção da humanidade pela ciencia, — o que tudo é, afinal, impulso de fé e de amor.

A nós, os leigos, a quem só limitadamente é dado

prestar o conforto religioso, cabe-nos, ao menos um papel de colaboração para o mesmo fim de obter um mundo mais feliz. E esse papel consiste no aperfeiçoamento da ciencia, na aplicação da ciencia ao bem-estar do homem e na difusão dos metodos e principios da ciencia.

Qual o melhor meio para realizar esse sonho? Conhecer o homem; conhece-lo fisica e psiquicamente; conhece-lo desde que nasce e aplicar-lhe os metodos que o possam conduzir á saude fisica e psiquica, á relativa normalidade.

Se a industria, a economia e a medicina podem encarregar-se do corpo, quem se encarregará da saude da alma, desde o berço?

Quem esteja apto a conhecer a alma infantil, para guia-la educa-la, dirigindo-lhe os impulsos selvagens para uma sublimação util á cultura humana.

Só estará apto a educar quem conhecer os intricados choques de fenomenos que derivam do inconciente infantil; e, no estado atual da Ciencia, só a Psicanálise pode munir o educador dos elementos proprios á sua tarefa.

Não. A nossa Ciencia não é ilusão — repitamos com o mestre. Que a religião cumpra o seu papel — nem creio que a alma humana dispense nunca o seu deus — mas que a Ciencia, por seu lado, trabalhe pela redenção do homem.

Já alhures tivemos ocasião de citar um grande dicipulo de FREUD — TH. REIK (*Dogma und Zwang-*

sidee) que pensa vir um dia o tabú cientifico ou social substituir o tabú religioso, acaso desaparecido.

Que não seja para nós a Ciencia um tabú; mas uma convicção serena, tolerante e meditada, conforme convém á dignidade humana.

15-7-928.

DA CONJUGAÇÃO DOS SIMBOLOS

I — ANALISE DOS SIMBOLOS

Em meu trabalho *Aspectos Clinicos de Psicanálise*, lido perante a Sociedade Brasileira de Neurologia Psiquiatria e Medicina Legal, em fins de 1925 (*) referi um sonho de uma doente histerica, da seguinte maneira:

"Estava eu no jardim e tinha feito uns buracos para semear cebolas de angelica. Entrei momentaneamente em casa e quando voltei ao jardim, encontrei X. que tinha posto nos buracos uns sapos pretos. Falei, censurei-lhe o procedimento; ele ria-se, satisfeito e eu chorei amargamente."

Em 1926, em outro trabalho intitulado *A Psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental,* analisei rapidamente outro sonho de histerica, como se segue:

"Eu estava em Portugal, perto de papai... e de mamãe; e eu botava agua nas batatas; depois, tinha uma cebola muito bonita e eu botava agua na cebola. Meu pai não queria que eu voltasse. Eu estava escre-

---

(*) Transcrito neste volume.

vendo á minha patrôa e arrependi-me. E papai chorava. Eu corria atrás do trem e papai corria atrás de mim... e mamãe — os dois. No sonho da cebola — eram muitas cebolas, eu tirei uma, pensando que era de papai e era de uma vizinha. Ela reclamou, dizendo que o terreno era dela e a cebola tambem. Então, apareceram uns sapos saltando para cima de mim. A vizinha é uma amiga de mamãe, muito parecida com mamãe."

No ano transato tive ocasião de obter de outra histerica a seguinte associação livre: "Quando eu era menina, havia um sapo, no banheiro da nossa casa. Uma vez, espreitando por uma fresta, vi meu pai tomando banho e fiquei espantada e envergonhada, por te-lo visto assim descomposto. (*Silencio*). Agora estou lembrando-me de meu priminho F., com quem brincava. Punhamos numa lata uns dentes de alho e sacudiamos, fazendo barulho. Ele era muito levado. Um dia, urinou para cima e molhou-me."

Já no trabalho de 1926 havia eu notado a coincidencia dos dous primeiros sonhos: em ambos, após a imagem cebola (*Angelica archangelica,* no primeiro, *Allium cepa,* no segundo) ocorreu a imagem sapo. Agora, a terceira doente associa conjuntamente "sapo" e "cebola", ou seja, "dentes de alho" (*Allium sativum*).

As duas primeiras doentes eram moças solteiras, uma de 20, outra de 18 anos de idade; a ultima é uma senhora casada, de trinta e muitos anos.

Daquelas, dizia eu em 1926 que parecia terem sim-

bolizado na cebola o orgão sexual do homem desejado e no sapo o do homem temido ou repulsivo.

Agora, revendo o protocolo daquelas duas primeiras, já me parece que os dous simbolos têm significação mais profunda.

Com efeito, a primeira era um caso de tetania histerica; forte complexo de Edipo (*) com intenso conflito motivado pelo concubinato do pai que chegava a residir, propriamente, fóra da familia, sem motivo honestamente justificavel. Ainda pelo protocolo dessa doente, se nota a angustia infantil ante a aparição de um jacaré, angustia que não pode deixar de estar ligada a um complexo de castração e á consequente manifestação feminina deste — a inveja do penis. Foi evidentemente esse complexo o determinante da monoplegia e depois hemiplegia histerica, com convulsões tonicas e contratura, á tentativa de tocar os membros afetados.

A segunda apresentava ataques convulsivos, durante algum tempo tomados como epilepticos e no periodo de transferencia demonstrava anseios de ser "apalpada" pelo analista, até realizar uma transferencia negativa, com que abandonou o tratamento. Nessa doente, o impulso masochista ficou bem patente em varios sonhos, por exemplo:

— O pai corria-lhe atrás e batia-lhe. (A flagela-

(*) FREUD repudia a denominação "complexo de Electra", que, a seu ver, não representa progresso nem vantagem. (*Ueber die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualitaet* — Ges. Schr., Vol. V).

ção assumiu, em varios sonhos dessa doente, o simbolo acentuado da copula).

— Uns rapazes a perseguiam e a feriam á faca, nas coxas.

Tambem, para esta, os sapos tomavam aspecto agressivo: perseguiam-na, depois que ela entregava á mãe a cebola que arrancara.

Ficou bem provado, pelas associações de idéas, o simbolo falico da cebola; e o arrancamento desta, classicamente associado á masturbação, nos traz á mente a lenda das cebolas do Egito, tidas como funestas e a historia de *Dictys,* sacerdote de Isis, que se afogou no Nilo por ter arrancado uma cebola.

E', ademais, a cebola simbolo classico de fecundidade; está ligada, ainda, como simbolo, aos cultos lunares, talvez pela fórma do corte dos bolbilhos.

Não tenho a menor duvida, pois que, nesta doente, como na primeira, a cebola, com representar os orgãos sexuais paternos (a cebola seria, presumidamente do pai no sonho), representa igualmente, como na primeira doente, o penis ideal, isto é, o penis que a criança feminina sonha poder crescer-lhe um dia, na idade adulta, como crescem os seios da mulher.

Uma diferença existe, apenas, entre os dous casos; a primeira *plantava* a cebola; a segunda arrancava-a. Realmente, a primeira levara o seu complexo de Edipo a ponto de identificar-se com o pai; confrontem-se as tendencias homossexuais dessa doente e a maneira como se fez a conversão, na sua histeria: por paralisia, como em puro complexo de castração, com-

plexo mais acentuado no sexo masculino. Já na segunda, a passividade, a tendencia masochistica era mais sensivel. Enquanto *regava* as cebolas (simbolo de micção, isto é, enquanto punha os orgãos sexuais em contacto com as cebolas) encontra uma maior e arranca-a para si. Realmente, essa doente se onanizava; e a conversão da sua histeria tomava a forma de convulsões comparaveis aos espasmos do orgasmo venéreo.

O autoerotismo era patente em ambas; em ambas, acentuado o narcisismo; em ambas, o anseio por ter a atividade masculina, regressão á fase sexual clitoridiana, em virtude do profundo recalcamento da libido voltada para a *imago* paterna.

Daí o desejo, transmudado em representação onirica, de possuir um *phallus,* representado em ambos os casos pelo simbolo cebola.

Com a terceira doente, o caso é, porém, algo diverso. Para esta, os orgãos sexuais do pai, alvo principal da sua *libido* infantil, estavam associados ao sapo visto no banheiro; o simbolo bulbaceo (dentes de alho) trouxera-lhe a idéa associada do pequeno penis do priminho, seu companheiro de brincos infantis; os orgãos do pai e o sapo associado foram visto sob o chuveiro do banho; os do priminho, mais a idéa do bolbo de alho ocorrem juntos á micção do pequeno companheiro, caindo-lhe a urina em chuva, sobre o corpo. Ha aí duas cadeias de idéas bem paralelas.

Mas este é um pouco diverso dos outros dous casos. Nos dous primeiros, o simbolo cebola estava ligado aos orgãos paternos; aqui, é o simbolo sapo que o está.

E o primeiro desses simbolos está associado ao penis infantil do companheiro.

E' que: primeiro, a fixação clitoridiana da terceira doente era evidentemente mais forte; em segundo logar, fôra, naturalmente, a imagem visual do penis infantil a principal determinante dessa fixação e entrara como forte componente da imagem do penis ideal, para essa doente; em terceiro logar, esta lograra, o que não sucedera com as demais, ver os orgãos genitais paternos; e assim tivera a idéa exata do seu aspecto nada belo, que, por semelhança e coexistencia no local, lhe trouxeram á mente a imagem sapo.

Em suma, tratava-se de mulher experimentada no coito e o seu ideal penis feminino ficara reduzido ás proporções minimas de um clitoris; ademais, o dente de alho lembra mais este orgão ou um penis infantil do que um *phallus* de adulto.

Quanto á imagem sapo, a despeito da opinião de STEKEL, que o liga ao simbolo de orgãos femininos (a rã seria simbolo masculino), tem, nos tres casos, significação evidentemente masculina. Confronte-se, no primeiro caso, a associação da imagem do negro, que *depuzera* os sapos, nos buracos do jardim; no segundo caso, a atitude agressiva dos sapos, que perseguiam a rapariga, tal como, noutro sonho, a perseguiam os rapazes, que a feriram á faca "nas coxas" e tal como, na realidade, segundo as suas recordações, nas festas da vindima, ainda os jovens corriam atrás das moçoilas, para derruba-las... Ainda, no terceiro caso, as

duas imagens, a do sapo do banheiro e a do pai desnudo, apareceram uma após a outra.

A diferença está em que só neste ultimo caso a imagem "sapo" se associa aos orgãos paternos, isto é, aos que primeiro foram desejados. Desta sorte, para a terceira doente, a já trintona e experiente, os orgãos paternos envolviam idéa de repulsa, enquanto para as outras, incluiam idéa de pureza. Qual o motivo dessa diversidade?

A idéa de pureza, nos dous primeiros casos, deriva de um mixto de associações: da ignorancia infantil em materia sexual, que faz com que as crianças deduzam, induzam, concluam, quasi adivinhem os varios conceitos sexuais, mas o façam sempre de mistura com os conceitos falsos sobre a castidade nas relações matrimoniais. Assim, se os impulsos inconcientes, herdados, na sua mór parte, levam a criança a simbolizar orgãos masculinos e femininos, esses simbolos revestem sempre um aspecto de inocencia e, nos casos em apreço, envolvem ainda a fertil fantasia infantil sobre os misterios da fecundação. Note-se que os simbolos apresentados giram em torno de um comestivel (a cebola), embora no caso da angelica isso se apresente indiretamente: "cebola de angelica", dizia a doente. Ora, a fecundação pela boca é uma das fantasias infantís mais comuns, (1) e até mesmo na mitologia (2)

---

(1) FREUD — *Ueber infantile Sexualtheorien* — Ges. Schrifteu — Vol. V.

(2) RANK — *Psychoanalytische Beitraege z. Mythenforschung* — Int. Psychoanalytischer Verlag — 1922, 2.ª edição.

e no delirio dos parafrenicos se podem encontrar exemplos disso. Esse simbolo reveste, pois, um aspecto de conceito honesto das relações sexuais; e é natural que possa exprimir o impulso da filha para o pai.

Mas, porque não o exprimiu assim a terceira doente, ao simbolizar os orgãos paternos, mas apenas para associar o simbolo aos orgãos infantís do priminho?

Em primeiro logar, trata-se, neste caso, de mulher experta nas pugnas do sexo; aquele conceito honesto já lhe fora varrido, em parte, pela experiencia; em segundo logar, o seu complexo de Edipo fôra estranhamente chocado pelo comportamento do pai para com ela, pois embora velho, contraira novas nupcias e se afastara da antiga familia; em terceiro logar, o esposo, mais jovem, substituira, em grande parte, o alvo paterno, quer sob o aspecto de amor-objeto, quer sob o de amor-arrimo. O pai pela velhice e pelo seu singular afastamento, como ainda pela experiencia sexual da filha, já não era para esta o objeto almejado, antes o repudiado.

Por esse motivo, fixada que fôra, desde a puberdade, a libido na zona do clitoris, pelo recalcamento do complexo de Edipo e pelo conflito de um defloramento precoce, violento e desagradavel, refugiou-se a doente na neurose, já tendo criado o seu ideal de penis de acôrdo com o objeto infantil presenciado nos brinquedos com o primo. Note-se, de passagem, como aquela chuva de urina nos aproxima da chuva de ouro de Danae e acrescente-se que era essa uma das fantasias infantís da doente, quanto á fecundação.

Do exposto, se pode concluir: que, nos tres casos, cebola e sapo representam simbolos de orgão masculino; que a cebola representa, mais propriamente, um simbolo clitoridiano, ou, ainda melhor, o penis ideal feminino; que a cebola representa ideais de pureza, no amplexo sexual, de fecundação *honesta* pela boca; sendo ainda de notar, nos casos segundo e terceiro, a coexistencia da fantasia infantil da fecundação pela urina; que ao simbolo do sapo estão ligadas as idéas de repugnancia, de imprestabilidade para o ato, de agressão, enquanto que ao simbolo da cebola, no segundo caso, se associa a idéa de masturbação, que talvez não seja estranha ao terceiro caso (dentes de alho agitados dentro de uma lata).

II — A CONJUGAÇÃO DOS SIMBOLOS

Mais interessante, porém, é a coincidencia de, em tres doentes diversas, apareceram os dous simbolos conjugados, um apresentado em seguida ao outro, já em sonho (nos dous primeiros casos), já em associação livre. Tal fato nunca o vimos referido na literatura psicanalitica e essa é a razão da presente dissertação.

A explicação desse fato parece residir no conhecido fenomeno da ambivalencia, entrevisto por BLEULER (1) e extraordinariamente desenvolvido pelo grande mestre FREUD (2) e sua escola.

---

(1) BLEULER — *Die Dementia Praecox oder Gruppe der Schizophrenien* — Trat. de Aschaffenburg.

(2) FREUD — *Drei Abhandl. z. Sexualtheorie* e *Totem u. Tabú* — Ges. Schriften, vols. V e X.

Com efeito, os dous simbolos revestem os traços caracteristicos das duas feições do impulso libidinal: de um lado, atração puramente amorosa (a cebola branca, de foliolos delgados, a angelica arcangelica, o delicado alho, todos de cheiro ativo, penetrante, todos significando a fecundidade, o que se planta nas covas do jardim ou da horta); de outro lado, o impulso sadico, representado pelo sapo, tambem emblema de fecundidade, mas agressivo, repugnante, presumidamente peçonhento, da peçonha que o batraquio ejacula (o povo crê que o sapo urine nos olhos da gente, fazendo-os cegar). (1)

Ao desagrado causado pela agressão sexual, a mulher busca contravir pelas idéas de pureza bebidas na infancia e segundo as quais construiu o seu anelo de penis ideal. E' compreensivel, pois, que, após o desejo dirigido para o pai (desejo, ademais, censurado pela moral), busque cumprir o amor ás avessas, realizando em si propria o orgão ativo, masculino, mas sob a fórma de pureza, de inocencia.

Essa bissexualidade das histericas já fôra descrita por FREUD, que lhe dedicou, pelo menos, dous trabalhos; e nas nossas tres doentes ela é patente. A primeira, conforme acima foi referido, extremamente ligada a uma amiga da infancia, conseguiu realizar um verdadeiro complexo de castração, mais proprio do sexo masculino e fundado, principalmente, no trau-

---

(1) A's crianças que urinam no leito, ameaçam as amas com o aparecimento de um sapo (ameaça de castração).

ma emotivo do aparecimento de um jacaré; a segunda, em varios sonhos, demonstrara tendencia homossexual (cf., no trabalho citado, o sonho da prima núa, por exemplo); a terceira, de forte erotismo clitoridiano, tinha, na vida, uma atitude masculina evidente e constituia verdadeiro atrativo para um circulo de relações masculinas, mas nada virís.

No declinio do complexo de Edipo, ao construirem, dificilmente, o Super-Ego, não puderam deixar as tres de tomar um pouco da imagem paterna, para a elaboração do seu Ideal do Eu. Daí, a imagem ambigua, macho e femea, da cebola; e daí, talvez, aparecer sob a fórma de simbolo masculino, o sapo, que, ordinariamente, representa orgãos femininos.

E' natural, portanto, que essas personalidades bissexuais associem, singularmente, os dous simbolos, um agressivo, mas pouco masculino, outro masculino, mas pouco agressivo.

Conjugam, desta sorte, amor e odio, prazer e desgosto, atração e repulsa; e, renunciando ao objeto paterno, acariciam, narcisicamente, a imagem ideal, clitoridiana, do *phallus* feminino.

Os dous simbolos se compensam; é plausivel que se conjuguem. Mas por que se conjugaram exatamente esses dous simbolos? Por que, em tres doentes diversas em condição social, diferentes em idade, sem probabilidade de se haverem conhecido ou de haverem tido educação semelhante, por que os mesmos impulsos revestiram a fórma dos mesmos simbolos, quando outras fórmas haveria de simbolizar aqueles sentimentos?

De certo, a mente humana não possue tão grande numero de elementos formadores de idéas, como se pode, a principio, julgar; mas, de qualquer maneira, parece-me singular a coincidencia de aparecerem tres vezes, lado a lado, aqueles simbolos.

Seria recomendavel a pesquiza de casos semelhantes; e nessa pesquiza prosseguirei.

1.º de outubro de 1928.

LEITURA PARA CRIANÇAS

Tése apresentada á 2.ª Conferencia Nacional de Educação, em Belo Horizonte, em Novembro de 1928

I — O VALOR DA REPRESENTAÇÃO VERBAL.

Comparando o valor das representações visuais e o das representações acusticas, FREUD, no seu livro *Das Ich und das Es*, demonstra o valor predominante destas ultimas, para a formação de imagens.

Com efeito, se as sensações visuais nos dão melhor noção de côr e secundariamente, de fórma e movimento (estas á custa das associações derivadas do tato e da barestesia), as sensações acusticas, principalmente sob a fórma de palavra articulada, são capazes de criar representações derivadas de todos os sentidos, além das representações acusticas primarias e dos complexos conceitos morais, mais ou menos inacessiveis a outras fórmas de sensações.

Imagine-se o metodo de COMENIUS sem o texto das gravuras ou as modernas fitas cinematograficas,

subtraindo-se-lhes as palavras que as acompanham; quão dificil seria apanhar-lhes o conceito!

A linguagem falada, toda ela feita de representações acusticas, é a que mais diretamente gera imagens e as evoca. A linguagem escrita, com participar de representações visuais, utiliza-as, porém, automaticamente, apenas como meio de evocar as representaçõs acusticas da linguagm falada; sem a precedencia destas, de nada valeriam os caracteres graficos.

A unica exeção, a do ensino dos surdos-mudos demonstra, ainda assim, pelo precario dos resultados, a imprescindibilidade das representações acusticas; ademais, não é de excluir-se, em tais casos, a suplencia de outros sentidos (colaboração de vista e tato) para criar uma imagem proxima da representação auditiva.

E' pelas representações auditivas que a criança adquire as noções necessarias á vida em coletividade; é ainda pelas representações auditivas colhidas na leitura que ela completa a instrução. Mas estas ultimas são menos diretas do que as da linguagem oral; exigem um conjunto de associações visuais, a precederem a formação da idéa util; requerem, pois, maior dispendio de energia psiquica e conduzem a resultado menos proveitoso.

Em suma, a palavra falada tem recursos que se não encontram, isolados, nas varias fórmas de sensações não-acusticas. As sensações visuais, olfativas, tateis, gustativas, etc., são adjuvantes das sensações acusticas, para a formação de imagens. Só estas ultimas, sob a fórma de palavra articulada, podem es-

tabelecer as relações entre as varias sensações e dar a noção exata das cousas e dos fenomenos.

Não obstante, não são para desprezar, tendo em vista as necessidades do conhecimento, as representações derivadas de outros sentidos; e por isso, a cooperação da experiencia destes é indispensavel, para melhor compreensão das representações verbais.

II — FORMAÇÃO SEXUAL DA CRIANÇA.

A experiencia da psicanálise demonstra a existencia de uma sexualidade infantil, esparsa, a principio, nebulosa, hesitante entre varias localizações somaticas, até que assenta, para a puberdade, nos orgãos reprodutores.

Os impulsos herdados levam a criança a buscar um prazer vago, indefinido, no ato da sucção, como no da defecação e ainda no atrito da propria superficie cutanea, ou na apreciação de aspectos mais ou menos eroticos do meio ambiente.

a) Complexo de Edipo.

O apego ao genitor de contrario sexo, que se traduz visivelmente nas atitudes amorosas e nos carinhos — em nada fundamentalmente diversos dos carinhos e atitudes que precedem o ato reprodutor — constitue o conhecido complexo de Edipo, cujo conceito é mal compreendido apenas por aqueles que não sabem dissociar sexualidade de imoralidade.

Contra esses impulsos em germe contravém a sociedade, cuja organização é contraria á libertação bruta, natural, da libido. A organização da familia, baseada sobre tabús milenares e fruto originario da superioridade fisica do pai, traz aos impulsos infantís uma série de limitações que a criança, ferida no seu egoismo normal, não compreende e interpreta de varias maneiras, ao sabor das suas fantasias.

O principal desses tabús é o que se refere á proibição do incesto, derivada do exclusivo direito do chefe do clan sobre as mulheres; sabe-se que, por analogia com o que se passa com os rebanhos selvagens e com os bandos de simios observados por DARWIN e ATKINSON, o filho masculino pubere fôra expulso do clan pela autoridade paterna, o que dera logar á vindita posterior pelo parricidio.

Na familia contemporanea, não só por meio de atos, mas tambem por palavras, que geram as já referidas representações verbais, esse tabú se reforça, se fixa cada vez mais na mente infantil. A preferencia de que goza o pai, nos carinhos maternos, o seu privilegio de partilhar o leito da esposa, de poder ve-la em trajes menores, de conversar com ela sobre assuntos secretos — que tais são os principais aspectos sob que aparece aos olhos da criança a figura paterna — eis o bastante para gerar um sentimento de desgosto, uma indefinida angustia na mente infantil.

O anseio de volta ao regaço materno, inerente a todos os homens, fica assim vedado á criança, que não concebe a razão porque a obrigam a refrear impulsos

naturais, selvagens. Deriva, então, ela em fantasias sobre todas as cousas de que lhe fazem misterios: a origem das crianças, a situação de inferioridade destas, em relação aos adultos, a constituição da familia, com a autoridade parental, etc.

As lendas do nascimento, que incluem farta messe de simbolos sexuais, comprovados pela experiencia psicanalitica, encontram na mente infantil uma atitude incredula; e quando a satisfazem, é isso á custa de associações de idéas que a conduzem inconcientemente á tradução dos simbolos empregados.

Satisfazem-se, assim, as crianças com os contos da carochinha, que por sua vez encerram em simbolos as representações de todos aqueles misterios. Esses contos vêm, por vezes, entre as idéas associadas, no tratamento psicanalitico; e é interessante ver como o analisado associa á representação paterna as figuras do ogre, do gigante, do lobo, do papão, do bicho, do velho que rouba meninos, tão frequentes todos nos contos e abusões com que se mal-educam as crianças.

Assim, as fadas representam, segundo o mesmo metodo, a figura materna, providencial, que salva a vitima das garras do gigante, do genio mau, do ogre devorador... Assim a bruxa, a velha de má-catadura vem muita vez associada á imagem rival materna, para as analisadas femininas. Quizeramos pudesse a ética medica consentir-nos a revelação do protocolo de um dos nossos casos, com as ricas associações sobre a conhecida historia de João e Maria, a saber, o incesto

fraterno, o simbolo falico do dedinho, o simbolo uterino do forno, etc.

De egual maneira, outros contos infantís têm sido analisados, não á custa de hipoteses aleatorias, como crêem muitos, mas por meio de experiencias cuidadosas. Assim, no Chapelinho Vermelho, cujo nome, já por si é simbolico, vemos reproduzida uma das fantasias infantís do parto, na laparatomia abreviada, praticada no lobo pelo caçador, que retira a menina, viva e sã, ao ventre da fera.

A Gata Borralheira informa-nos sobre a situação psicológica dos enteados para com a madrasta, assunto sobre que possuimos interessantes observações psicanaliticas; vê-se ali retratado o aspecto feminino do complexo de Edipo, quanto á atitude de rivalidade da esposa paterna e a renuncia ao pai, como objeto, trocado pelo simbolo ideal, sublimado, do principe.

Esse principe Encantado, que vamos encontrar em grande numero de lendas infantís, especie de Messias salvador da situação domestica da criança, é, ademais, a fórma definitiva que toma, na mente feminina, a representação do esposo, talhada primitivamente á imagem do pai.

Assim tambem as imagens parentais se reproduzem nos contos sob a fórma de rei e rainha, por menos republicano que isso pareça a quem examine o assunto superficialmente. Tambem, em muitos dos nossos doentes, o Presidente da Republica, aparecido em sonhos, tem sido associado, no decurso da analise, á figura paterna.

Todos esses contos e outros muitos estudados pelos mestres da psicanalise, não sómente são frutos dos *reliquats* de recordações infantís dos seus autores, mas ainda reforçam na mente das crianças a fantasia com que estas buscam suprir a propria ignorancia e o misterio de que se encobre o fundamento sexual da familia.

b) Complexo de Castração.

Longo seria explanar aqui a origem do complexo de castração e a sua ligação com o complexo de Edipo, conforme fizemos em outros trabalhos e é facil encontrar nos classicos da psicanálise.

Basta referir que a criança associa intimamente as duas representações "castração" e "punição"; que as ameaças graciosas ou não de mutila-la são relativamente comuns, no seio da familia e reforçam na mente infantil esse temor angustioso; que a falta de explicação da diferença dos sexos leva muita vez a criança a conceber uma castração de individuos femininos, ainda quando algum adulto não lhe haja mesmo insinuado tal idéa.

O horror de certas crianças a deixar que lhes cortem as unhas tem muita vez essa origem, por idéa associada. Os contos infantís reforçam essa idéa, como na historia do João Felpudo, na do Chucha-Dedo, a quem o alfaiate, com enorme tesoura, veio mutilar; assim tambem, na historia da casa mal-assombrada, de cujo teto caiam membros decepados, ou ainda na

lenda indigena do sací-pererê, espirito infantil, pequenino e travesso, com um membro cortado.

As operações domesticas, como castrar porcos, decapitar galinhas, temo-las encontrado na origem do complexo de castração, em varios doentes. E o impulso de vingança contra o autoritarismo paterno translada-se, simbolicamente, nas cabeças de gigantes que rolam, decepadas, nos contos maravilhosos. Mais significativa é a lenda de Urano, emasculado pelo filho Chronos, mito de analoga interpretação.

Compreende-se, pelos exemplos levemente esboçados, quanta impressão fixam no inconciente infantil as lendas, mitos e contos de fadas, tanto mais quanto, originados todos na fantasia das primeiras idades do individuo, vão encontrar concepções identicas formadas pela criança ou mesmo preparadas pela herança dos impulsos.

Por que reforçar ainda mais essas fantasias, por meio de representações verbais, isto é, da maneira mais proxima do ato, gerando muitas vezes, no Id infantil, representações tão fortes, que se transmudam, mais tarde, em falsas reminicencias, em "reminicencias de cobertura", segundo a nomenclatura psicanalitica?

Quão mais util fôra ensinar verdades ás crianças, não só as que constituem a boa educação sexual, mas tambem a noticia sincera sobre todas as cousas que a cercam, as noções de agricultura, de industria, de economia, de geografia que, devidamente transmitidas e devidamente dosadas, tanto prenderiam a atenção da criança!

III — IMPRESSÕES DE LEITURA INFANTIL

De um dos nossos analisados, individuo que se pode considerar normal, colhemos a observação seguinte:

— O mar, dizia ele, sempre me causa extraordinarias emoções; não tanto o mar largo ou a onda quebrando na areia, como, principalmente, a vaga escachoante em penedos e recifes. O ruido do escarcéo dá-me por vezes sensações de bem-estar; e, não sei porque, associo-lhe sempre uma idéa de amor, de aconchego, uma indecisa imagem de conforto e felicidade conjugal. Quadros em que haja vagas e rochedos, o aspecto das fragas de Icaraí, por exemplo, a leitura de certas passagens da Odissea — Scylla e Charybdis, as Simplégades — tudo isso me enternece, por vezes, até ás lagrimas.

Ora, as associações de idéas levaram o nosso analisado ás recordações seguintes: filho de familia numerosa, sua mãe não era dona de casa, mas sim era-o a sogra desta; só nos veraneios, á beira-mar, quando os pais moravam sósinhos, com os filhos, é que a criança compreendia bem a imagem materna, como senhora e esposa; pois, na casa grande, entre a multidão da enorme familia, essa imagem se diluia e confundia com as das outras mulheres. Assim, só em frente ao mar a mãe daquela criança era verdadeiramente mãe, isto é, a unica mulher que lhe estava ao pé e lhe dava carinhos. Essa situação, varias vezes reproduzida, acentuou-se ainda em certa época, em que os pais foram

morar, com aquele filho apenas, numa antiga fortaleza, construida sobre recifes, onde o mar batia violentamente.

Com o veraneio á beira-mar, vieram á tona as representações do banho, na praia, com as mulheres, a mãe inclusive, em trajes relativamente excitantes para o pequeno; e veio tambem, entre as recordações da infancia decorrida em Pernambuco, a imagem do banho de mar sobre os recifes, com o oceano em furia a bater a pedra.

Eram recordações fragmentares, todas ligadas por traços comuns, todas envolvendo o complexo de Edipo. Mas, havia mais: anteriormente, aos seis anos, quando já sabia ler, recebera essa criança um grande livro de folhas douradas, romance infantil cujas cenas se passavam na Bretanha, á beira dos penhascos.

Desse livro, lido com amor, haviam ficado as recordações seguintes: gravuras de parceis e de aves marinhas; retratos feios de pescadores; um barco a seco, na praia; a figura delgada de uma moça, de vestidos de rendas colhido em pregas á cintura, cabelos arrepanhados ao alto da cabeça — quão parecida, aos olhos da criança, com a imagem maternal! e as narrações: um protagonista menino, cujo nome lembrava o do analisado e que — com grande desgosto deste — não se casava com aquela moça; um rapaz que se mete num barco, para salva-la nuns penhascos, em meio ao temporal — ele o faria, o nosso analisado; a mulher de um pescador que se perdera no mar; essa mulher, que ensandecera, ia, todas as tardes, percrutar o hori-

zonte, á cata do barco que não voltava; mas, cousa singular, o pequeno leitor, relendo sempre a historia, não se condoia daquela esposa, que perdera o marido; e vinha-lhe á idéa que o protagonista-criança devera leva-la para sua casa!

E aí está como um homem maduro retém das leituras da infancia uma série de emoções, que compendiam todas as que, mais tarde, o veraneio dos pais á beira do oceano viera reforçar. Ninguem se admirará que esse homem exerça a sua profissão no mar...

Outra analisada, para quem o casamento fôra verdadeira tortura, referia o horror pelos homens barbados. Barba não tinha o marido, não a tinha o pai. A esse horror juntava ela a profunda emoção que lhe causava um guarda-vestidos aberto, com as roupas femininas penduradas. A associação de idéas levou-a á recordação de um livro de contos infantís, onde lera ela a historia de Barba-Azul; e estremecia ao lembrar a cena da porta entreaberta, a mostrar, dependuradas, no quarto sinistro, as mulheres sacrificadas.

As leituras biblicas incluidas num livro infantil geraram em certo caso da nossa clinica um exagero de emotividade, ante quaisquer imagens ou quadros que reproduzissem Cristo crucificado. "Em criança, dizia o nosso cliente, não me comoviam os crucifixos; lembra-me, porém, que lia chorando, os martirios de Nosso Senhor; e que muita nota má obtive, contra o que me era habitual, quando era esse o tema da aula. Hoje, habituei-me ás narrações da Paixão, mas vêm-

me lagrimas aos olhos, se vejo a imagem do Senhor Crucificado."

Quando eramos pequeno, tinhamos para leitura um livro de Henri Fabre, traduzido para o português. Uma das historias desse livro se referia ao envenenamento casual de uma criança por frutos de beladona; o livro descrevia pateticamente a morte da criança, ou, pelo menos, tal descrição comoveu a classe. Lembra-me ainda muito bem do coleguinha que primeiro leu o trecho, na aula; lia com bastante sentimento... mas não terminou a leitura, porque prorrompeu em prantos. E' hoje psiquiatra distinto, dedicado, principalmente, ao estudo das intoxicações habituais... Terá, acaso, concorrido para isso a tragedia da beladona?

Num dos nossos livros de leitura — oh terriveis tempos da velha pedagogia! — havia uma lenda arabe, que figurava o demonio a aparecer a um rapazinho e a impor-lhe, sob pena de carrega-lo consigo, este terrivel dilema: bate em tua irmã, mata teu pai ou entrega-te ao vicio da embriaguez; o rapazinho escolhera esta ultima hipotese e, embriagado, realizara as duas outras.

Não discutimos a monstruosidade pedagogica que aquilo representava. Apenas confessamos que, ao escrever estas linhas, nos volta, com toda a emoção da infancia, o horrivel sentimento de injustiça que se continha na historia macabra. Em a nossa mente infantil, o conto não teve o prestigio de gravar os perigos do alcool, mas apenas o de mostrar a possibilidade de ser uma criança, sem razões explicitas, vitima de um

assalto inopinado á sua tranquilidade d'alma. Pois então, aquele moço, tão bom que não quizera nem mesmo bater na irmã, podia ver-se, de um instante para outro, violentado nas suas boas intenções, por uma aparição demoníaca? E escrevendo estas linhas, a emoção nos volta, por inteiro...

Assim, as representações verbais das leituras infantís cavam fundo no inconciente da criança e despertam-lhe, na idade adulta, emoções semelhantes.

Não demonstra isso que é preciso não dar azas á fantasia infantil, que já as tem fortes e, em vez disso, pôr desde cedo a criança em contacto com as experiencias uteis á vida e reforça-las por meio da leitura sobre essas mesmas experiencias?

IV — SUGESTÃO POSITIVA E SUGESTÃO NEGATIVA.

A palavra do mestre e a letra de fôrma têm, na idade escolar, valor de axioma. As sensações acusticas, diretas ou grafadas, que vão produzir representações verbais, gravam-se na memoria infantil como verdadeiros dados de experiencia.

Mas essas representações são conservadas sob a forma de imagens; da frase, o que se colhe são as varias imagens, que correspondem geralmente a formas substantivas. "Não beber" deixa estas imagens: bebida, copo, garrafa... "Evitar o fogo" traz estas imagens: fogo, clarão, cousa queimada...

A palavra do mestre e o livro agem como verda-

deira sugestão; o seu residuo de imagens pouco guarda da fórma de ação com que foram apresentados os conceitos. Daquela lenda árabe, cujo autor quiz produzir um efeito de horror ao alcool, a minha mente infantil guardou ainda estas imagens: o bêbedo, o parricida, o irmão que bate na irmã; e confesso, em criança, veio-me um vago desejo de verificar se o homem bêbedo seria capaz de cometer aqueles crims, isto é, o anseio vago de reproduzir o que fizera o rapazinho; é bem de ver que a educação não me permitiria, nem mesmo aos sete anos, a coragem de meditar longo tempo sobre essa monstruosidade: o Super-Ego em formação logo acudiu, com aquele "sentimento de injustiça" referido mais acima.

Esse conto de mau gosto é um exemplo de sugestão negativa; não sabemos se essa sugestão, em outros pequenos leitores, teria tido o resultado de leva-los ao alcoolismo e ao crime.

A sugestão do mestre e do livro de leitura deve ser positiva. E' mau dizer-se: não faças isto. E' melhor dizer: faze aquilo. No primeiro caso, grava-se a imagem *isto* e o *não faças* é esquecido; no segundo caso, grava-se o *aquilo*; a propria imagem da ação é gravada tal qual, sem as negativas; *não faças* ou *faze* gravam a imagem da ação de *fazer* e nada mais.

A experiencia psicanalitica nos demonstra que, no decorrer das associações ideativas, muita vez as imagens se apresentam sob a fórma negativa; mas, não obstante, acompanhando-se a sucessão da cadeia de imagens, se verifica que aquela, mesmo negativa, é um

élo necessario á associação. Não é raro que, ao repetir esta, o analisado se corrija, apresentando, desta vez a imagem positiva.

E' o que se passa no exemplo seguinte, de um dos nossos casos clinicos: "Sonhei que estava na praia, em companhia de uma mulher, mas esta *não* estava *núa*; estava vestida." Convidado a associar idéas sobre a imagem *mulher*, diz o analisado: "A mulher... talvez estivesse vestida de roupa de banho..." Dada a "roupa de banho" como palavra-estimulo: "Não me lembra como fosse a roupa de banho... Não; a mulher estava despida."

Assim, neste exemplo, a idéa de nudez fôra realmente representada no conciente e tinha toda a importancia, para a sequencia da associação, embora houvesse sido exposta sob a fórma negativa.

A sugestão, agindo em sentido inverso, grava, assim a imagem simples, não a sua negação; e sugerir ao aluno que *não faça ruido* vale tanto quanto induzi-lo a *fazer ruido*. Mais vale dizer-lhe que *fique quieto*.

V — A CRIANÇA E O HOMEM.

A criança equivale ao homem, quanto aos elementos psíquicos que geram a iniciativa: num e noutro são iguaes os tramites da percepção, da memoria, da atenção, do raciocinio.

Mas, para a criança, ha uma série de restrições, no utilizar esses elementos. Em primeiro logar, ha o ineditismo dos fatos. Pela falta de experiencia, tudo

lhe é novo e insólito; donde, o maior ensejo para as emoções, na infancia. Qualquer adulto será incapaz de guardar detalhes da vespera que são reproduzidos, entretanto, pelos filhos; e em nosso *stock* de recordações infantís, ha verdadeiros nonadas que não nos impressionariam hoje.

Essa falta de experiencia, que gera maior aptidão para as emoções, requer, necessariamente, que se prodigalize á criança, cuidadosamente, evitando emociona-la, maior soma de demonstrações e de explicações uteis. Em vez de reforçar perigosamente a fantasia infantil, devemos mostrar a verdade e falar a verdade.

A leitura baseada sobre demonstrações prévias aviva as imagens gravadas por essas demonstrações, tal como a leitura de contos de fadas revigora o maléfico devaneio da criança.

Outra restrição de capacidade na infancia é o seu pequeno desenvolvimento, em relação ao adulto e a sua menor força muscular. A conciencia dessa menor capacidade gera nas crianças um sentimento de inferioridade que muita vez se protrai até á idade adulta.

As historias de anões, entre outros simbolos, encerram a idéa de crianças aptas a todos os misteres e a de adultos com a estatura de crianças; é o anseio de nivelamento, de igualdade, para contravir á inveja ao mais forte.

Contra esse sentimento se deve lutar, pondo a criança, tanto quanto possivel, ao nivel do adulto: dando-lhe educação fisica, iniciando-a na escola do escotismo; transformando-lhe, em parte, os brinquedos em

tarefas, não apenas em passatempos inuteis; tratando-a com a afabilidade, o respeito e a familiaridade com que se tratam adultos e permitindo-lhe tambem a mesma liberdade dos comentarios na conversa, do servir-se á mesa, da escolha da roupa a vestir; dando-lhe a noção de poder bastar-se a si propria; tomando parte os adultos nos folguedos infantís — tudo por fórma a varrer da mente da criança a idéa de que seja impotente para a vida e de que sempre deverá esperar o auxilio de cima, dos maiores, dos poderosos, das forças sobrenaturais, do destino, do ceo.

E' bem de ver, não desconhecemos que a mentalidade da criança não lhe permite, por exemplo, a capacidade de atenção do adulto; que na escolha do trabalho ou do brinquedo que o simule, entra em larga copia o "principio do prazer", que é um dos fulcros da psicanálise. Não ignoramos, porém, que esse mesmo principio rege, no adulto, a escolha da tarefa, como a da diversão. Mas, tendo em vista, justamente, esse principio, poder-se-ia adaptar melhor a vida da criança á vida adulta, com as necessarias restrições, para o fim de evitar á mente infantil aquele sentimento de inferioridade.

O assunto da leitura, de acôrdo com esses preceitos, deve, pois obedecer ao principio do prazer; mas pode-se e deve-se fornecer esse prazer em assunto que se prenda á experiencia de cousas uteis, de cousas que se prendam á vida adulta. A criança se interessará tanto pela apicultura, por exemplo, como pelos bonecos que lhe dão margem ao devaneio. Mas, lendo historias

de bonecos, ficará sempre criança; e, lendo sobre as abelhas e cortiços que viu na vespera, adquirirá a idéa de possuir conhecimentos das profissões do adulto: elevar-se-á á altura do homem.

Terceira restrição á capacidade infantil é o maior egoismo das crianças e o seu menor sentimento de piedade.

Querer contravir a ambos por meio das historias de meninos altruistas ou pelos contos sentimentais é inutil e nocivo. Inutil, por isso que o altruismo e a piedade não são sentimentos naturais do individuo, mas apenas frutos da moral, isto é, concessões necessarias á vida coletiva.

Enquanto a criança não tiver noção de coletividade, de auxilio mutuo, predominarão os impulsos brutos do seu narcisismo.

Para essa noção, é necessario, em primeiro logar, que a criança não seja na familia um ser á parte, meio objeto de luxo e meio escrava. Erguida, tanto quanto possivel, á altura dos adultos, ela se integrará na familia como celula, em vez de ficar como excrecencia.

As coletividades infantís, quando a autoridade do adulto não lhes pesa em cima como deus tonante e vingador, são meio habil de despertar o sentimento de solidariedade.

E' criando o sentido do grupo, que se corrige a criança egoista e impiedosa.

Ademais, a criança ama o grupo, uma vez que sinta a igualdade no seio deste; não é, nisto, diferente do adulto. Na familia, tratada como inferior, sentindo

todos os obices do complexo de Edipo, a sua situação é angustiosa. Tendo de refrear a libido voltada para o objeto materno, é bem de ver que a sua sexualidade regrida um tanto para o narcisismo e se fixe na atitude egoistica.

Por outro lado, ainda proxima da fase anal-sadica, para onde é naturalmente atraida, com a renuncia do objeto edipiano, aplica o sadismo na destruição dos brinquedos e no máo trato aos animais.

E' compreensivel que se sinta atraida pela multidão homossexual ou assexuada, onde a energia se multiparte e perde de muito a sua componente erotica.

Se, mal guiado, o grupo pode dar vasão ao sadismo e produzir rebeliões, devastações, — as grandes travessuras coletivas — já sob a ação de um bom dirigente o espirito de grupo se torna a condição essencial da organização da sociedade. Para esta tem que ser preparada a criança, que será homem um dia; e, incluida num grupo bem formado, o sentimento de piedade se desperta e o egoismo sossobra, para deixar que vença a solidariedade.

O escotismo e as leituras sobre as aventuras realizadas valem mais do que todos os contos sentimentais dos nossos livros.

VI — CONCLUSÕES: O assunto da leitura deve ser:

a) oportuno; dentro de certa medida, pode forçar-se a oportunidade;

b) isento de representações simbolicas das ativi-

dades sexuais; fugindo ao complexo de Edipo e ao de castração; isento de misticismo.

c) isento de conceitos horriveis e aborriveis; isento de sentimentalismo.

d) incrementador da experiencia; leitura sobre demonstrações concretas prévias;

e) incrementador do sentimento de grupo (exemplo: narração de escoteiros); desdobramento: sentimento de Patria, sem jacobinismo, pelo conhecimento geografico e economico, pelo conhecimento da Historia, sem exaltação dos herois; sentimento de pan-americanismo e de humanidade, pelos mesmos processos.

f) incrementador dos verdadeiros sentimentos sexuais; leitura sobre demonstração prévia da fecundação das plantas e da criação de animais; explicação da organização familiar.

g) incrementador das praticas de higiene.

Em resumo: demonstração pratica, prévia; prevenção da emoção; ensino da verdade; incentivo á vida sadia em coletividade; educação sexual. A realização deste programa em livro não cabe nas primeiras classes; escreva o mestre a pagina a ser lida. O livro de leitura virá mais tarde.

A criança que conheça a verdade, por experiencia propria, que não guarde superstições, mas creia, primeiro, nos resultados da sua experiencia, poderá crer mais tarde na experiencia alheia, por dedução logica, não por sugestão de autoridade. Essa criança confiará em si e virá a ser *um homem*.

CONCEITO PSICANALITICO DA PENA

Conferencia realizada na Universidade de Minas Gerais (Belo Horizonte) em novembro de 1928. O mesmo assunto foi tratado em tése do 1.° Congresso Latino Americano de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, de Buenos Aires

I — O CONCEITO JURIDICO DO CRIME.

O conceito juridico do crime oscila, ainda hoje, entre as tres escolas penais — a classica, a positiva, a critica.

Se bem examinarmos as tres, veremos que nada mais encerram, nuclearmente, do que a repetida e sediça questão do livre-arbitrio e do determinismo. Ora, perante os dados experimentais modernos, essa questão gira em plano evidentemente falso; e as duas correntes filosoficas, com pontos de vista diversos, nunca poderiam levar-nos a acôrdo.

Os livre-arbitristas, com presuporem no homem uma capacidade de escolha, de deliberação, fundam, necessariamente, essa capacidade na existencia de ante-

rior conhecimento da cousa; e basta esse conhecimento, a experiencia pregressa, para determinar a escolha.

Por outro lado, os deterministas, buscando em todos os atos um ou varios fatores determinantes, não excluem o complexo fenomeno dos reflexos corticais, as intricadas associações ideativas do raciocinio, que envolvem a ponderação das premissas apresentadas, antes da conclusão do silogismo que se traduz no ato conciente. Se esse raciocinio, essa ponderação, essas proprias premissas já são fruto de determinantes anteriores, nada impede que se tenha passado o raciocinio, a ponderação, a escolha, o arbitrio. Não seria liberrimo esse arbitrio, por isso que condicionado ás possibilidades fisicas, biologicas, filogeneticas, ás injunções dos instintos e dos complexos recalcados. Mas a escolha por fim se verifica, entre as varias maneiras de dar fuga aos instintos originarios.

Os dous conceitos filosoficos se completam, assim, sob esse ponto de vista. Mas a noção de responsabilidade, decorrente do primeiro, não se coaduna com o segundo, enquanto absoluto. E por isso, a escola de LOMBROSO substituiu a responsabilidade criminal por temibilidade.

Os que, como GRASSET, se apegam ao substrato anatomico e fisiologico para resolverem fenomenos psiquicos, ligam o grau da responsabilidade (e, respectivamente, de temibilidade) á integridade biologica dos neuronios psíquicos. E' isso, porém, ladear a questão, pois nem em todos os casos a patologia tem revelado

lesões dos neuronios, nem se pode dissociar da psicologia pura a fisiologia das funções nervosas superiores.

E' pela psicologia, pois, que se deve abrir caminho á solução do problema; e como a psicologia classica pouco estuda os fenomenos de além-conciencia, é á nova ciencia de FREUD, á psicanálise, que devemos pedir subsidios uteis para aquela solução.

A psicanálise, no palmilhar o terreno invio do inconciente, nos demonstra quanto os impulsos primitivos guiam o homem na execução dos seus atos; chegaremos assim, a respeito de punição e profilaxia do crime, a conclusões analogas ás obtidas empiricamente pela Sra. MONTESSORI, no seu metodo de cultivar a iniciativa e adaptar o individuo ao meio, com toda a proscrição de penas e de premios. Desta sorte se poderá dizer um dia que o estudo da personalidade infantil guiou o estudo da personalidade adulta, ou que a *pedagogia destruiu a penalogia.*

II — O PONTO DE VISTA ANALÍTICO.

Quem quer que esteja mediamente familiarizado com a psicanálise conhece o complexo de Edipo, nas suas tres faces — a libido voltada para o objeto materno, a atitude ciumenta, rancorosa, inconcientemente hostil para com o pai e, ambivalentemente, a tendencia a identificar-se com este, já que não é sustentavel a posição de te-lo por inimigo.

Sabe-se que é graças á renuncia do objeto materno, que a criança, por fugir á atitude hostil para com

o pai, constroe, á imagem deste, o seu Super-Ego; a um tempo ideal de um novo Ego e instancia censora e repressora dos impulsos do Id.

Estudando o estado social dos povos primitivos, FREUD, na sua obra *Totem und Tabu* lembra o achado de DARWIN, de bandos de simios africanos, onde havia um só macho e varias femeas, denunciando isso que os demais individuos masculinos houvessem sido rechassados do bando.

Segundo a opinião de DARWIN os filhos masculinos seriam expulsos, em chegando á puberdade, em virtude do egoismo do pai, mais forte e senhor unico do gineceu. Fato semelhante devia ter acontecido na humanidade primitiva; e de certo se encontra aí a hipótese mais racional para explicar a exogamia. Segundo ATKINSON, os filhos teriam voltado, mais desenvoividos, a reconquistar as mulheres do clan; e o pai haveria sucumbido, ante o ataque coletivo, tal como se dá nos rebanhos de bois e cavalos selvagens.

A morte violenta do pai, entretanto, segundo FREUD, não teria resolvido a questão. Após ela, pairava no animo dos filhos o temor póstumo da autoridade paterna; e a propria proibição do incesto, imposta em vida do pai, lhes houvera gerado inibição bastante para impedir-lhes a violação. Lutariam os irmãos, pelo mando após a vitoria, desagregar-se-ia o clan, em consequencia disso.

A reminicencia do pai, repleta do temor póstumo, ter-se-ia corporificado em tudo quanto de estranho,

em a natureza, poderia tornar-se objeto desse temor. *Primus in orbe deos fecit timor.*

A transferencia de objeto é fenomeno comum, na pratica analitica. Em breve, o pai se acharia transferido para o *totem,* simbolo ordinariamente falico, muito geralmente sob a fórma de animal temido e sagrado. Tais são, igualmente, os simbolos que, em certas fobias, por exemplo, representam o pai.

Daí, o repasto totemico, o sacrificio do totem, uma vez por ano, proibido, entretanto, em outras ocasiões. A' custa desse repasto, que reconcilia os irmãos, é que se teria estabelecido o matriarcado. Os dous tabús principais, porém, estavam criados: a proibição do incesto, a proibição de matar o totem.

Assim, para FREUD, a sociedade repousa sobre um crime (o pecado original do sacrificio do pai); a religião, sobre a culpa e arrependimento; a moral, sobre a necessidade da vida coletiva e da expiação do pecado.

III — DO AMOR INCESTUOSO AO SENTIMENTO DE CULPA.

Gera-se no inconciente, pois, á custa de uma das faces do complexo de Edipo, um sentimento de culpa; culpa da inclinação para o objeto materno, culpa da violação do tabú endogamico, embora realizada apenas nos prodomos amorosos do carinho filial e na simbolização onirica; culpa do impulso para afastar o rival, destruir, anular, emascular o pai.

A terceira face do complexo de Edipo contribue para a formação desse sentimento de culpa: da tendencia para a identificação com o pai resulta a construção do Super-Ego, da instancia censora que o substitue. As recriminações desta instancia contra os impulsos eroticos e destruidores do Id colocam o Ego em situação angustiosa.

Dessa situação só pode ele sair, mercê de acôrdos, de compromissos, entre os impulsos libertadores da libido e a tendencia censora, recalcada, tambem inconciente, do Super-Ego. Esse acôrdo se faz, ás vezes, pela transformação do impulso em atos outros, insolitos uns (perversão, neurose) ou compativeis com a moral (sublimação).

Mas, como a representação acustica, verbal, é a que melhor se incorpora á conciencia (FREUD — *Das Ich und das Es*), sucede, muita vez, que o impulso se liberte sob a fórma de expressão verbal. O timido fanfarrão conta como feitos seus o que desejara haver feito; o artista realiza na sua ficção as atitudes e os atos que a "censura" lhe não permite; o psicotico delira sobre ações que lhe foram vedadas; o neurotico apavora-se ante a possibilidade de comete-las. E essa exteriorização do impulso em representação verbal diminue a sensação penosa.

E' assim que a confidencia e a confissão aliviam o "peso da conciencia", segundo a linguagem popular.

Para REIK (*Gestaendniszwang u. Strafbeduerfnis*), a confissão seria o meio de tornar conciente o impulso e assim mais facil de ser punido. A nós nos

parece ser secundaria essa fase. A capacidade censora do Ego é limitada e indireta, pois que se faz á custa das injunções do Super-Ego; no fundo, toda "censura" é inconciente. O sobrenadamento do impulso no Ego, sob a fórma de confissão, tem por fim, principalmente, a libertação do impulso sob a feição mais proxima do ato — a representação verbal do ato.

Uma das nossas doentes, torturada pela idéa de origem onirica de vingar-se da irmã que a houvesse traído com o esposo, sentia fugir-lhe todo o sofrimento, quando confessava á propria irmã os seus vãos receios e a sua insana tenção.

E' a velha historia do barbeiro do rei Midas, que não descançou, enquanto não confiou á terra discreta o seu perigoso segredo. E' o conhecido estado dalma de quantos obrigados a guardar sigilo; de quantos sentem prazer e alivio em encontrar a quem fazer confidencias. E' o conforto místico que deriva da confissão religiosa dos pecados. Não é estranha a esse mecanismo a propria trama do tratamento psicanalitico, que faz chegarem á tona da conciencia os impulsos reprovados pela censura. Outro não é, tampouco o mecanismo dos erros e lapsos de linguagem falada ou escrita, em que, sob a fórma de representação verbal, se exterioriza o impulso, a despeito da força repressora da censura.

Da mesma maneira, é identica a origem da confissão do delinquente. O sentimento de culpa não é sempre posterior ao crime; precede-o, muita vez; e o crime é, nesses caso, a tentativa de tornar conciente,

compreensivel, ponderavel, a culpa, ao mesmo tempo, ancestral e infantil, do complexo de Edipo. Mas, nem sempre o delito cometido favorece a libertação completa dos impulsos; estes, representados no inconciente sob fórmas sexuais — eroticas e sadicas — nem sempre se reproduzem tais quais, no crime. Nesses casos, a representação verbal da confissão auxilia a libertação dos impulsos.

Outras vezes, ainda quando tal libertação haja sido completa, ela se repete, por necessidade imperiosa, em crimes semelhantes. Prende-se a esse fato o grande "principio da repetição", enunciado por FREUD e que se encontra na base de todos os fenomenos naturais. E' graças a essa tendencia para a repetição que a confissão se torna necessaria ao criminoso, que assim dá nova e repetida libertação aos impulsos, já na confissão plena, já nos lapsos com que deixa trair-se.

Mas a confissão, muitas vezes emocionada e lacrimosa, do criminoso, não alivia sómente a este; satisfaz, igualmente, á autoridade interrogante. O valor que demasiado se ligava, antigamente, á confissão do réo, deriva da necessidade de acalmar a angustia do juiz. Os proprios dados acima expendidos provam que a confissão pode ser apenas o substitutivo da tendencia delituosa que não chegou a ser realizada sob fórma de crime. Mas, sincera ou não, essa confissão traz ao juiz bastante serenidade, para a aplicação da pena.

Donde essa angustia do juiz, a que sucede o alivio, com a confissão do acusado? Do receio de punir um inocente?

Examinemos a questão, subdividindo-a, para estudar a ansia de punir e o estado de inocencia.

Recordando os ominosos tempos da Inquisição, veremos que ali a punição precedia a convicção do crime. Torturava-se o acusado, para que este confessasse; já essa tortura era, por si só, punição. Não era, pois, o anseio de obter a confissão, pelo receio de punir um inocente, o que justificaria a tortura. Era apenas o anseio de punir; de punir, em alguem, um vago crime.

Com efeito, a escola de CARRARA, obedecendo aos conceitos dominantes na sua época, preconizava a punição do crime, abstraindo da personalidade do criminoso; e ainda os codigos modernos são simples listas de delitos e de penas.

Onde, pois, esse crime vago, contra o qual a Inquisição empregava a tortura e os inqueritos atuais empregam, pelo menos, o interrogatorio cerrado, até á fadiga, o questionario em horas de sono, a violencia da "reconstituição do crime", quando não outras violencias verdadeiramente inquisitoriais? Onde essa culpa abstrata, vaga, imaginaria? Em que imaginação? Em que "conciencia", ou melhor, em que inconciente?

Não é dificil responder, agora, com os dados da psicanálise: na mente, no inconciente da autoridade inquisidora. O fato delituoso realizado — é bem sabido — desperta frequentemente, por contagio mental a realização de outros delitos semelhantes; se a realização, porém, nos chega ao conhecimento, não nos che-

gam as vontades, as tendencias, os impulsos abortados, que não puderam realizar-se.

Toma-se, então, a multidão de verdadeiro movimento sadico contra o criminoso, a quem muitos quereriam linchar, espostejar... E a pena capital é reclamada por todos os labios. A pena capital é homicidio legal, mas homicidio, não obstante; e quantos têm dentro de si impulsos homicidas inconcientes, deixam-nos exteriorizar-se em tal momento, contra o objeto em fóco — o criminoso. Assim, tambem, roubar é crime; mas a inveja aos ricos e o anseio de rouba-los se traduz em movimentos licitos nos impulsos de igualitarismo, de confiscação dos bens ao despota, ao poderoso, acusado dos crimes que nos estão latentes, sob a fórma de tendencias.

O juiz não tem diferente a sua psique inconciente. E a sua "perpetua vontade de dar a cada um o que é seu" é, antes de tudo, um inconciente desejo de dar a si mesmo o que lhe é proprio e dar aos demais o que lhe é penoso conservar. Desta ultima natureza é o sentimento intimo de culpa pelos impulsos naturais, brutos, antisociais. FREUD chama projeção a esse fenomeno, de derivar sobre o ambiente as recriminações do Super-Ego. O algoz projeta sobre o executando os seus proprios sentimentos de culpa e realiza na vitima um impulso semelhante ao que moveu o criminoso. Assim, as guerras, as revoluções, as expedições "punitivas" libertam coletivamente os nossos impulsos sadicos e aliviam-nos dos tabús ancestrais, por meio do morticinio, do saque, da violação de mulheres.

Como sempre, a esse impulso sadico corresponde e muita vez com ele coexiste o anseio contrario, masóchico. A' necessidade de punir corresponde a necessidade de ser punido. Premido entre os impulsos selvagens do Id e a repressão do Super-Ego, submete-se a este, muita vez, o Ego, preferindo a punição á tortura da angustia. A confissão, neste caso, com dar fórma verbal ao impulso, justifica, perante o Ego, o castigo. Assim, a confissão do réo tranquiliza a conciencia do juiz.

Mas todas as recriminações do Super-Ego, instancia parental, associam-se, de elo em elo, ás representações do complexo de Edipo. Acorrem as reminicencias da infancia, quando o pai é o juiz supremo, onipresente, oniciente, onipotente, germe domestico dessa outra Justiça Divina, ideada na vida adulta.

O crime inerente ao complexo de Edipo é, porém, crime sexual — a posse da esposa paterna; e essa posse se representa, no inconciente infantil, pelo anseio de inclusão, de penetração no organismo materno. O anelo de volta ao materno regaço, traduzido, nas fantasias infantís e nos sonhos, por todos os simbolos do *Mutterleib,* toma forma palpavel, provavelmente por via filogenetica, no anseio de posse fisica, de conjunção, de cópula. Essa cadeia inconciente de associações de idéas é o que faz a coincidencia das representações "punição" e "castração", que se encontram frequentemente nas analises, maximé nas analises infantís.

O rancor contra o pai levado ao extremo da castração, vemo-lo, por exemplo, na lenda de Urano, cas-

trado pelo filho Chronos; igual representação temo-la encontrado na analise de neuroticos: um dos nossos doentes foi levado a estudar medicina após uma operação que o pai sofrera na uretra, intervenção esta associada, na mente infantil, á castração; assim, medico, poderia ele executar a emasculação paterna, a exemplo dos cirurgiões que haviam operado o pai.

A emasculação paterna, isto é, a subtração ao pai da possibilidade de possuir a mãe, parece ser a expressão maxima do rancor filial, no complexo de Edipo. Por outro lado, a idéa de castração do filho, tantas vezes acentuada por acidentes infantís e por ameaças graciosas ou punitivas, seria a mais temida das punições pelo crime do impulso incestuoso. Essa é a genese mas provavel da identificação tão comumente encontrada, entre punição e castração.

O receio de castração gera a angustia e FREUD, algum tempo, ligou á primeira o papel de causa maxima da segunda. Na realidade — ele concluiu depois, mediante posterior experiencia — o penis representa o traço de união que permitiria a volta ao ventre materno; e a castração, a revogação de toda possibilidade (FERENCZI).

Sendo esse o instrumento para tal capacidade e sendo essa capacidade proibida pelo tabú incestuoso, prefere muita vez o Ego afastar de uma vez todas as possibilidades de incesto, tal como o preferira Edipo, na lenda grega, ao afastar-se dos pais que julgara legitimos. Daí, a perversão dos autocastradores, da seita dos Escopsís; daí, a autopunição sob varias fórmas, a

autoflagelação, a autoacusação, a propria confissão, o cultivo da dôr, entre os neuroticos, o masóchismo, por fim.

A mesma origem têm os atos desastrados, de formação analoga á dos erros e lapsos de escrita, de linguagem.

Já em outro trabalho examinámos os desastrados, os que se punem a si proprios, por meio de atos mal executados, os que perdem objetos de valor, os que se metem á frente dos veículos, os que se precipitam, inconsiderados, os que se queimam, se molham, se sujam, escorregam e caem, quando tal não lhes fôra de esperar da conhecida ponderação.

O destino, o azar como que perseguem a tais individuos; eles trazem consigo essa má-sórte, essa "caipora", essa "guigne", que nada mais é do que a acusação intima do Super-Ego. Eles têm como que um conhecimento nebuloso da punição para que tendem; e dizem que têm um "pressentimento" do desastre a que voluntaria e inconcientemente correm.

Na escola, é relativamente comum encontrar crianças que provoquem a punição; punidas, serenam. Tambem J.J. ROUSSEAU confessara o prazer que a flagelação lhe causava. Crianças desastradas, que vivem a entornar tinteiros ou levam tombos frequentes, sem motivo aparente, são faceis de encontrar; assim tambem crianças — e até adultos — que incorporam a propria culpa as faltas alheias e falsamente se confessam culpadas, para atrair a punição.

Mas, tambem na escola se encontra a punição-sa-

dismo, como a punição-projeção. Quantos alunos são verdadeiras cabeças-de-turco da classe!

IV — UM DIREITO PENAL NOVO.

Das considerações acima e dos estudos de FREUD e de REIK ressalta a necessidade de novas diretivas ao Direito Penal.

Por que se pune? Por sadismo ou mercê da projeção das nossas proprias culpas sobre o acusado. Por que outro motivo? Para atemorizar? Para desafrontar a sociedade?

O temor da pena não tem tamanho efeito profilatico sobre o crime. Desde que a culpa existe intima, sob a fórma de um complexo infantil, desde que o impulso insatisfeito urge por libertar-se, ainda que deslocado e transferido, o crime tem de realizar-se, ou para objetivar o sentimento de culpa, ou para dar qualquer saida ao impulso.

O contagio mental, por exemplo, dando fórma á idéa embrionaria, facilita a execução do delito. A impossibilidade material de comete-lo não adormece, só por si, os impulsos estuantes. Estes terão saida pelo suicidio, pela neurose, pela perversão, ainda quando não a possam ter pelo crime. E a neurose e a peversão podem tambem conduzir ao mesmo fim delituoso.

Desafrontará, acaso, a pena á sociedade? E' tão vaga essa expressão — afronta á sociedade! Será a sociedade passivel dessa afronta, desse agravo, ela que, coletivamente, ou por seus prepostos, mata nas guerras

e nas execuções capitais, rouba nos confiscos e nos impostos, mantém ou tolera a escravidão, a prostituição, o proletariado misero e o capitalismo ocioso? E' passivel de oprobio a adultera, ante a sociedade que a formou e se aproveitará da sua falta? E' criminoso o mendigo a quem a sociedade não educou para o trabalho? o desertor forçado a um meio estranho e de dificil adaptação? o estelionatario, cujo talento inventivo a sociedade não soube aproveitar? E' tão perfeito e impecavel o organismo social, que seja passivel de agravo?

O que realmente se dá é que, como o bode expiatorio da tragedia grega, o criminoso corporifica as culpas e os anseios sadicos da sociedade inteira, que, graças a ele, vibra toda de emoção e o imita — em outros crimes ou em inquerito, julgamento, condenação, punição.

O sentimento social é para a coletividade um enorme Super-Ego, repressor e censor. Como o Super-Ego, feito á custa do material inconciente do Id social, que repete todos os impulsos da raça e da especie. O papel repressor desse sentimento social não basta, para modificar os impulsos individuais, como não basta, para isso a censura do Super-Ego. Se por vezes o individuo se submete, se por vezes, ante o déspota, o povo se deprime, nada o impede de irromper um dia, subitamente, em revoltas e em guerras. Os estados melancolicos, introvertidos, passivos são quasi sempre frutos de submissão transitoria, a que se segue muita vez, o delirio furioso.

Não valem ameaças do Censor contra os impulsos naturais. O inconciente arcaico rompe todas as cadeias, se não lhe deixam que se liberte aos poucos, sob fórmas brandas, esgotando paulatinamente os estos da libido.

Ditas essas cousas, que vale a punição? Buscada pelo criminoso, para obviar á propria angustia, executada pelos algozes para transferencia dos proprios impulsos, que valor social representa ela? Já a pedagogia de MONTESSORI a proscreveu das escolas. Repitamos: *a pedagogia destruirá a penalogia.*

Dia virá em que não se discuta mais o valor do testemunho, já tão nulo, ante a psicologia nova do inconciente; dia virá em que a confissão, reduzida ao seu verdadeiro conceito de autopunição e libertação dos impulsos, nada mais significará do que um dado precioso para o estudo da psicologia do individuo acusado.

E a responsabilidade, reduzida ás suas componentes de doença, de complexos recalcados, de educação, será nome obsoleto, requerendo o seu conceito apenas as medidas sociais de cura, analise e reeducação.

Reconstruida a sociedade sobre novas bases, conhecida a trama sexual dos impulsos, varridos os tabús milenares e arquitetado sobre os fundamentos da nova ciencia esse mundo ideal com que sonhou FREUD no seu livro *Die Zukunft einer Illusion,* o crime deixará de existir.

Enquanto isso, cabe á educação norteada pela psicanálise, criar, desde o berço, os novos cidadãos que

hão de dar á nova coletividade uma fórma mais perfeita, pela sublimação conveniente dos impulsos animais.

Rio, 24 de outubro, 1928.

PROFILAXIA DOS MALES DA EMOÇÃO

Comunicação ao 1.º Congresso Latino-Americano de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em Buenos Aires, novembro de 1928

1 — A TEORIA DAS NEUROSES, SEGUNDO FREUD

Distingue o prof. SIGM. FREUD *neuroses atuais, neuroses de transferencia* e *neuroses narcisicas*.

A's neuroses atuais reconhece aquele sabio mestre um fundo organico, embora se pense geralmente que a psicanálise precinda em absoluto de qualquer coparticipação somatica.

São "neuroses atuais", para FREUD, a *neurastenia*, a *neurose de angustia* e a *hipocondria*. A primeira pressupõe um esgotamento de energias, originado geralmente em excessos sexuais deturpados. Produ-la, principalmente, o onanismo, ou ainda, levadas a exagero, as atividades parassexuais em que se pode desviar a libido. Assim se compreende possa a demasiada atividade psíquica necessaria ao complemento da satisfa-

ção sexual produzir esse esgotamento. A "neurastenia", depois de desmembrada por JANET, passa a ter, com FREUD, a sua significação verdadeira, etimologica, de esgotamento da energia nervosa.

O tratamento psicanalitico não lhe basta, mas a terapeutica tonica, quimica e endocrinica nem sempre lhe são suficientes, como nem sempre o repouso consegue a cura.

A *neurose de angustia,* ou neurose do medo (*Angstneurose*), pois que *Angst* traduz a um só tempo medo e angustia, significa principalmente esses estados de medo imotivado, de insatsfação, com um quadro de ansiedade típico, no qual o doente objetiva o seu temor numa e noutra causa ou em causa vaga, em causa alguma. Distingue-se bem do das *fobias* esse medo, por isso que não o causa determinado objeto, senão o motivo inconciente, recalcado, que não conseguiu projetar-se fixamente em nenhuma representação exterior.

Liga FREUD essa neurose, a abstinencia sexual, no sentido mais lato, desde a abstenção total, mal sublimada em atividades uteis á sociedade ou com ela compativeis, até a restrição imposta ao prazer da cópula pela repugnancia ou pelo receio de infecções, pelas convenções sociais ou pelo interesse economico, no sentido de evitar a fecundação.

A *hipocondria,* agora ressuscitada pelo grande professor de Viena, encontra sua aplicação em casos de forte depressão de humor, com exagero de cenestesia, que beiram os estados melancolicos e muita vez são com eles confundidos, casos que muita vez se acom-

panham de verdadeiras halucinoses, nunca de halucinações e nunca de ilusões; o que bastará para o diagnostico diferencial para com a psicose maniodepressiva de KRAEPELIN.

Tambem na hipocondria se reconhece um estado originario de perturbação das funções sexuais; mas, nestes casos, a perturbação tem como causa, via de regra, um estado distrofico que inabilita o paciente de obter a satisfação sexual, no amplexo genesico, pela anormal fixação da libido nas zonas erotógenas visceraes.

Nas neuroses atuais, pois, existe sempre um fundo organico; esgotamento de natureza medualr, na neurastenia pura, com todos os sintomas de fraqueza e de irritabilidade da medula, as cefaléas, as dores lombares, as criestesias e perturbações correlatas do sistema autonomo; na neurose de angustia, a abstinencia total ou relativa do prazer sexual, com o despertar de todos os complexos até então sublimados; na hipocondria, o estado discrasico, gerando a inapetencia genital, a exaltação das representações cenestesicas, a depressão do humor.

Neuroses de transferencia são aquelas que, ao fim do tratamento psicanalitico, se curam pela transferencia da libido para o analista, transformado em objeto ultimo.

São elas, na classificação de FREUD, a histeria de angustia, a histeria de conversão e a neurose coata.

Na histeria de angustia inclue FREUD as varias fobias. E' de notar que o sintoma medo é comum a esta

neurose e a já referida neurose de angustia. Mas, repitamos, nesta ultima, o medo é indefinido, não se fixa sobre determinado objeto ou apenas voeja de causa em causa, ao sabor do momento. Já nas fobias, o fenomeno é diverso: a angustia fixa-se em dado objeto: o espaço, as pontes, os pequenos animais, a infecção, etc., donde a vasta e rebuscada nomenclatura desses estados ansiosos, com inutil gasto de raizes gregas.

Por que o nome de histeria? Porque, á mingua de qualquer causa organica, sómente causas psicogenas foram encontradas nessa neurose e essas causas coincidem com as da histeria classica. Resumem-se essas causas, afinal, no apetite sexual existente mais insatisfeito, o que explica até certo ponto o fenomeno angustia; mas ainda no *receio* de satisfazer a libido pelo coito, o que explica a fobia.

A angustia é, em ultima analise, a defesa contra a tentação libidinal, transferido o objeto sexual para outro objeto, confessavel este. Complexo de Edipo e complexo de castração se encontram frequentemente, á raiz desses casos.

Já a *histeria de conversão,* mais proxima da histeria classica, não apresenta, senão excepcionalmente, o fenomeno angustia. Nessa neurose, o doente (o seu Ego) conseguiu um compromisso entre os impulsos do Id e as recriminações do Super-Ego. Nas neuroses ansiosas, essa luta entre as duas instancias psiquicas e o receio da repreensão parental do Super-Ego geram a angustia. Na histeria não ansiosa, o impulso conseguiu um acôrdo, ou pela defesa de uma paralisia ou

pelo ludibrio de uma manifestação motora, que, no caso, substitue os movimentos do ato sexual, largamente considerado (histeria de conversão), ou ainda pela fixação num territorio organicamente miopragico (histeria de fixação).

A *neurose coacta* compreende os casos de obsessões, idéas fixas e impulsões, subdivididos por JANET, mas que encontram unidade de causa, do ponto de vista psicanalitico.

Já aqui o Ego, ante as recriminações da instancia censora (Super-Ego), se integra na culpa, reconhece-a, assimila-a e a unica libertação que encontra é representada pelo anelo de punição. Contudo, a autoacusação não se manifesta tal qual, tanto mais quanto os impulsos do Id não cedem as suas prerrogativas. Estabelece-se o compromisso: a transformação da angustia do Ego em sintoma se faz á custa de longa cadeia de associações de idéas. Tal rapariga, presa dos impulsos gerados pelo complexo de Edipo, sentindo-se impura, manchada na sua honra, segundo as acusações do Super-Ego, por desejar o pai, tratara de lavar, não a abstração que é a honra, mas o corpo que teria sido conspurcado pelo incesto, se acaso ela houvesse cedido aos impulsos do Id.

A instancia censora, entretanto, vela; a manobra purificadora tem de disfarçar-se bastante, para não ser reconhecida; o ato obsessivo reveste-se, então, de complicado ceremonial, ás vezes com o cunho de verdadeiro rito religioso.

Nas *neuroses narcisicas,* o Ego, renunciando a toda

e qualquer resistencia, introverte-se; após a renuncia de todos os objetos de sua libido, para não sofrer mais as censuras do Super-Ego, busca identificar-se com este e transforma a si mesmo em objeto.

Estão nessa classe entidades consideradas geralmente psicoses, nas quais FREUD reconhece um fundo originario psicogeno, o que não obsta a que, com a evolução do mal e principalmente graças ás perturbações do sistema autonomo, tão á mercê das emoções, se enxertem mais tarde perturbações possiveis, organicas, via de regra endocrinas.

Assim classifica FREUD nesse grupo a paranoia classica (não sómente a Kraepeliniana) e as esquizofrenias, uma e outras unificadas sob a denominação "parafrenia", que foi o professor de Viena o primeiro a empregar. Inclue ainda no grupo, sob o nome de "melancolia" todas as sindromes maniodepressivas, cuja fórma fundamental, para ele, é a melancolia, nada mais sendo a fase maniaca do que uma fuga do Ego, fatigado da introversão da fase depressiva ou dos chamados intervalos lucidos.

II — A COMPONENTE EMOTIVA E A COMPONENTE ORGANICA.

Vê-se, do exposto, que, se em algumas neuroses, não em todas elas, é de notar-se o fundo organico necessario á sua declusão, em todas porém, atuais, transferiveis ou narcisicas, entra como grande fator a componente emotiva.

Não cabe aqui logar para mais longa exposição da teoria psicologica sobre que se baseia a ciencia de FREUD. Apenas lembremos que as emoções sexuais da vida infantil, principalmente aquelas recebidas durante o periodo de organização do Ego, cavam fundo na estrutura da personalidade; e, como são infensas ao meio — pois que coletividade e sexualidade normal não fazem liga (1) — são obrigadas ao recalcamento, integrando-se no acervo inconciente do Id, que busca exteriorizar os seus impulsos em relação com aqueles complexos, toda vez que uma idéa associada os faz despertar.

A inibição interposta a esses impulsos pelos preconceitos da educação — normas sociais, crenças, abusões, tabús herdados, etc. — gera o grito de alarma da angustia; e por fim, o impulso inconciente transforma-o o Ego no compromisso do sintoma, com o qual consegue passar indene ante as recriminações da instancia parental, censora — o Super-Ego. (2)

E' relativamente facil perceber em qualquer neurose a sucessão desses fenomenos — a tendencia para a exteriorização do impulso, a inibição e a angustia consecutiva e a exteriorização final, deturpada, por meio do sintoma. E', porém, na neurose coacta que melhor se pode acompanhar o processo.

No declinio do complexo de Edipo, constróe muita

---

(1) FREUD — *Totem u. Tabú* — Ges. Schriften — Vol. X.
(2) FREUD — *Hemmung, Symptom. Angst. u.* — Ges. Schr. — Vol. XI.

vez a criança um conceito inconciente exagerado da sua impulsão para o genitor de contrario sexo, donde, para a identificação homossexual e criação do Super-Ego, o desenvolvimento de um sentimento intimo de culpa.

E' esse sentimento, inspirado pelo Super-Ego e mal incorporado pelo Ego, que determina a inibição dos impulsos, revelada pela angustia. A transferencio dos impulsos se faz, então, mercê dos compromissos, por meio de representações verbais que se traduzem em fórma de impulso de confissão e anelo de punição.

Esse anelo se traduz em atos obsessivos, para purificação ou para punição.

Em muitos casos é dado perceber a evolução desde uma neurose atual originaria até a neurose transferivel ou narcisica. O fator organico foi, nesses casos, a espoleta deflagradora. Mas o explosivo é constituido pela componente emotiva, de origem sexual e infantil, sem a qual fôra impossivel a neurose.

O fator hereditario, muita vez, não é estranho nessa colaboração; FREUD já o reconhecera desde os primordios dos seus estudos. Mas esse fator não é imprecindivel.

III — AÇÃO DOS COMPLEXOS.

1. *Complexo de Edipo* — Já é bem conhecida a formação desse complexo, com as suas tres faces: a libido voltada para o genitor de contrario sexo, o rancor contra o genitor de igual sexo e, graças á ambi-

valencia dos impulsos, a tendencia para a identificação com este. Sabe-se que, ao encetar o periodo sexual de latencia, a criança entra a renunciar a aquele objeto que lhe é vedado; a atitude censora do genitor de igual sexo é integrada na psique: o Ego constróe, com material inconciente, á custa do Id, um ideal do Eu, uma instancia censora — o Super-Ego.

A luta entre os impulsos persistentes do Id, a buscar sempre o objeto incestuoso e a instancia censora — nós a vemos, na analise da neurose coacta e das histerias, assim como na das neuroses narcisicas. Ora, o Ego transmuda os impulsos inconcientes em manobras não sexuais, ora se acusa e purifica ou pune, ora se homossexualiza e adquire a feição do censor, desviando para o ambiente o sadismo do Id, ora se submete, inteiramente derrotado ou busca, mesmo, destruir-se.

2. *Complexo de Castração* — A formação desse complexo prende-se á incompreendida diferença dos sexos, ignorada ou erradamente aprendida pelas crianças. Os orgãos genitais das meninas parecem-lhes, assim, terem sido alvo de castração, tão dificil é, nas primeiras idades, conceber o conceito aparentemente negativo desses orgãos, em relação aos masculinos.

A's fantasias infantís formadas a esse respeito, se somam, de frequente, as ameaças graciosas ou a titulo de repreensão. Em breve, castração e punição são assimiladas na mente infantil; e, para os filhos masculinos, que são naturalmente os que temem a castração,

esse temor se fixa no pai; assim se somma o complexo de castração a uma das fases acima descritas do complexo de Edipo.

Analogamente se fórma, nas crianças femininas, o sentimento a que FREUD chama *Penisneid* — a inveja do penis: o desgosto de não possuir um penis, ou de have-lo perdido por castração; e o desejo de vir a possuir um, mais tarde, por desenvolvimento analogo ao dos seios. Esse processo psíquico favorece, muita vez, a fixação clitoridiana.

Vemos esse complexo, sob as duas fórmas respectivas, nas fobias da histeria de angustia e notadamente na impotencia psíquica; ele não é estranho ás paralisias histericas; e graças á regressão topica, podemos encontra-lo na hipocondria e na melancolia.

Notavel é a sua influencia na formação do caracter: a timidez dos homens, até mesmo — já foi lembrado — a atitude passiva das mulheres, mas de certo o exagero dessa passividade podem ter essa causa; assim como a *Penisneid* pode gerar nas mulheres tendencias masculinas e homossexuais.

3. *O erotismo anal* — A fixação anal, com as suas varias componentes, entre as quais avultam o impulso da retenção e o da evacuação subita e violenta, o interesse pelos dejetos e pelos proprios produtos, a minuciosidade e a pontualidade, o desasseio e o asseio consequente, a cultura dos sons, a atenção para os gazes e ventos, o amor da pesquiza, etc. — forma o

carater analerotico, de tão grandes variedades, que faz os reprobos ou que gera os santos.

Sem contar a sua contribuição para as perversões sexuais, pois que naquela fase de evolução a libido abstrai da diferença dos sexos e deixa ressaltar principalmente a sua componente sadica — vemo-lo na base da hipocondria, com as suas halucinoses cenesteticas e na histeria masculina; e não é estranho ao sadismo dos delirios furiosos, como á Grubelsucht.

4. *Erotismo oral* — O complexo de sucção, formado pelo cultivo da sexualidade oral — o que se faz comumente desde o berço — vamos encontra-lo formando o nucleo do impulso para os toxicos que se ingerem pela boca, o que já reconhecera FREUD desde os seus primeiros trabalhos. (1)

Entra naturalmente na genese do *cunilingus* e da *fellatio* e contribue para a introversão extrema da melancolia, como para o narcisismo menor da hipocondria, sem contar os vicios do chuchar do dedo, da onicofagia, da glutoneria.

IV — INFLUENCIA DA EDUCAÇÃO.

Para a formação dos varios complexos, influe o meio e naturalmente a educação.

Influe, geralmente, determinando a regressão e a

---

(1) FREUD — 3 *Abh. z. Sexualtheorie* — Die Sexualitaet in die Aet. der Neurosen.

fixação da libido em localizações outras, via de regra cronologicamente anteriores; influe pela falta de norma geral educativa norteada de acôrdo com o evolver da sexualidade infantil; influe pela falta de instrução sexual ou por instrução erronea e obcena, a que se acrecenta o cultivo de superstições leigas, religiosas e civicas; influe, finalmente, pela propria organização social, cujos tabús têm chegado a complexidade inteiramente antagonica á satisfação dos impulsos naturais.

Com efeito, sabe-se que tendencia cultivada significa tendencia fixada, que não permite ulterior evolução ou, pelo menos, a cerceia; e que o conflito no dominio de uma tendencia determina, muita vez, a regressão ás fases anteriores do desenvolvimento sexual.

Para esses fenomenos contribuem as normas de educação aberrantes dos conceitos adquiridos pela experiencia psicanalitica — o cultivo do prazer bucal pela sucção; a fixação do erotismo anal pelo habito de acompanhar o ato da defecação de outros que dão prazer ou de revestir aquele ato de qualquer feição agradavel; ou ainda pela flagelação das nadegas, etc.; o desenvolvimento do narcisismo pelas varias maneiras de excitar a vaidade ou de excitar o erotismo esparso, tegumentar.

Coopera ainda para identico fim a falta de instrução sexual adequada, pois que é ela adquirida pelos rapazes de modo malicioso e ás vezes perverso, enquanto que as raparigas só a têm, muita vez, com grande conflito emotivo, no leito nupcial.

A par dessas aberrações da educação, as abusões,

as lendas e contos simbolicamente sexuais estimulam a fantasia infantil, já de si tão fecunda em criar lindas mentiras no logar das verdades negadas.

Os preconceitos leigos, miticos, todos originados de impulsos sexuais que se transvestem, se transmudam, se disfarçam, vêm cooperar na personalidade artificial, anti-natural, anti-humana, disposta assim ás neuroses e ás perversões.

E assim se forma um complexo de castração, um sentimento intimo de culpa, de inferioridade, um desejo de confissão, de purificação, de punição — tudo quanto torna o homem improprio para o meio social que assim o preparou tão mal para a vida coletiva.

A organização da familia, onde o homem é senhor, a mulher objeto de prazer e os filhos — escravos ou animais de luxo, não é absolutamente compreendida pela criança, que apenas vê nos pais o objeto libidinal e o rival prepotente e a quem ora se lhe entreabe um mundo de maravilhas, ora se lhe fecha o horizonte com a proibição do incesto.

A inibição dos impulsos que ninguem cuida em sublimar gera a angustia infantil que os pais não compreendem e que os proprios medicos ainda hoje, muita vez, levam á conta de estados anemicos, de hereditariedade, de quantos fatores organicos vagos substituiram a antiga metafisica da atrabilis e dos humores pecantes.

V. — OS FATORES ADJUVANTES — O ANCESTRE, A INFECÇÃO, A INTOXICAÇÁO.

1. *O ancestre* — No nosso caso de sul-americanos, o fator ancestral se representa pelas heranças índica, negra, mourisca e branca.

Os tabús milenares desses grupos ou raças estão somados na maior parte das nossas populações. Tudo quanto nos legaram o indigena e o negro de suas mentalidades prehistoricas, com os seus tabús tanto mais imperiosos quanto mais primitivos; tudo quanto a mescla arabica que dominou na Iberia possuia de arrogancia e de moleza oriental; tudo quanto o branco conquistador nos trouxe de concupiscencia, sadismo e luxuria — tudo se acumula em conflitos intimos, no nosso inconciente ancestral.

A evolução lenta que permitiu aos indo-europeus a transformação gradual ou por breves crises dos seus varios tabús primitivos até as normas sociais, politicas e religiosas da éra do descobrimento, não poude ser transmitida tal qual, na genese dos nossos povos, que tiveram de assimilar ao mesmo tempo o fatalismo mourisco e a imprevidencia, a impulsividade nativa e o contemplativismo, dos selvagens autoctones ou importados.

A hesitação e a tardança na nossa evolução politico-social, a tendencia para a caudilhagem, o narcisismo nacional, acompanhado ambivalentemente pelo derrotismo *intra-muros,* a fascinação das cousas estrangeiras — ainda que ouropeis — e, do mesmo passo,

a xenofobia improficua, assim como o sentimentalismo da terra e esse outro amor edipiano que faz por uma mulher perder-se um país — tudo isso se compõe do atavismo índico, negro, mourisco, em conflito com a rara herança nordica.

2. *Infecção, Intoxicação* — Juntem-se a esses fatores vicerais os outros, ocasionais, das intoxicações e infecções degenerantes e veremos quão dificil é para a America Latina esse problema — a profilaxia dos males da emoção, que deve estar na base de todos os problemas patrios.

VI — A PREVENÇÃO.

Já que não é possivel desfazer o caldeamento de raças de que se compõe o homem Ibero-americano, a prevenção dos males apontados deve fazer-se, não obstante, tendo, principalmente, como nucleo, uma educação norteada no sentido de evitar á criança os traumas emotivos que ordinariamente servem de base futura á perversão sexual e á neurose.

Não se consegue isso fechando os olhos e recusando reconhecer a sexualidade infantil, nas suas modalidades ainda embrionarias, nebulosas. E' preciso encara-la com sinceridade, estuda-la e guia-la.

O véo de misterio que se tem posto sobre as cousas relativas ao sexo tem-se estendido a tudo quanto longinquamente possa lembra-las. Mas como elas se impõem pelos impulsos naturais que as apresentam, vi-

vemos a tolerar-lhes as manifestações sob as fórmas simbolicas de representações varias.

Dispamos, aos poucos, desses simbolos, a nossa civilização. Falemos a verdade ás crianças, depois de havermos reconhecido a natureza dos seus impulsos, para sublimar estes em atividades uteis.

Preparemos os nossos filhos para a evolução social que caminha a passo de gigante, pelo caminho violentamente aberto pelo Sovietismo. Reconheçamos que não sabemos educar os nossos filhos pequeninos e entreguemo-los aos tecnicos, desde cedo, como ora os entregamos aos oito anos: compreendamos que nessa idade já é tardia a educação, por já formado o carater.

Reconheçamos á mulher o seu direito á emancipação e tornemo-la cooperadora, não apenas companheira.

Se os nossos tabús religiosos persistirem — e não viveremos sem eles — que nos sejam menos coercitivos dos impulsos que levam o homem não só e diretamente á nobre reprodução da especie, mas tambem aos mais elevados designios sociais.

Depois de tudo isso, a campanha contra os males da infecção e da intoxicação será tarefa branda. E os Congressos futuros hão de reunir-se, não para discutir casos clinicos e normas de tratamento mas sim para declarar a melhora da nossa raça, a nossa superioridade na America e no mundo.

15, outubro, 1928.

INDICE

Conceito e historia da psicanálise 9
O carater do escolar, segundo a psicanálise 33
Em torno á mesa 65
Sobre o suicidio 73
Instrução e educação sexuais 79
Bases da educação moral do brasileiro 97
Contra o alcoolismo, pela psicanálise 121
Conceito breve da psicanálise 133
Sobre espiritismo 139
Aspectos clinicos da psicanálise 145
Educação e psicanálise 159
Aplicação psicanalitica á formação moral da criança ... 171
O ponto de vista metapsicológico 189
Da conjugação dos simbolos 211
Leitura para crianças 223
Conceito psicanalitico da pena 243
Profilaxia dos males da emoção 261

২০